

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Príncipezinho Le Petit Prince

Lecture bilingue portugais - français



Antoine de Saint-Exupéry

O PRINCIPEZINHO –

LE PETIT PRINCE

1943



Lecture bilingue portugais – français

proposée par J'aime le portugais



L'œuvre originale et sa traduction sont toutes deux dans le domaine public.

Pour chaque chapitre, vous trouverez :

- le chapitre complet en portugais
- puis la version bilingue, phrase par phrase, avec la phrase en portugais suivie de la phrase en français.

TABLE DES MATIÈRES

| | |
|---------------------------------|-----|
| PARA LÉON WERTH | 6 |
| CAPÍTULO 1 – CHAPITRE 1 | 9 |
| CAPÍTULO 2 – CHAPITRE 2 | 15 |
| CAPÍTULO 3 – CHAPITRE 3 | 26 |
| CAPÍTULO 4 – CHAPITRE 4 | 33 |
| CAPÍTULO 5 – CHAPITRE 5 | 42 |
| CAPÍTULO 6 – CHAPITRE 6 | 52 |
| CAPÍTULO 7 – CHAPITRE 7..... | 56 |
| CAPÍTULO 8 – CHAPITRE 8 | 67 |
| CAPÍTULO 9 – CHAPITRE 9 | 78 |
| CAPÍTULO 10 – CHAPITRE 10..... | 86 |
| CAPÍTULO 11 – CHAPITRE 11 | 103 |
| CAPÍTULO 12 – CHAPITRE 12 | 108 |
| CAPÍTULO 13 – CHAPITRE 13 | 112 |
| CAPÍTULO 14 – CHAPITRE 14 | 125 |
| CAPÍTULO 15 – CHAPITRE 15 | 136 |
| CAPÍTULO 16 – CHAPITRE 16 | 148 |
| CAPÍTULO 17 – CHAPITRE 17 | 152 |
| CAPÍTULO 18 – CHAPITRE 18..... | 161 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 19 – CHAPITRE 19 | 163 |
| CAPÍTULO 20 – CHAPITRE 20..... | 167 |
| CAPÍTULO 21 – CHAPITRE 21 | 171 |
| CAPÍTULO 22 – CHAPITRE 22 | 191 |
| CAPÍTULO 23 – CHAPITRE 23 | 195 |
| CAPÍTULO 24 – CHAPITRE 24 | 197 |
| CAPÍTULO 25 – CHAPITRE 25 | 206 |
| CAPÍTULO 26 – CHAPITRE 26 | 218 |
| CAPÍTULO 27 – CHAPITRE 27 | 241 |
| CAPÍTULO 28 – CHAPITRE 28..... | 246 |

PARA LÉON WERTH

Os meninos que me perdoem por dedicar este livro a uma pessoa grande. Mas tenho uma desculpa de peso: essa pessoa grande é o melhor amigo que eu tenho no mundo inteiro. E tenho outra desculpa: essa pessoa grande é capaz de perceber tudo, mesmo os livros para crianças. E tenho outra desculpa, a terceira: essa pessoa grande mora em França e em França passa fome e passa frio. Bem precisa de ser consolada. Mas se todas estas desculpas não chegarem, então, gostava de dedicar este livro à criança que essa pessoa grande já foi. Porque todas as pessoas grandes já foram crianças. (Há é poucas que se lembram disso.)

Portanto, a minha dedicatória vai passar a ser assim:

PARA LÉON WERTH

QUANDO ELE ERA PEQUENO

* * * * *

PARA LÉON WERTH
À LÉON WERTH

Os meninos que me perdoem por dedicar este livro a uma pessoa grande.
Je demande pardon aux enfants d'avoir dédié ce livre à une grande personne.

Mas tenho uma desculpa de peso: essa pessoa grande é o melhor amigo que eu tenho no mundo inteiro.
J'ai une excuse sérieuse : cette grande personne est le meilleur ami que j'ai au monde.

E tenho outra desculpa: essa pessoa grande é capaz de perceber tudo, mesmo os livros para crianças.
J'ai une autre excuse : cette grande personne peut tout comprendre, même les livres pour enfants.

E tenho outra desculpa, a terceira: essa pessoa grande mora em França e em França passa fome e passa frio.
J'ai une troisième excuse : cette grande personne habite la France où elle a faim et froid.

Bem precisa de ser consolada.
Elle a bien besoin d'être consolée.

Mas se todas estas desculpas não chegarem, então, gostava de dedicar este livro à criança que essa pessoa grande já foi.
Si toutes ces excuses ne suffisent pas, je veux bien dédier ce livre à l'enfant qu'a été autrefois cette grande personne.

Porque todas as pessoas grandes já foram crianças.
Toutes les grandes personnes ont d'abord été des enfants.

(Há é poucas que se lembram disso.)
(Mais peu d'entre elles s'en souviennent.)

Portanto, a minha dedicatória vai passar a ser assim:
Je corrige donc ma dédicace :

PARA LÉON WERTH
À LÉON WERTH

QUANDO ELE ERA PEQUENO
QUAND IL ÉTAIT PETIT GARÇON

CAPÍTULO 1 – CHAPITRE 1

UMA VEZ, tinha eu seis anos, vi uma imagem magnífica num livro sobre a Floresta Virgem chamado “Histórias Vividas”. Era uma jibóia a engolir uma fera. Copiei o desenho para vocês poderem ver como era.



O livro explicava: “As jibóias engolem as presas inteirinhas, sem as mastigar. Depois nem sequer se podem mexer e ficam a dormir durante os seis meses que a digestão demora”.

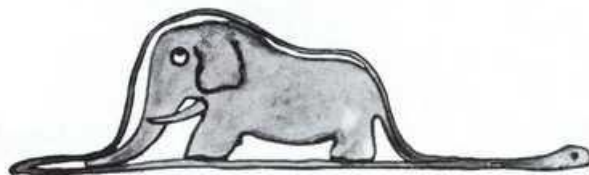
Então, pensei e tornei a pensar nas aventuras da selva, peguei num lápis de cor e acabei por conseguir fazer o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Era assim:



Fui mostrar a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o meu desenho lhes metia medo.

As pessoas grandes responderam: "Como é que um chapéu pode meter medo?"

O meu desenho não era um chapéu. O meu desenho era uma jibóia a digerir um elefante. Para as pessoas grandes conseguirem perceber, porque as pessoas grandes estão sempre a precisar de explicações, fui desenhar a parte de dentro da jibóia. O meu desenho número 2 ficou assim:



As pessoas grandes disseram que era melhor eu deixar-me de jibóias abertas e jibóias fechadas e dedicar-me antes à geografia, à história, à matemática e à gramática. Foi assim que, aos seis anos, me vi forçado a desistir de uma magnífica carreira de pintor. Os sucessivos insucessos do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 fizeram-me desanimar. As pessoas grandes nunca percebem nada sozinhas e uma criança acaba por se cansar de ter que estar sempre a explicar-lhes tudo.

Portanto, tive de escolher outra profissão: fui para aviador.

Um bocadinho aqui, um bocadinho ali, já voei por quase todo o mundo. E claro que a geografia me serviu de muito. Por exemplo: era capaz de distinguir, logo à primeira vista, a China do Arizona. É muito útil, sobretudo quando andamos perdidos de noite.

Evidentemente que, pela vida fora, tive uma data de contactos com uma data de gente importante. Vivi muito tempo no mundo das pessoas grandes. Vi-as de bem perto. Não fiquei com muito melhor opinião delas.

Quando encontrava uma que me parecia um pouquinho mais lúcida, fazia-lhe a experiência do meu desenho número 1, que ainda hoje conservo. Queria apurar se ela era mesmo capaz de perceber alguma coisa. Mas, invariavelmente, todas respondiam: "É um chapéu." Então, não me punha a falar de jibóias, de florestas virgens ou de estrelas. Punha-me era ao seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa grande lá ficava toda contente por ter conhecido um homem com tanto juízo.

* * * * *

UMA VEZ, tinha eu seis anos, vi uma imagem magnífica num livro sobre a Floresta Virgem chamado “Histórias Vividas”.

Lorsque j’avais six ans j’ai vu, une fois, une magnifique image, dans un livre sur la Forêt Vierge qui s’appelait « Histoires Vécues ».

Era uma jibóia a engolir uma fera.

Ça représentait un serpent boa qui avalait un fauve.

Copiei o desenho para vocês poderem ver como era.

Voilà la copie du dessin.

O livro explicava: “As jibóias engolem as presas inteirinhas, sem as mastigar.

On disait dans le livre : « Les serpents boas avalent leur proie tout entière, sans la mâcher.

Depois nem sequer se podem mexer e ficam a dormir durante os seis meses que a digestão demora”.

Ensuite ils ne peuvent plus bouger et ils dorment pendant les six mois de leur digestion. »

Então, pensei e tornei a pensar nas aventuras da selva, peguei num lápis de cor e acabei por conseguir fazer o meu primeiro desenho.

J’ai alors beaucoup réfléchi sur les aventures de la jungle et, à mon tour, j’ai réussi, avec un crayon de couleur, à tracer mon premier dessin.

O meu desenho número 1. Era assim:

Mon dessin numéro 1. Il était comme ça :

Fui mostrar a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o meu desenho lhes metia medo.

J’ai montré mon chef-d’œuvre aux grandes personnes et je leur ai demandé si mon dessin leur faisait peur.

As pessoas grandes responderam: "Como é que um chapéu pode meter medo?"

Elles m'ont répondu : « Pourquoi un chapeau ferait-il peur ? »

O meu desenho não era um chapéu.

Mon dessin ne représentait pas un chapeau.

O meu desenho era uma jibóia a digerir um elefante.

Il représentait un serpent boa qui digérait un éléphant.

Para as pessoas grandes conseguirem perceber, porque as pessoas grandes estão sempre a precisar de explicações, fui desenhar a parte de dentro da jibóia.

J'ai alors dessiné l'intérieur du serpent boa, afin que les grandes personnes puissent comprendre.

O meu desenho número 2 ficou assim:

Elles ont toujours besoin d'explications. Mon dessin numéro 2 était comme ça :

As pessoas grandes disseram que era melhor eu deixar-me de jibóias abertas e jibóias fechadas e dedicar-me antes à geografia, à história, à matemática e à gramática.

Les grandes personnes m'ont conseillé de laisser de côté les dessins de serpents boas ouverts ou fermés, et de m'intéresser plutôt à la géographie, à l'histoire, au calcul et à la grammaire.

Foi assim que, aos seis anos, me vi forçado a desistir de uma magnífica carreira de pintor.

C'est ainsi que j'ai abandonné, à l'âge de six ans, une magnifique carrière de peintre.

Os sucessivos insucessos do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 fizeram-me desanimar.

J'avais été découragé par l'insuccès de mon dessin numéro 1 et de mon dessin numéro 2.

As pessoas grandes nunca percebem nada sozinhas e uma criança acaba por se cansar de ter que estar sempre a explicar-lhes tudo.

Les grandes personnes ne comprennent jamais rien toutes seules, et c'est fatigant, pour les enfants, de toujours et toujours leur donner des explications.

Portanto, tive de escolher outra profissão: fui para aviador.

J'ai donc dû choisir un autre métier et j'ai appris à piloter des avions.

Um bocadinho aqui, um bocadinho ali, já voei por quase todo o mundo.

J'ai volé un peu partout dans le monde.

E claro que a geografia me serviu de muito.

Et la géographie, c'est exact, m'a beaucoup servi.

Por exemplo: era capaz de distinguir, logo à primeira vista, a China do Arizona.

Je savais reconnaître, du premier coup d'œil, la Chine de l'Arizona.

É muito útil, sobretudo quando andamos perdidos de noite.

C'est très utile, si l'on est égaré pendant la nuit.

Evidentemente que, pela vida fora, tive uma data de contactos com uma data de gente importante.

J'ai ainsi eu, au cours de ma vie, des tas de contacts avec des tas de gens sérieux.

Vivi muito tempo no mundo das pessoas grandes.

J'ai beaucoup vécu chez les grandes personnes.

Vi-as de bem perto.

Je les ai vues de très près.

Não fiquei com muito melhor opinião delas.

Ça n'a pas trop amélioré mon opinion.

Quando encontrava uma que me parecia um pouquinho mais lúcida, fazia-lhe a experiência do meu desenho número 1, que ainda hoje conservo.

Quand j'en rencontrais une qui me paraissait un peu lucide, je faisais l'expérience sur elle de mon dessin numéro 1 que j'ai toujours conservé.

Queria apurar se ela era mesmo capaz de perceber alguma coisa.

Je voulais savoir si elle était vraiment compréhensive.

Mas, invariavelmente, todas respondiam: "É um chapéu."

Mais toujours elle me répondait : « C'est un chapeau. »

Então, não me punha a falar de jibóias, de florestas virgens ou de estrelas.

Alors je ne lui parlais ni de serpents boas, ni de forêts vierges, ni d'étoiles.

Punha-me era ao seu nível.

Je me mettais à sa portée.

Falava de bridge, de golfe, de política e de gravatas.

Je lui parlais de bridge, de golf, de politique et de cravates.

E a pessoa grande lá ficava toda contente por ter conhecido um homem com tanto juízo.

Et la grande personne était bien contente de connaître un homme aussi raisonnable.

CAPÍTULO 2 – CHAPITRE 2

Foi assim que vivi sempre sozinho, sem ter ninguém com quem falar, mas falar a sério, até ao dia em que, há seis anos, tive uma avaria em pleno deserto do Saara. O motor tinha qualquer coisa partida. E como eu não levava nem mecânico nem passageiros, preparei-me para tentar consertar o avião com as minhas próprias mãos. Era uma questão de vida ou de morte. A água para beber mal chegava para oito dias.

Na primeira noite, deitei-me em cima da areia e adormeci a mil e uma milhas de qualquer lugar habitado, bem mais isolado do que um náufrago agarrado a uma jangada no meio do mar. Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

– Por favor... desenha-me uma ovelha!

– O quê?

– Desenha-me uma ovelha...

Levantei-me de um salto, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Voltei a olhar. E vi um menino perfeitamente espantoso a olhar para mim com um ar muito sério. Aqui ao lado está o melhor retrato que consegui fazer dele. Mas claro que o meu desenho é muito menos encantador do que o modelo. A culpa não é minha. As pessoas grandes obrigaram-me a desistir da minha carreira de pintor aos seis anos e eu não sabia desenhar nada, a não ser jibóias fechadas e jibóias abertas.

Tinha os olhos completamente esbugalhados de espanto. Não se esqueçam de que eu estava a mais de mil e uma milhas de qualquer sítio habitado. Mas o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de medo. Não apresentava quaisquer sinais de ser uma criança perdida no meio do deserto, a mil e uma milhas de qualquer sítio habitado. Por fim, quando fui capaz de falar, perguntei-lhe:

– Mas... O que é que andas por aqui a fazer?

E ele voltou a repetir, muito de mansinho, como se se tratasse de uma coisa muito séria:

– Por favor... Desenha-me uma ovelha...

Quando um mistério é grande de mais, não nos atrevemos a desobedecer. Por muito absurdo que aquilo me parecesse, a mil e uma milhas de todos os sítios habitados e em perigo de morte, tirei uma folha de papel e uma caneta da algibeira. Mas lembrei-me que só tinha estudado geografia, história, matemática e gramática e (com um ar não muito satisfeito) disse ao menino que não sabia desenhar. Respondeu-me:

– Não faz mal. Desenha-me uma ovelha...

Como eu nunca tinha desenhado uma ovelha, fiz-lhe um dos dois únicos desenhos que sabia fazer. O da jibóia fechada. E fiquei boquiaberto quando ouvi o rapazinho dizer:

– Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jibóia para nada! As jibóias são perigosas de mais e os elefantes ocupam espaço de mais. O meu sítio é muito pequenino... Preciso é de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

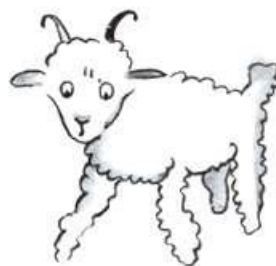
E eu desenhei.



Depois de examinar o meu desenho com muita atenção, o menino exclamou:

– Não, assim não! Esta já está muito doente! Arranja-a.

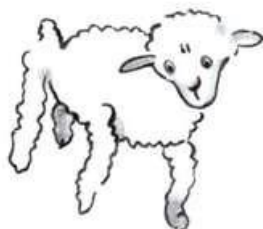
E eu obedeci.



O meu amigo sorriu gentilmente, com indulgência:

– Vê lá se percebes... Isto não é uma ovelha, é um carneiro. Tem cornos...

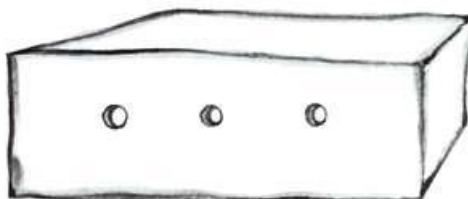
Fiz o desenho outra vez:



Mas tal como os anteriores, também foi rejeitado:

– Esta é velha de mais. Eu quero é uma ovelha que viva muito tempo.

Então, já sem grande paciência, porque estava com pressa de começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho.



E arrisquei:

– Isto é a caixa. A ovelha que tu queres está lá dentro.

Para grande espanto meu, vi que o rosto do meu jovem juiz se iluminava.

– Era mesmo, mesmo assim que eu a queria! Achas que esta ovelha vai precisar de muita erva?

– Porquê?

– Porque o meu sítio é muito pequenino...

– Mas chega, com certeza. A ovelha que te dei é muito pequenina.

Baixou a cabeça para o desenho:

– Tão pequenina como isso também não... Olha! Adormeceu...

E foi assim que eu travei conhecimento com o principezinho.



O melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele

* * * * *

Foi assim que vivi sempre sozinho, sem ter ninguém com quem falar, mas falar a sério,

J'ai ainsi vécu seul, sans personne avec qui parler véritablement,

até ao dia em que, há seis anos, tive uma avaria em pleno deserto do Saara.

jusqu'à une panne dans le désert du Sahara, il y a six ans.

O motor tinha qualquer coisa partida.

Quelque chose s'était cassé dans mon moteur.

E como eu não levava nem mecânico nem passageiros,

Et comme je n'avais avec moi ni mécanicien, ni passagers,

preparei-me para tentar consertar o avião com as minhas próprias mãos.
je me préparai à essayer de réussir, tout seul, une réparation difficile.

Era uma questão de vida ou de morte.

C'était pour moi une question de vie ou de mort.

A água para beber mal chegava para oito dias.

J'avais à peine de l'eau à boire pour huit jours.

Na primeira noite, deitei-me em cima da areia e adormeci a mil e uma milhas de qualquer lugar habitado,

Le premier soir je me suis donc endormi sur le sable à mille milles de toute terre habitée.

bem mais isolado do que um naufrago agarrado a uma jangada no meio do mar.

J'étais bien plus isolé qu'un naufragé sur un radeau au milieu de l'Océan.

Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

Alors vous imaginez ma surprise, au lever du jour, quand une drôle de petite voix m'a réveillé. Elle disait :

– Por favor... desenha-me uma ovelha!
– *S'il vous plaît... dessine-moi un mouton !*

– O quê?
– *Hein ?*

– Desenha-me uma ovelha...
– *Dessine-moi un mouton...*

Levantei-me de um salto, como se tivesse sido atingido por um raio.
J'ai sauté sur mes pieds comme si j'avais été frappé par la foudre.

Esfreguei os olhos.
J'ai bien frotté mes yeux.

Voltei a olhar.
J'ai bien regardé.

E vi um menino perfeitamente espantoso a olhar para mim com um ar muito sério.
Et j'ai vu un petit bonhomme tout à fait extraordinaire qui me considérait gravement.

Aqui ao lado está o melhor retrato que consegui fazer dele.
Voilà le meilleur portrait que, plus tard, j'ai réussi à faire de lui.

Mas claro que o meu desenho é muito menos encantador do que o modelo.
Mais mon dessin, bien sûr, est beaucoup moins ravissant que le modèle.

A culpa não é minha.
Ce n'est pas ma faute.

As pessoas grandes obrigaram-me a desistir da minha carreira de pintor aos seis anos e eu não sabia desenhar nada, a não ser jibóias fechadas e jibóias abertas.

J'avais été découragé dans ma carrière de peintre par les grandes personnes, à l'âge de six ans, et je n'avais rien appris à dessiner, sauf les boas fermés et les boas ouverts.

Tinha os olhos completamente esbugalhados de espanto.

Je regardai donc cette apparition avec des yeux tout ronds d'étonnement.

Não se esqueçam de que eu estava a mais de mil e uma milhas de qualquer sítio habitado.

N'oubliez pas que je me trouvais à mille milles de toute région habitée.

Mas o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de medo.

Or mon petit bonhomme ne me semblait ni égaré, ni mort de fatigue, ni mort de faim, ni mort de soif, ni mort de peur.

Não apresentava quaisquer sinais de ser uma criança perdida no meio do deserto, a mil e uma milhas de qualquer sítio habitado.

Il n'avait en rien l'apparence d'un enfant perdu au milieu du désert, à mille milles de toute région habitée.

Por fim, quando fui capaz de falar, perguntei-lhe:

Quand je réussis enfin à parler, je lui dis :

– Mas... O que é que andas por aqui a fazer?

– *Mais... qu'est-ce que tu fais là ?*

E ele voltou a repetir, muito de mansinho, como se se tratasse de uma coisa muito séria:

Et il me répéta alors, tout doucement, comme une chose très sérieuse :

– Por favor... Desenha-me uma ovelha...

– *S'il vous plaît... dessine-moi un mouton...*

Quando um mistério é grande de mais, não nos atrevemos a desobedecer.

Quand le mystère est trop impressionnant, on n'ose pas désobéir.

Por muito absurdo que aquilo me parecesse, a mil e uma milhas de todos os sítios habitados e em perigo de morte,

Aussi absurde que cela me semblât à mille milles de tous les endroits habités et en danger de mort,

tirei uma folha de papel e uma caneta da algibeira.

je sortis de ma poche une feuille de papier et un stylographe.

Mas lembrei-me que só tinha estudado geografia, história, matemática e gramática

Mais je me rappelai alors que j'avais surtout étudié la géographie, l'histoire, le calcul et la grammaire

e (com um ar não muito satisfeito) disse ao menino que não sabia desenhar.

et je dis au petit bonhomme (avec un peu de mauvaise humeur) que je ne savais pas dessiner.

Respondeu-me:

Il me répondit :

– Não faz mal. Desenha-me uma ovelha...

– *Ça ne fait rien. Dessine-moi un mouton.*

Como eu nunca tinha desenhado uma ovelha, fiz-lhe um dos dois únicos desenhos que sabia fazer.

Comme je n'avais jamais dessiné un mouton je refis, pour lui, l'un des deux seuls dessins dont j'étais capable.

O da jibóia fechada.

Celui du boa fermé.

E fiquei boquiaberto quando ouvi o rapazinho dizer:

Et je fus stupéfait d'entendre le petit bonhomme me répondre :

– Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jibóia para nada!

– *Non ! Non ! Je ne veux pas d'un éléphant dans un boa.*

As jibóias são perigosas de mais e os elefantes ocupam espaço de mais.

Un boa c'est très dangereux, et un éléphant c'est très encombrant.

O meu sítio é muito pequenino...

Chez moi c'est tout petit.

Preciso é de uma ovelha.

J'ai besoin d'un mouton.

Desenha-me uma ovelha.

Dessine-moi un mouton.

E eu desenhei.

Alors j'ai dessiné.

Depois de examinar o meu desenho com muita atenção, o menino exclamou:

Il regarde attentivement, puis :

– Não, assim não! Esta já está muito doente!

– *Non ! Celui-là est déjà très malade.*

Arranja-a.

Fais-en un autre.

E eu obedeci.

Je dessinai :

O meu amigo sorriu gentilmente, com indulgência:

Mon ami sourit gentiment, avec indulgence :

– Vê lá se percebes... Isto não é uma ovelha, é um carneiro.

– *Tu vois bien... ce n'est pas un mouton, c'est un bélier.*

Tem cornos...

Il a des cornes...

Fiz o desenho outra vez:

Je refis donc encore mon dessin :

Mas tal como os anteriores, também foi rejeitado:

Mais il fut refusé, comme les précédents :

– Esta é velha de mais.

– *Celui-là est trop vieux.*

Eu quero é uma ovelha que viva muito tempo.

Je veux un mouton qui vive longtemps.

Então, já sem grande paciência, porque estava com pressa de começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho.

Alors, faute de patience, comme j'avais hâte de commencer le démontage de mon moteur, je griffonnai ce dessin-ci.

E arrisquei:

Et je lançai :

– Isto é a caixa. A ovelha que tu queres está lá dentro.

– *Ça c'est la caisse. Le mouton que tu veux est dedans.*

Para grande espanto meu, vi que o rosto do meu jovem juiz se iluminava.

Mais je fus bien surpris de voir s'illuminer le visage de mon jeune juge :

– Era mesmo, mesmo assim que eu a queria!

– *C'est tout à fait comme ça que je le voulais !*

Achas que esta ovelha vai precisar de muita erva?

Crois-tu qu'il faille beaucoup d'herbe à ce mouton ?

– Porquê?

– *Pourquoi ?*

– Porque o meu sítio é muito pequenino...

– *Parce que chez moi c'est tout petit...*

– Mas chega, com certeza. A ovelha que te dei é muito pequenina.

– *Ça suffira sûrement. Je t'ai donné un tout petit mouton.*

Baixou a cabeça para o desenho:

Il pencha la tête vers le dessin :

– Tão pequenina como isso também não... Olha! Adormeceu...

– *Pas si petit que ça... Tiens ! Il s'est endormi...*

E foi assim que eu travei conhecimento com o príncipezinho.

Et c'est ainsi que je fis la connaissance du petit prince.

*O melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele
Voilà le meilleur portrait que, plus tard, j'ai réussi à faire de lui*

CAPÍTULO 3 – CHAPITRE 3

Demorei muito tempo a perceber de onde é que ele vinha. O principezinho, que passava o tempo a fazer perguntas, parecia nunca ouvir as minhas. Foi uma palavra aqui, uma frase ali, que, pouco a pouco, me foram revelando tudo. Assim, a primeira vez que viu o meu avião (não vou desenhar o meu avião porque é complicado demais para mim), perguntou-me:

– Mas que vem a ser aquela coisa?

– Aquilo não é uma coisa. Aquilo voa. Aquilo é um avião. É o meu avião.

E sentia-me todo orgulhoso por lhe revelar que sabia voar. Mas ele exclamou:

– O quê? Tu caíste do céu?

– Caí - disse eu, com a maior modéstia.

– Ah! Que engraçado!

E o principezinho soltou uma gargalhada muito linda que me irritou imenso. É que eu gosto que as minhas desgraças sejam levadas a sério!

Depois, acrescentou:

– Então tu também vieste do céu? De que planeta és tu?

Entrevendo uma pequena luz que talvez pudesse ajudar a esclarecer o mistério da sua presença, perguntei-lhe de chofre:

– Quer dizer que vieste de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Olhava para o avião e abanava a cabeça de mansinho:

– Também é verdade que montado naquilo não podes ter vindo de muito longe...

E ficou calado durante muito tempo, com um ar sonhador. Depois, tirou a minha ovelha do bolso e mergulhou na contemplação do seu tesouro.



Imaginam com certeza como eu fiquei intrigado com aquela inconfidência sobre "os outros planetas". Claro que tentei saber mais coisas:

– Donde é que vieste, meu rico rapazinho? Onde é esse "teu sítio"? Para onde queres tu levar a minha ovelha?

Ficou calado, a pensar, e respondeu:

– O que vale é que assim, com a caixa que tu me deste, ela já tem uma casa para passar a noite.

– Claro. E se tu te portares bem, também te dou uma corda para a teres amarrada durante o dia. E uma estaca.

O príncipezinho pareceu escandalizado com a ideia.

– Amarrá-la? Mas para quê?

– É que se não a amarrares, ela foge e pode-se perder...

O meu amigo deu outra gargalhada:

– Mas para onde queres tu que ela vá?

– Sei lá. Pode ir sempre a direito...

O príncipezinho pôs um ar muito sério e disse:

– Não faz mal. O meu sítio é tão pequenino...

E talvez com uma ponta de melancolia, acrescentou:

– Sempre a direito não se pode ir lá muito longe...



* * * * *

Demorei muito tempo a perceber de onde é que ele vinha.
Il me fallut longtemps pour comprendre d'où il venait.

O principezinho, que passava o tempo a fazer perguntas, parecia nunca ouvir as minhas.
Le petit prince, qui me posait beaucoup de questions, ne semblait jamais entendre les miennes.

Foi uma palavra aqui, uma frase ali, que, pouco a pouco, me foram revelando tudo.
Ce sont des mots prononcés par hasard qui, peu à peu, m'ont tout révélé.

Assim, a primeira vez que viu o meu avião
Ainsi, quand il aperçut pour la première fois mon avion

(não vou desenhar o meu avião porque é complicado demais para mim), perguntou-me:
(je ne dessinerai pas mon avion, c'est un dessin beaucoup trop compliqué pour moi), il me demanda :

– Mas que vem a ser aquela coisa?
– *Qu'est-ce que c'est que cette chose-là ?*

– Aquilo não é uma coisa. Aquilo voa. Aquilo é um avião. É o meu avião.
– *Ce n'est pas une chose. Ça vole. C'est un avion. C'est mon avion.*

E sentia-me todo orgulhoso por lhe revelar que sabia voar.
Et j'étais fier de lui apprendre que je volais.

Mas ele exclamou:
Alors il s'écria :

– O quê? Tu caíste do céu?
– *Comment ? Tu es tombé du ciel ?*

– Caí - disse eu, com a maior modéstia.

– *Oui, fis-je modestement.*

– Ah! Que engraçado!

– *Ah ! Ça c'est drôle...*

E o principezinho soltou uma gargalhada muito linda que me irritou imenso.

Et le petit prince eut un très joli éclat de rire qui m'irrita beaucoup.

É que eu gosto que as minhas desgraças sejam levadas a sério!

Je désire que l'on prenne mes malheurs au sérieux.

Depois, acrescentou:

Puis il ajouta :

– Então tu também vieste do céu? De que planeta és tu?

– *Alors, toi aussi tu viens du ciel ! De quelle planète es-tu ?*

Entrevendo uma pequena luz que talvez pudesse ajudar a esclarecer o mistério da sua presença, perguntei-lhe de chofre:

J'entrevis aussitôt une lueur, dans le mystère de sa présence, et j'interrogeai brusquement :

– Quer dizer que vieste de outro planeta?

– *Tu viens donc d'une autre planète ?*

Mas ele não me respondeu.

Mais il ne me répondit pas.

Olhava para o avião e abanava a cabeça de mansinho:

Il hochait la tête doucement tout en regardant mon avion :

– Também é verdade que montado naquilo não podes ter vindo de muito longe...

– *C'est vrai que, là-dessus, tu ne peux pas venir de bien loin...*

E ficou calado durante muito tempo, com um ar sonhador.

Et il s'enfonça dans une rêverie qui dura longtemps.

Depois, tirou a minha ovelha do bolso e mergulhou na contemplação do seu tesouro.

Puis, sortant mon mouton de sa poche, il se plongeait dans la contemplation de son trésor.

Imaginam com certeza como eu fiquei intrigado com aquela inconfidência sobre "os outros planetas".

Vous imaginez combien j'avais pu être intrigué par cette demi-confiance sur « les autres planètes ».

Claro que tentei saber mais coisas:

Je m'efforçai donc d'en savoir plus long :

– Donde é que vieste, meu rico rapazinho? Onde é esse "teu sítio"?

– *D'où viens-tu, mon petit bonhomme ? Où est-ce « chez toi » ?*

Para onde queres tu levar a minha ovelha?

Où veux-tu emporter mon mouton ?

Ficou calado, a pensar, e respondeu:

Il me répondit après un silence méditatif :

– O que vale é que assim, com a caixa que tu me deste, ela já tem uma casa para passar a noite.

– *Ce qui est bien, avec la caisse que tu m'as donnée, c'est que, la nuit, ça lui servira de maison.*

– Claro. E se tu te portares bem, também te dou uma corda para a teres amarrada durante o dia.

– *Bien sûr. Et si tu es gentil, je te donnerai aussi une corde pour l'attacher pendant le jour.*

E uma estaca.

Et un piquet.

O principezinho pareceu escandalizado com a ideia.

La proposition parut choquer le petit prince :

– Amarrá-la? Mas para quê?

– *L’attacher ? Quelle drôle d’idée !*

– É que se não a amarrares, ela foge e pode-se perder...

– *Mais si tu ne l’attaches pas, il ira n’importe où, et il se perdra...*

O meu amigo deu outra gargalhada:

Et mon ami eut un nouvel éclat de rire :

– Mas para onde queres tu que ela vá?

– *Mais où veux-tu qu’il aille !*

– Sei lá. Pode ir sempre a direito...

– *N’importe où. Droit devant lui...*

O principezinho pôs um ar muito sério e disse:

Alors le petit prince remarqua gravement :

– Não faz mal. O meu sítio é tão pequenino...

– *Ça ne fait rien, c’est tellement petit, chez moi !*

E talvez com uma ponta de melancolia, acrescentou:

Et, avec un peu de mélancolie, peut-être, il ajouta :

– Sempre a direito não se pode ir lá muito longe...

– *Droit devant soi on ne peut pas aller bien loin...*

CAPÍTULO 4 – CHAPITRE 4

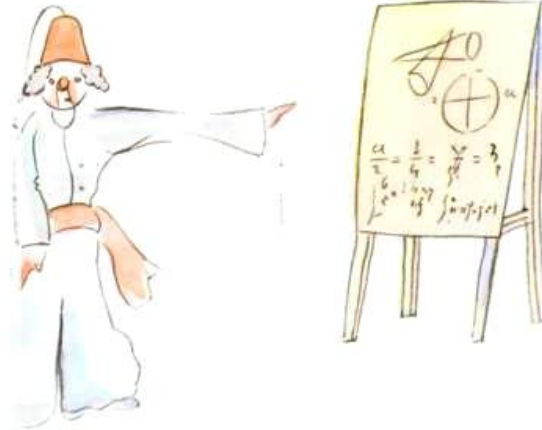
Já sabia, portanto, duas coisas e a segunda, muito importante: o seu planeta de origem era pouco maior do que uma casa!

Não era para me admirar por aí além. Eu tinha aprendido que, para lá dos planetas grandes como a Terra, Júpiter, Marte ou Vénus, que até foram baptizados com nomes, há centenas e centenas de outros, às vezes tão pequenos que, mesmo com um telescópio, quase não se vêem. Quando um astrónomo descobre um desses, baptiza-o com um número. Chama-lhe, por exemplo, "asteróide 3251".

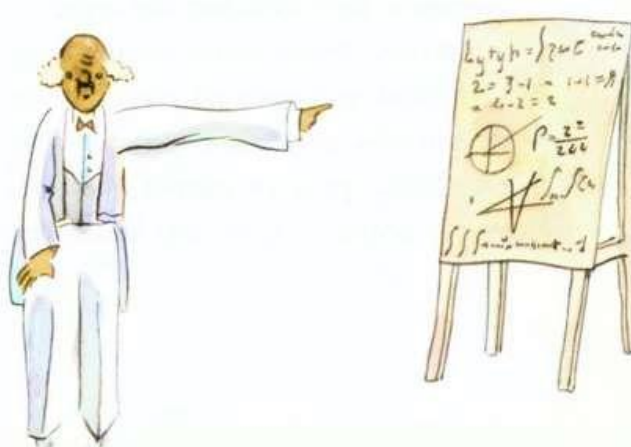
Tenho boas razões para pensar que o planeta de onde o príncipezinho vinha era o asteróide B 612. Este asteróide foi visto ao telescópio uma única vez, em 1909, por um astrónomo turco.



Nessa altura, o cientista apresentou uma grande exposição da sua descoberta a um Congresso Internacional de Astronomia. Mas ninguém o levou a sério por causa da maneira como estava vestido. As pessoas grandes são assim.



Felizmente que, para a boa reputação do asteróide B 612, um ditador turco se lembrou de impor ao seu povo, mas impor-lhe sob pena de morte, que passasse a trajar à europeia. O astrónomo voltou a fazer a sua demonstração em 1920, mas agora muito bem posto. E toda a gente a aceitou.



Só vos contei isto tudo sobre o asteróide B 612 e só vos contei o seu número por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes gostam de números. Quando vocês lhes falam de um amigo novo, as suas perguntas nunca vão ao essencial. Nunca vos perguntam: "Como é a voz dele? De que brincadeiras é que ele gosta mais? Ele faz colecção de borboletas?" Mas: "Que idade é que ele tem? Quantos irmãos tem? Quanto é que ele pesa? Quanto ganha o pai dele?" Só as sim é que pensam ficar a conhecê-lo. Se vocês disserem às pessoas grandes: "Hoje vi uma casa muito bonita de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombas no telhado...", as pessoas grandes não a conseguem imaginar. É preciso dizer-lhes: "Hoje vi uma casa que custou vinte mil contos." Então, já são capazes de exclamar: "Mas que linda casa!"

Assim, se lhes disserem: "A prova de que o príncipezinho existiu é que ele era encantador, é que ele se ria e queria uma ovelha. Querer uma ovelha é a prova de que existe", as pessoas grandes encolhem os ombros e chamam-vos crianças! Mas se lhes disserem: "O planeta donde ele vinha era o asteróide B 612", as pessoas grandes ficam logo convencidas e não se põem a fazer mais perguntas. As pessoas grandes são assim. Não vale a pena zangarmo-nos com elas. As crianças têm de ser muito indulgentes para as pessoas grandes.

Mas nós, nós que entendemos a vida, claro que nos estamos bem nas tintas para os números! Eu gostava era de ter começado esta história como um conto de fadas. Assim:

"Era uma vez um príncipezinho que vivia num planeta pouco maior do que ele e precisava de um amigo..." Para quem entende a vida, era de certeza um começo bem mais verosímil.

Porque eu não gostava que este livro fosse lido levianamente. Custa-me tanto lembrar estas coisas! O meu amigo já se foi embora há seis anos com a sua ovelha. Se o tento descrever, é só para não me esquecer dele. É tão triste esquecermo-nos de um amigo! Nem toda a gente teve um amigo na vida! E depois, posso ficar como as pessoas grandes que já não se interessam senão por números. Foi também por isso que comprei uma caixa de tintas e lápis. E custa um bocado começar a desenhar na minha idade, ainda por cima quando as duas únicas tentativas anteriores, a da jibóia fechada e a da jibóia aberta, foram feitas aos seis anos!

Claro que vou tentar fazer retratos o mais parecidos possível. Mas não tenho a certeza de conseguir. Tão depressa um desenho me sai parecido como outro, logo a seguir, não se parece nada. Também me engano no tamanho. Nuns, o príncipezinho fica grande de mais. Noutros, pequeno de mais. Também já não sei muito bem qual era a cor do fato dele. O único remédio é ir tentando, é ir por aproximações. Mas vou-me enganar de certeza nalguns pormenores mais importantes. Mas, para isso, não há remédio: vocês é que terão de me perdoar. O meu amigo nunca explicava nada. Talvez pensasse que eu era igual a ele. Infelizmente, eu não sei ver ovelhas através de caixas. Talvez esteja um bocado parecido com as pessoas grandes. Devo ter envelhecido.

* * * * *

Já sabia, portanto, duas coisas e a segunda, muito importante:
J'avais ainsi appris une seconde chose très importante :

o seu planeta de origem era pouco maior do que uma casa!
C'est que sa planète d'origine était à peine plus grande qu'une maison !

Não era para me admirar por aí além.
Ça ne pouvait pas m'étonner beaucoup.

Eu tinha aprendido que, para lá dos planetas grandes como a Terra, Júpiter, Marte ou Vénus, que até foram baptizados com nomes,
Je savais bien qu'en dehors des grosses planètes comme la Terre, Jupiter, Mars, Vénus, auxquelles on a donné des noms,

há centenas e centenas de outros, às vezes tão pequenos que, mesmo com um telescópio, quase não se vêem.
il y en a des centaines d'autres qui sont quelquefois si petites qu'on a beaucoup de mal à les apercevoir au télescope.

Quando um astrónomo descobre um desses, baptiza-o com um número.
Quand un astronome découvre l'une d'elles, il lui donne pour nom un numéro.

Chama-lhe, por exemplo, "asteróide 3251".
Il l'appelle par exemple : « l'astéroïde 3251. »

Tenho boas razões para pensar que o planeta de onde o príncipezinho vinha era o asteróide B 612.

J'ai de sérieuses raisons de croire que la planète d'où venait le petit prince est l'astéroïde B 612.

Este asteróide foi visto ao telescópio uma única vez, em 1909, por um astrónomo turco.

Cet astéroïde n'a été aperçu qu'une fois au télescope, en 1909, par un astronome turc.

Nessa altura, o cientista apresentou uma grande exposição da sua descoberta a um Congresso Internacional de Astronomia.

Il avait fait alors une grande démonstration de sa découverte à un Congrès International d’Astronomie.

Mas ninguém o levou a sério por causa da maneira como estava vestido.
Mais personne ne l’avait cru à cause de son costume.

As pessoas grandes são assim.
Les grandes personnes sont comme ça.

Felizmente que, para a boa reputação do asteróide B 612, um ditador turco se lembrou de impor ao seu povo, mas impor-lhe sob pena de morte, que passasse a trajar à europeia.

Heureusement pour la réputation de l’astéroïde B 612 un dictateur turc imposa à son peuple, sous peine de mort, de s’habiller à l’Européenne.

O astrónomo voltou a fazer a sua demonstração em 1920, mas agora muito bem posto.

L’astronome refit sa démonstration en 1920, dans un habit très élégant.

E toda a gente a aceitou.
Et cette fois-ci tout le monde fut de son avis.

Só vos contei isto tudo sobre o asteróide B 612 e só vos contei o seu número por causa das pessoas grandes.

Si je vous ai raconté ces détails sur l’astéroïde B 612 et si je vous ai confié son numéro, c’est à cause des grandes personnes.

As pessoas grandes gostam de números.
Les grandes personnes aiment les chiffres.

Quando vocês lhes falam de um amigo novo, as suas perguntas nunca vão ao essencial.

Quand vous leur parlez d’un nouvel ami, elles ne vous questionnent jamais sur l’essentiel.

Nunca vos perguntam:

Elles ne vous disent jamais :

"Como é a voz dele? De que brincadeiras é que ele gosta mais?

« Quel est le son de sa voix ? Quels sont les jeux qu'il préfère ?

Ele faz colecção de borboletas?"

Est-ce qu'il collectionne les papillons ? »

Mas: "Que idade é que ele tem? Quantos irmãos tem?"

Elles vous demandent : « Quel âge a-t-il ? Combien a-t-il de frères ?

Quanto é que ele pesa? Quanto ganha o pai dele?"

Combien pèse-t-il ? Combien gagne son père ? »

Só as sim é que pensam ficar a conhecê-lo.

Alors seulement elles croient le connaître.

Se vocês disserem às pessoas grandes:

Si vous dites aux grandes personnes :

"Hoje vi uma casa muito bonita de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombas no telhado... ", as pessoas grandes não a conseguem imaginar.

« J'ai vu une belle maison en briques roses, avec des géraniums aux fenêtres et des colombes sur le toit... » elles ne parviennent pas à s'imaginer cette maison.

É preciso dizer-lhes: "Hoje vi uma casa que custou vinte mil contos."

Il faut leur dire : « J'ai vu une maison de cent mille francs. »

Então, já são capazes de exclamar: "Mas que linda casa!"

Alors elles s'écrient : « Comme c'est joli ! »

Assim, se lhes disserem: "A prova de que o principezinho existiu é que ele era encantador, é que ele se ria e queria uma ovelha.

Ainsi, si vous leur dites : « La preuve que le petit prince a existé c'est qu'il était ravissant, qu'il riait, et qu'il voulait un mouton.

Querer uma ovelha é a prova de que existe", as pessoas grandes encolhem os ombros e chamam-vos crianças!

Quand on veut un mouton, c'est la preuve qu'on existe » elles hausseront les épaules et vous traiteront d'enfant !

Mas se lhes disserem: "O planeta donde ele vinha era o asteróide B 612", as pessoas grandes ficam logo convencidas e não se põem a fazer mais perguntas.

Mais si vous leur dites : « La planète d'où il venait est l'astéroïde B 612 » alors elles seront convaincues, et elles vous laisseront tranquille avec leurs questions.

As pessoas grandes são assim.

Elles sont comme ça.

Não vale a pena zangarmo-nos com elas.

Il ne faut pas leur en vouloir.

As crianças têm de ser muito indulgentes para as pessoas grandes.

Les enfants doivent être très indulgents envers les grandes personnes.

Mas nós, nós que entendemos a vida, claro que nos estamos bem nas tintas para os números!

Mais, bien sûr, nous qui comprenons la vie, nous nous moquons bien des numéros !

Eu gostava era de ter começado esta história como um conto de fadas. Assim:

J'aurais aimé commencer cette histoire à la façon des contes de fées. J'aurais aimé dire :

"Era uma vez um príncipezinho que vivia num planeta pouco maior do que ele e precisava de um amigo... "

« Il était une fois un petit prince qui habitait une planète à peine plus grande que lui, et qui avait besoin d'un ami... »

Para quem entende a vida, era de certeza um começo bem mais verosímil.

Pour ceux qui comprennent la vie, ça aurait eu l'air beaucoup plus vrai.

Porque eu não gostava que este livro fosse lido levemente.
Car je n'aime pas qu'on lise mon livre à la légère.

Custa-me tanto lembrar estas coisas!
J'éprouve tant de chagrin à raconter ces souvenirs.

O meu amigo já se foi embora há seis anos com a sua ovelha.
Il y a six ans déjà que mon ami s'en est allé avec son mouton.

Se o tento descrever, é só para não me esquecer dele.
Si j'essaie ici de le décrire, c'est afin de ne pas l'oublier.

É tão triste esquecermo-nos de um amigo!
C'est triste d'oublier un ami.

Nem toda a gente teve um amigo na vida!
Tout le monde n'a pas eu un ami.

E depois, posso ficar como as pessoas grandes que já não se interessam
senão por números.
*Et je puis devenir comme les grandes personnes qui ne s'intéressent plus
qu'aux chiffres.*

Foi também por isso que comprei uma caixa de tintas e lápis.
*C'est donc pour ça encore que j'ai acheté une boîte de couleurs et des
crayons.*

E custa um bocado começar a desenhar na minha idade, ainda por cima
quando as duas únicas tentativas anteriores, a da jibóia fechada e a da
jibóia aberta, foram feitas aos seis anos!
*C'est dur de se remettre au dessin, à mon âge, quand on n'a jamais fait
d'autres tentatives que celle d'un boa fermé et celle d'un boa ouvert, à
l'âge de six ans !*

Claro que vou tentar fazer retratos o mais parecidos possível.
*J'essaierai, bien sûr, de faire des portraits le plus ressemblants
possible.*

Mas não tenho a certeza de conseguir.

Mais je ne suis pas tout à fait certain de réussir.

Tão depressa um desenho me sai parecido como outro, logo a seguir, não se parece nada.

Un dessin va, et l'autre ne ressemble plus.

Também me engano no tamanho.

Je me trompe un peu aussi sur la taille.

Nuns, o principezinho fica grande de mais. Noutros, pequeno de mais.

Ici le petit prince est trop grand. Là il est trop petit.

Também já não sei muito bem qual era a cor do fato dele.

J'hésite aussi sur la couleur de son costume.

O único remédio é ir tentando, é ir por aproximações.

Alors je tâtonne comme ci et comme ça, tant bien que mal.

Mas vou-me enganar de certeza nalguns pormenores mais importantes.

Je me tromperai enfin sur certains détails plus importants.

Mas, para isso, não há remédio: vocês é que terão de me perdoar.

Mais ça, il faudra me le pardonner.

O meu amigo nunca explicava nada. Talvez pensasse que eu era igual a ele.

Mon ami ne donnait jamais d'explications. Il me croyait peut-être semblable à lui.

Infelizmente, eu não sei ver ovelhas através de caixas.

Mais moi, malheureusement, je ne sais pas voir les moutons à travers les caisses.

Talvez esteja um bocado parecido com as pessoas grandes.

Je suis peut-être un peu comme les grandes personnes.

Devo ter envelhecido.

J'ai dû vieillir.

CAPÍTULO 5 – CHAPITRE 5

Todos os dias eu ficava a saber mais qualquer coisa sobre o planeta, sobre a sua partida, sobre a viagem. Eram coisas que emergiam de mansinho ao sabor dos seus pensamentos. Foi assim que, no terceiro dia, soube da tragédia dos embondeiros.

Foi mais uma vez graças à ovelha porque, de repente, o príncipezinho perguntou-me, como que assaltado por uma dúvida premente:

– É mesmo verdade que as ovelhas comem arbustos, não é?

– É, sim senhor.

– Ainda bem!

Não percebi porque é que era tão importante que as ovelhas comessem arbustos. Mas o príncipezinho acrescentou:

– Então, também comem embondeiros?

Fiz ver ao príncipezinho que os embondeiros não são arbustos, mas árvores da altura de uma igreja e que, mesmo que ele para lá levasse uma manada de elefantes, a manada inteira não conseguiria dar conta de um único embondeiro.

À ideia de uma manada de elefantes, o príncipezinho desatou a rir:

– Tinha de os pôr uns por cima dos outros!



Mas depois, cheio de sabedoria, observou:

– Os embondeiros, antes de crescerem, também começam por ser pequenos.

– Claro! Mas porque é que queres que as tuas ovelhas comam os embondeiros pequeninos? Respondeu-me com um "tu tens cada uma...", como se se tratasse de uma evidência. E tive de fazer um grande esforço de inteligência para conseguir perceber sem ajudas qual era o problema dele.

E, com efeito, como em todos os outros planetas, no planeta do príncipezinho havia ervas boas e ervas daninhas, e, logo, sementes boas de ervas boas e sementes daninhas de ervas daninhas. Mas as sementes são invisíveis. Dormem no segredo da terra até que a uma lhe dê, para acordar... Então, espreguiça-se e começa por lançar timidamente um rebentozinho inofensivo e encantador em direcção ao Sol. Se é um rebento de rabanete ou de roseira pode-se deixá-lo crescer à vontade. Mas mal se percebe que é de uma planta daninha, há que arrancá-lo imediatamente. Ora no planeta do príncipezinho havia umas sementes terríveis... eram as sementes de embondeiro. O solo do planeta estava infestado delas. Se só se reparar num embondeiro quando ele já for bastante grande, nunca mais ninguém se vê livre dele. Atravanca o planeta todo. Esburaca-o com as suas raízes. E se o planeta for mesmo muito pequenino e os embondeiros forem muitos, com certeza que rebentam com ele.



"É uma questão de disciplina", dizia-me, mais tarde, o príncipezinho. "De manhã, quando nos levantamos, lavamo-nos e arranjamo-nos, não é? Pois lá também é preciso ir limpar e arranjar o planeta. Há que arrancar regularmente os pés dos embondeiros, mal eles se distingam dos das roseiras com as quais se parecem muito quando são novinhos. É um trabalho muito aborrecido, mas muito fácil."

E um dia pediu para eu me esforçar o mais que pudesse para me sair um desenho mesmo bom e capaz de meter essa ideia na cabeça dos meninos da Terra. "Pode ser-lhes muito útil, se eles forem viajar. Às vezes não faz mal nenhum deixar um trabalho para depois. Mas, com embondeiros, é sempre uma catástrofe. Uma vez fui a um planeta habitado por um preguiçoso. Não esteve para se ralar com três arbustos..."

E, a partir das indicações do príncipezinho, eu desenhei esse planeta. Não gosto nada de me armar em moralista. Mas o perigo que os embondeiros representam é tão pouco conhecido e os riscos a que se expõe alguém que se perca num asteróide tão grandes que, uma vez sem exemplo, vos digo: "Meninos! Cuidado com os embondeiros!" Foi para precaver os meus amigos contra um perigo que os ameaça há tanto tempo sem que eles - nem eu - o soubessem, que me apliquei tanto neste desenho. A lição valia a pena. Talvez vocês fiquem a pensar: porque é que neste livro não há outro desenho tão grandioso como o desenho dos embondeiros? A resposta é muito simples: eu bem tentei, mas não consegui. Desenhei os embondeiros inspirado por uma grande sensação de urgência.



* * * * *

Todos os dias eu ficava a saber mais qualquer coisa sobre o planeta, sobre a sua partida, sobre a viagem.

Chaque jour j'apprenais quelque chose sur la planète, sur le départ, sur le voyage.

Eram coisas que emergiam de mansinho ao sabor dos seus pensamentos.
Ça venait tout doucement, au hasard des réflexions.

Foi assim que, no terceiro dia, soube da tragédia dos embondeiros.
C'est ainsi que, le troisième jour, je connus le drame des baobabs.

Foi mais uma vez graças à ovelha porque, de repente, o príncipezinho perguntou-me, como que assaltado por uma dúvida premente:

Cette fois-ci encore ce fut grâce au mouton, car brusquement le petit prince m'interrogea, comme pris d'un doute grave :

– É mesmo verdade que as ovelhas comem arbustos, não é?

– C'est bien vrai, n'est-ce pas, que les moutons mangent les arbustes ?

– É, sim senhor.

– Oui. C'est vrai.

– Ainda bem!

– Ah ! Je suis content.

Não percebi porque é que era tão importante que as ovelhas comessem arbustos.

Je ne compris pas pourquoi il était si important que les moutons mangeassent les arbustes.

Mas o príncipezinho acrescentou:

Mais le petit prince ajoute :

- Então, também comem embondeiros?
- *Par conséquent ils mangent aussi les baobabs ?*

Fiz ver ao principezinho que os embondeiros não são arbustos, mas árvores da altura de uma igreja

Je fis remarquer au petit prince que les baobabs ne sont pas des arbustes, mais des arbres grands comme des églises

e que, mesmo que ele para lá levasse uma manada de elefantes, a manada inteira não conseguiria dar conta de um único embondeiro.

et que, si même il emportait avec lui tout un troupeau d'éléphants, ce troupeau ne viendrait pas à bout d'un seul baobab.

À ideia de uma manada de elefantes, o principezinho desatou a rir:

L'idée du troupeau d'éléphants fit rire le petit prince :

- Tinha de os pôr uns por cima dos outros!
- *Il faudrait les mettre les uns sur les autres...*

Mas depois, cheio de sabedoria, observou:

Mais il remarqua avec sagesse :

– Os embondeiros, antes de crescerem, também começam por ser pequenos.

– Les baobabs, avant de grandir, ça commence par être petit.

– Claro! Mas porque é que queres que as tuas ovelhas comam os embondeiros pequeninos?

– C'est exact ! Mais pourquoi veux-tu que tes moutons mangent les petits baobabs ?

Respondeu-me com um "tu tens cada uma...", como se se tratasse de uma evidência.

Il me répondit : « Ben ! Voyons ! » comme s'il s'agissait là d'une évidence.

E tive de fazer um grande esforço de inteligência para conseguir perceber sem ajudas qual era o problema dele.

Et il me fallut un grand effort d'intelligence pour comprendre à moi seul ce problème.

E, com efeito, como em todos os outros planetas, no planeta do príncipezinho havia ervas boas e ervas daninhas, e, logo, sementes boas de ervas boas e sementes daninhas de ervas daninhas.

Et en effet, sur la planète du petit prince, il y avait comme sur toutes les planètes, de bonnes herbes et de mauvaises herbes. Par conséquent de bonnes graines de bonnes herbes et de mauvaises graines de mauvaises herbes.

Mas as sementes são invisíveis.

Mais les graines sont invisibles.

Dormem no segredo da terra até que a uma lhe dê, para acordar...

Elles dorment dans le secret de la terre jusqu'à ce qu'il prenne fantaisie à l'une d'elles de se réveiller.

Então, espreguiça-se e começa por lançar timidamente um rebentozinho inofensivo e encantador em direcção ao Sol.

Alors elle s'étire, et pousse d'abord timidement vers le soleil une ravissante petite brindille inoffensive.

Se é um rebento de rabanete ou de roseira pode-se deixá-lo crescer à vontade.

S'il s'agit d'une brindille de radis ou de rosier, on peut la laisser pousser comme elle veut.

Mas mal se percebe que é de uma planta daninha, há que arrancá-lo imediatamente.

Mais s'il s'agit d'une mauvaise plante, il faut arracher la plante aussitôt, dès qu'on a su la reconnaître.

Ora no planeta do príncipezinho havia umas sementes terríveis... eram as sementes de embondeiro.

Or il y avait des graines terribles sur la planète du petit prince... c'étaient les graines de baobabs.

O solo do planeta estava infestado delas.

Le sol de la planète en était infesté.

Se só se reparar num embondeiro quando ele já for bastante grande, nunca mais ninguém se vê livre dele.

Or un baobab, si l'on s'y prend trop tard, on ne peut jamais plus s'en débarrasser.

Atravanca o planeta todo.

Il encombre toute la planète.

Esburaca-o com as suas raízes.

Il la perfore de ses racines.

E se o planeta for mesmo muito pequenino e os embondeiros forem muitos, com certeza que rebentam com ele.

Et si la planète est trop petite, et si les baobabs sont trop nombreux, ils la font éclater.

"É uma questão de disciplina", dizia-me, mais tarde, o príncipezinho.

« C'est une question de discipline, me disait plus tard le petit prince.

"De manhã, quando nos levantamos, lavamo-nos e arranjamo-nos, não é? Pois lá também é preciso ir limpar e arranjar o planeta.

Quand on a terminé sa toilette du matin, il faut faire soigneusement la toilette de la planète.

Há que arrancar regularmente os pés dos embondeiros, mal eles se distingam dos das roseiras com as quais se parecem muito quando são novinhos.

Il faut s'astreindre régulièrement à arracher les baobabs dès qu'on les distingue d'avec les rosiers auxquels ils ressemblent beaucoup quand ils sont très jeunes.

É um trabalho muito aborrecido, mas muito fácil."

C'est un travail très ennuyeux, mais très facile. »

E um dia pediu para eu me esforçar o mais que pudesse para me sair um desenho mesmo bom e capaz de meter essa ideia na cabeça dos meninos da Terra.

Et un jour il me conseilla de m'appliquer à réussir un beau dessin, pour bien faire entrer ça dans la tête des enfants de chez moi.

"Pode ser-lhes muito útil, se eles forem viajar.

« S'ils voyagent un jour, me disait-il, ça pourra leur servir.

Às vezes não faz mal nenhum deixar um trabalho para depois.

Il est quelquefois sans inconvénient de remettre à plus tard son travail.

Mas, com embondeiros, é sempre uma catástrofe.

Mais, s'il s'agit des baobabs, c'est toujours une catastrophe.

Uma vez fui a um planeta habitado por um preguiçoso.

J'ai connu une planète, habitée par un paresseux.

Não esteve para se ralar com três arbustos... "

Il avait négligé trois arbustes... »

E, a partir das indicações do príncipezinho, eu desenhei esse planeta.

Et, sur les indications du petit prince, j'ai dessiné cette planète-là.

Não gosto nada de me armar em moralista.

Je n'aime guère prendre le ton d'un moraliste.

Mas o perigo que os embondeiros representam é tão pouco conhecido e os riscos a que se expõe alguém que se perca num asteróide tão grandes que, uma vez sem exemplo, vos digo:

Mais le danger des baobabs est si peu connu, et les risques courus par celui qui s'égarerait dans un astéroïde sont si considérables, que, pour une fois, je fais exception à ma réserve. Je dis :

"Meninos! Cuidado com os embondeiros!"

« *Enfants ! Faites attention aux baobabs !* »

Foi para precaver os meus amigos contra um perigo que os ameaça há tanto tempo sem que eles - nem eu - o soubessem, que me apliquei tanto neste desenho.

C'est pour avertir mes amis d'un danger qu'ils frôlaient depuis longtemps, comme moi-même, sans le connaître, que j'ai tant travaillé ce dessin-là.

A lição valia a pena.

La leçon que je donnais en valait la peine.

Talvez vocês fiquem a pensar: porque é que neste livro não há outro desenho tão grandioso como o desenho dos embondeiros?

Vous vous demanderez peut-être : Pourquoi n'y a-t-il pas, dans ce livre, d'autres dessins aussi grandioses que le dessin des baobabs ?

A resposta é muito simples: eu bem tentei, mas não consegui.

La réponse est bien simple : j'ai essayé mais je n'ai pas pu réussir.

Desenhei os embondeiros inspirado por uma grande sensação de urgência.

Quand j'ai dessiné les baobabs j'ai été animé par le sentiment de l'urgence.

CAPÍTULO 6 – CHAPITRE 6

Ah, príncipezinho! Assim, aos poucos, fui ficando a conhecer a tua melancólica vidinha! Durante muito tempo, a tua única distração foi a beleza dos crepúsculos. Fiquei a sabê-lo na manhã do quarto dia, quando me disseste:

- Gosto muito dos pores do sol. Vamos ver um pôr do Sol...

- Mas primeiro temos de esperar...

- Esperar o quê?

- Esperar que o Sol se ponha.

Começaste por ficar muito espantado, mas depois riste-te de ti próprio. E disseste-me:

- Ainda julgo que estou lá no meu sítio...

Pois é. Quando é meio-dia nos Estados-Unidos, toda a gente sabe que o Sol se está a pôr em França. Bastava poder chegar a França num minuto para se assistir ao pôr do Sol. Mas, infelizmente a França fica longe demais. No teu planeta pequenino basta puxares a cadeira um bocadinho mais para trás. E vias quantos crepúsculos quisesses...

- Um dia vi o Sol pôr-se quarenta e três vezes!

E pouco depois, acrescentaste:

- Sabes... Quando se está muito, muito triste, é bom ver o pôr do sol...

- E estavas assim tão triste no dia das quarenta e três vezes?
Mas o príncipezinho não me respondeu.



* * * * *

Ah, principezinho! Assim, aos poucos, fui ficando a conhecer a tua melancólica vidinha!

Ah ! petit prince, j'ai compris, peu à peu, ainsi, ta petite vie mélancolique.

Durante muito tempo, a tua única distração foi a beleza dos crepúsculos.
Tu n'avais eu longtemps pour distraction que la douceur des couchers de soleil.

Fiquei a sabê-lo na manhã do quarto dia, quando me disseste:
J'ai appris ce détail nouveau, le quatrième jour au matin, quand tu m'as dit :

- Gosto muito dos pores do sol. Vamos ver um pôr do Sol...

– J'aime bien les couchers de soleil. Allons voir un coucher de soleil...

- Mas primeiro temos de esperar...

– Mais il faut attendre...

- Esperar o quê?

– Attendre quoi ?

- Esperar que o Sol se ponha.

– Attendre que le soleil se couche.

Começaste por ficar muito espantado, mas depois riste-te de ti próprio.

Tu as eu l'air très surpris d'abord, et puis tu as ri de toi-même.

E disseste-me:

Et tu m'as dit :

- Ainda julgo que estou lá no meu sítio...

– Je me crois toujours chez moi !

Pois é. Quando é meio-dia nos Estados-Unidos, toda a gente sabe que o Sol se está a pôr em França.

En effet. Quand il est midi aux États-Unis, le soleil, tout le monde le sait, se couche sur la France.

Bastava poder chegar a França num minuto para se assistir ao pôr do Sol.
Il suffirait de pouvoir aller en France en une minute pour assister au coucher de soleil.

Mas, infelizmente a França fica longe demais.
Malheureusement la France est bien trop éloignée.

No teu planeta pequenino basta puxares a cadeira um bocadinho mais para trás.
Mais, sur ta si petite planète, il te suffisait de tirer ta chaise de quelques pas.

E vias quantos crepúsculos quisesses...
Et tu regardais le crépuscule chaque fois que tu le désirais...

- Um dia vi o Sol pôr-se quarenta e três vezes!
– *Un jour, j'ai vu le soleil se coucher quarante-trois fois !*

E pouco depois, acrescentaste:
Et un peu plus tard tu ajoutais :

- Sabes... Quando se está muito, muito triste, é bom ver o pôr do sol...
– *Tu sais... quand on est tellement triste on aime les couchers de soleil...*

- E estavas assim tão triste no dia das quarenta e três vezes?
– *Le jour des quarante-trois fois tu étais donc tellement triste ?*

Mas o príncipezinho não me respondeu.
Mais le petit prince ne répondit pas.

CAPÍTULO 7 – CHAPITRE 7

No quinto dia, ainda mais uma vez graças à ovelha, fiquei a saber um segredo da vida do príncipezinho. Perguntou-me de chofre, sem rodeios, como se fruto de um problema longamente meditado em silêncio:

- Uma ovelha, se come arbustos, também come flores?
- Uma ovelha come tudo quanto lhe aparece pela frente.
- Mesmo as flores com espinhos?
- Claro. Mesmo as flores com espinhos.
- Então para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Estava todo concentrado no meu motor, a tentar desenroscar uma porca. Sentia-me bastante aflito porque a avaria começava a parecer-me muito complicada e quase já não havia água para beber.

- Para que servem os espinhos?

Uma vez que a fizesse, o príncipezinho nunca desistia de uma pergunta. Eu estava irritado com a porca e só respondi para ver se ele se calava:

- Não servem para nada... São uma pura manifestação de maldade!
- Oh!

Ficou calado. Depois, com um ar quase ressentido, disse:

- Não acredito! As flores são fracas. São muito ingénuas. Agarram-se ao que podem para se sentirem seguras. Pensam que toda a gente tem medo delas por causa dos espinhos...

Não respondi, porque nesse momento estava a pensar cá com os meus botões: "Se esta maldita porca não se desenrosca, dou-lhe uma martelada tão grande que até salta!" Mas o príncipezinho interrompeu outra vez tão altos pensamentos:

- E tu, tu achas que as flores...

- Não! Claro que não! Nem estava a pensar naquilo que te disse. Tenho coisas mais sérias com que me entreter!

Olhou para mim, perfeitamente estupefacto.

- Coisas mais sérias!

E ali estava eu, de martelo na mão, com os dedos todos sujos de óleo, debruçado sobre um objecto que lhe parecia horrroso.

- Estás a falar como as pessoas grandes!

Fiquei um bocado envergonhado. Mas o príncipezinho não teve dó de mim e continuou.

- Estás a confundir tudo... estás a baralhar tudo!

Estava, de facto, muito zangado. Sacudindo os seus cabelos dourados ao vento, gritava:

- Sei de um planeta onde há um senhor todo afogueado. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou para uma estrela. Nunca gostou de ninguém. Nunca fez senão contas. E, tal como tu, passa o dia a dizer: "Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!" Mas aquilo não é um homem! Aquilo é um cogumelo!

- Um quê?

- Um cogumelo!

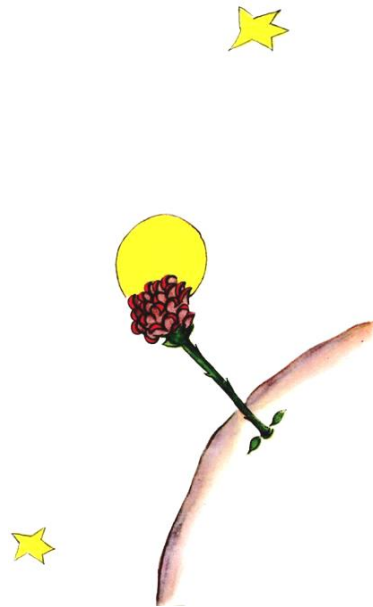
Agora o príncipezinho sentia-se tão irritado que até estava branco.

- As flores fabricam espinhos há muitos milhões de anos. Apesar disso, as ovelhas comem flores há muitos milhões de anos. E vens-me tu agora dizer que tentar perceber porque é que elas têm tanto trabalho a fabricar espinhos que nunca lhes servem para nada não é uma coisa séria! Que a guerra entre as ovelhas e as flores não é uma coisa importante! Não será uma coisa bem mais séria e bem mais importante do que as contas de um senhor muito gordo e muito encarnado? E se eu, eu que aqui estou à tua frente, conhecer uma flor única no mundo, uma flor que não existe em mais lado nenhum senão no meu planeta e que, numa manhã qualquer, uma ovelhinha pode reduzir num instante a nada, assim, sem sequer dar por isso, também não tem importância nenhuma, pois não?

Corou. Mas não se calou.

- Amar uma flor de que só há um exemplar em milhões e milhões de estrelas basta para uma pessoa se sentir feliz quando olha para elas. Porque pensa: "Ali está ela, lá no alto, a minha flor..." Mas se a ovelha comer a flor, para essa pessoa é como se as estrelas se apagassem todas de uma vez! Mas isso também não tem importância nenhuma, pois não?

E não conseguiu dizer mais nada. Desatou de repente a soluçar. Entretanto, já se fizera de noite e eu já largara as minhas ferramentas. Queria lá bem saber do martelo, da porca, da sede e da morte. É que, numa certa estrela, num certo planeta, no meu planeta, na Terra, havia um príncipezinho para consolar. Peguei-lhe ao colo. Embalei-o. Fui-lhe dizendo: "A flor de que tu gostas não corre perigo nenhum... Eu desenho-lhe um açaimo à tua ovelha... Eu desenho-te uma armadura para a tua flor... Eu ... " Não sabia que mais lhe dizer. Sentia-me completamente desastrado. Não sabia como chegar até ele... É tão misterioso, o país das lágrimas!



* * * * *

No quinto dia, ainda mais uma vez graças à ovelha, fiquei a saber um segredo da vida do príncipezinho.

Le cinquième jour, toujours grâce au mouton, ce secret de la vie du petit prince me fut révélé.

Perguntou-me de chofre, sem rodeios, como se fruto de um problema longamente meditado em silêncio:

Il me demanda avec brusquerie, sans préambule, comme le fruit d'un problème longtemps médité en silence :

- Uma ovelha, se come arbustos, também come flores?
– *Un mouton, s'il mange les arbustes, il mange aussi les fleurs ?*

- Uma ovelha come tudo quanto lhe aparece pela frente.
– *Un mouton mange tout ce qu'il rencontre.*

- Mesmo as flores com espinhos?
– *Même les fleurs qui ont des épines ?*

- Claro. Mesmo as flores com espinhos.
– *Oui. Même les fleurs qui ont des épines.*

- Então para que servem os espinhos?
– *Alors les épines, à quoi servent-elles ?*

Eu não sabia.

Je ne le savais pas.

Estava todo concentrado no meu motor, a tentar desenroscar uma porca.
J'étais alors très occupé à essayer de dévisser un boulon trop serré de mon moteur.

Sentia-me bastante aflito porque a avaria começava a parecer-me muito complicada e quase já não havia água para beber.

J'étais très soucieux car ma panne commençait de m'apparaître comme très grave, et l'eau à boire qui s'épuisait me faisait craindre le pire.

- Para que servem os espinhos?

– *Les épines, à quoi servent-elles ?*

Uma vez que a fizesse, o principezinho nunca desistia de uma pergunta.

Le petit prince ne renonçait jamais à une question, une fois qu'il l'avait posée.

Eu estava irritado com a porca e só respondi para ver se ele se calava:

J'étais irrité par mon boulon et je répondis n'importe quoi :

- Não servem para nada... São uma pura manifestação de maldade!

– *Les épines, ça ne sert à rien, c'est de la pure méchanceté de la part des fleurs !*

- Oh!

– *Oh !*

Ficou calado. Depois, com um ar quase ressentido, disse:

Mais après un silence il me lança, avec une sorte de rancune :

- Não acredito! As flores são fracas. São muito ingénuas.

– *Je ne te crois pas ! Les fleurs sont faibles. Elles sont naïves.*

Agarram-se ao que podem para se sentirem seguras.

Elles se rassurent comme elles peuvent.

Pensam que toda a gente tem medo delas por causa dos espinhos...

Elles se croient terribles avec leurs épines...

Não respondi, porque nesse momento estava a pensar cá com os meus botões:

Je ne répondis rien. À cet instant-là je me disais :

"Se esta maldita porca não se desenrosca, dou-lhe uma martelada tão grande que até salta!"

« Si ce boulon résiste encore, je le ferai sauter d'un coup de marteau. »

Mas o principezinho interrompeu outra vez tão altos pensamentos:

Le petit prince déranger de nouveau mes réflexions :

- E tu, tu achas que as flores...

– Et tu crois, toi, que les fleurs...

- Não! Claro que não! Nem estava a pensar naquilo que te disse.

– Mais non ! Mais non ! Je ne crois rien ! J'ai répondu n'importe quoi.

Tenho coisas mais sérias com que me entreter!

Je m'occupe, moi, de choses sérieuses !

Olhou para mim, perfeitamente estupefacto.

Il me regarda stupéfait.

- Coisas mais sérias!

– De choses sérieuses !

E ali estava eu, de martelo na mão, com os dedos todos sujos de óleo, debruçado sobre um objecto que lhe parecia horroroso.

Il me voyait, mon marteau à la main, et les doigts noirs de cambouis, penché sur un objet qui lui semblait très laid.

- Estás a falar como as pessoas grandes!

– Tu parles comme les grandes personnes !

Fiquei um bocado envergonhado.

Ça me fit un peu honte.

Mas o principezinho não teve dó de mim e continuou.

Mais, impitoyable, il ajoute :

- Estás a confundir tudo... estás a baralhar tudo!
– *Tu confonds tout... tu mélanges tout !*

Estava, de facto, muito zangado.
Il était vraiment très irrité.

Sacudindo os seus cabelos dourados ao vento, gritava:
Il secouait au vent des cheveux tout dorés :

- Sei de um planeta onde há um senhor todo afogueado.
– *Je connais une planète où il y a un Monsieur cramoisí.*

Nunca cheirou uma flor.
Il n'a jamais respiré une fleur.

Nunca olhou para uma estrela.
Il n'a jamais regardé une étoile.

Nunca gostou de ninguém.
Il n'a jamais aimé personne.

Nunca fez senão contas.
Il n'a jamais rien fait d'autre que des additions.

E, tal como tu, passa o dia a dizer: "Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!"
Et toute la journée il répète comme toi : « Je suis un homme sérieux ! Je suis un homme sérieux ! »

Mas aquilo não é um homem! Aquilo é um cogumelo!
Mais ce n'est pas un homme, c'est un champignon !

- Um quê?
– *Un quoi ?*

- Um cogumelo!
– *Un champignon !*

Agora o príncipezinho sentia-se tão irritado que até estava branco.
Le petit prince était maintenant tout pâle de colère.

- As flores fabricam espinhos há muitos milhões de anos.
– *Il y a des millions d'années que les fleurs fabriquent des épines.*

Apesar disso, as ovelhas comem flores há muitos milhões de anos.
Il y a des millions d'années que les moutons mangent quand même les fleurs.

E vens-me tu agora dizer que tentar perceber porque é que elas têm tanto trabalho a fabricar espinhos que nunca lhes servem para nada não é uma coisa séria!

Et ce n'est pas sérieux de chercher à comprendre pourquoi elles se donnent tant de mal pour se fabriquer des épines qui ne servent jamais à rien ?

Que a guerra entre as ovelhas e as flores não é uma coisa importante!
Ce n'est pas important la guerre des moutons et des fleurs ?

Não será uma coisa bem mais séria e bem mais importante do que as contas de um senhor muito gordo e muito encarnado?

Ce n'est pas plus sérieux et plus important que les additions d'un gros Monsieur rouge ?

E se eu, eu que aqui estou à tua frente, conhecer uma flor única no mundo, uma flor que não existe em mais lado nenhum senão no meu planeta

Et si je connais, moi, une fleur unique au monde, qui n'existe nulle part, sauf dans ma planète,

e que, numa manhã qualquer, uma ovelhinha pode reduzir num instante a nada, assim, sem sequer dar por isso, também não tem importância nenhuma, pois não?

et qu'un petit mouton peut anéantir d'un seul coup, comme ça, un matin, sans se rendre compte de ce qu'il fait, ce n'est pas important ça !

Corou. Mas não se calou.

Il rougit, puis reprit :

- Amar uma flor de que só há um exemplar em milhões e milhões de estrelas basta para uma pessoa se sentir feliz quando olha para elas.

– Si quelqu'un aime une fleur qui n'existe qu'à un exemplaire dans les millions et les millions d'étoiles, ça suffit pour qu'il soit heureux quand il les regarde.

Porque pensa: "Ali está ela, lá no alto, a minha flor..."

Il se dit : « Ma fleur est là quelque part... »

Mas se a ovelha comer a flor, para essa pessoa é como se as estrelas se apagassem todas de uma vez!

Mais si le mouton mange la fleur, c'est pour lui comme si, brusquement, toutes les étoiles s'éteignaient !

Mas isso também não tem importância nenhuma, pois não?

Et ce n'est pas important ça !

E não conseguiu dizer mais nada.

Il ne put rien dire de plus.

Desatou de repente a soluçar.

Il éclata brusquement en sanglots.

Entretanto, já se fizera de noite e eu já largara as minhas ferramentas.

La nuit était tombée. J'avais lâché mes outils.

Queria lá bem saber do martelo, da porca, da sede e da morte.

Je me moquais bien de mon marteau, de mon boulon, de la soif et de la mort.

É que, numa certa estrela, num certo planeta, no meu planeta, na Terra, havia um príncipezinho para consolar.

Il y avait, sur une étoile, une planète, la mienne, la Terre, un petit prince à consoler !

Peguei-lhe ao colo. Embalei-o.

Je le pris dans les bras. Je le berçai.

Fui-lhe dizendo: "A flor de que tu gostas não corre perigo nenhum..."

Je lui disais : « La fleur que tu aimes n'est pas en danger...

Eu desenho-lhe um açaimo à tua ovelha...

Je lui dessinerai une muselière, à ton mouton...

Eu desenho-te uma armadura para a tua flor... Eu ... "

Je te dessinerai une armure pour ta fleur... Je... »

Não sabia que mais lhe dizer. Sentia-me completamente desastrado.

Je ne savais pas trop quoi dire. Je me sentais très maladroit.

Não sabia como chegar até ele...

Je ne savais comment l'atteindre, où le rejoindre...

É tão misterioso, o país das lágrimas!

C'est tellement mystérieux, le pays des larmes.

CAPÍTULO 8 – CHAPITRE 8

Não tardei a conhecer melhor essa flor. No planeta do príncipezinho sempre tinham existido flores muito simples, guarnecidas com uma única fiada de pétalas. Sabiam muito bem qual era o lugar delas e não incomodavam ninguém. Uma bela manhã despontavam na relva e, nessa mesma noite, apagavam-se. Mas aquela, aquela germinara de uma semente vinda sabia-se lá de onde e o príncipezinho pusera-se logo a vigiar atentamente aquele rebento que não se parecia nada com os outros rebentos.

Talvez fosse uma nova espécie de embondeiro... Mas bem depressa o arbusto deixara de crescer para começar a preparar uma flor. O príncipezinho, que assistia ao despontar de um botão enorme, estava mesmo a ver que dali iria sair uma aparição miraculosa; mas a flor nunca mais acabava de se arranjar, de se pôr bonita, sempre trancada no seu quarto verde. Escolhia as cores com todo o cuidado. Vestia-se vagarosamente, assentando as pétalas uma a uma. Não queria sair toda amarrotada, como as papoilas. Só queria aparecer no máximo esplendor da sua beleza. Oh, sim! Ela era mesmo muito vaidosa! Levava dias e dias a preparar-se. E uma bela manhã, precisamente ao nascer do Sol, fizera a sua aparição.

E ela, que demorara tanto tempo a arranjar-se, bocejou e disse:

- Ai! Ainda mal acordei... Peço-lhe que me perdoe... Estou toda despenteada...

Mas o príncipezinho não pôde conter a sua admiração:

- Você é tão bonita!

- Lá isso é verdade... - respondeu a flor, com uma voz mansinha. - E nasci ao mesmo tempo que o Sol...



O principezinho suspeitou logo que a modéstia não devia ser o seu forte; mas era tão enternecedora!

- Creio que está na hora do pequeno-almoço - disse, daí a pouco. - É capaz de ter a bondade de pensar na minha pessoa?

E o principezinho, todo atrapalhado, fora buscar um regador de água fresca para servir a flor.



Depressa começara portanto a atormentá-lo com a sua vaidade, as suas susceptibilidades e os seus caprichos. Um belo dia, por exemplo, estando a conversar com o príncipezinho acerca dos seus quatro espinhos, disse:

- Se os tigres, com aquelas garras, pensam que me metem medo ... Cá os espero!



- Mas no meu planeta não há tigres! - objectara o príncipezinho. - E, aliás, os tigres não comem erva...

- Eu não sou erva - respondera a flor, com uma voz meiguinha.

- Desculpe...

- De facto, dos tigres não tenho medo nenhum. Mas das correntes de ar... Por acaso não tem por aí um biombo?

"Já é azar, para uma planta, ter medo das correntes de ar", pensara o príncipezinho. "Mas que flor tão complicada!"

- À noite, quero que me cubra com uma redoma. É que faz tanto frio aqui... Há tão poucas comodidades ... Lá de onde eu venho."

Mas calara-se imediatamente.

Quando ali chegara, era uma semente. Evidentemente que não podia ter visto nada noutros mundos. Humilhada por se ter deixado apanhar numa mentira tão ingénua, tossira duas ou três vezes para conseguir virar o bico ao prego:

- Então, esse biombo?

- Estava para o ir buscar, mas como você ainda não tinha acabado...

A flor pôs-se a forçar a tosse. Mesmo assim, ele ainda havia de ficar com remorsos!



Deste modo, apesar de toda a boa vontade do seu amor, o principezinho começara a desconfiar dela. Tinha levado a sério meia dúzia de coisas insignificantes e saíra-se muito mal.

Sentia-se muito infeliz.

Um dia, confidenciou-me:

"Nunca lhe devia ter dado ouvidos. Nunca se deve dar ouvidos às flores. Deve-se é olhar para elas e cheirá-las. A minha, perfumava-me o planeta todo, mas eu não era capaz de dar valor a isso. E aquela fanfarronice das garras, que me irritou tanto, devia era ter-me enternecido... "

E também me contou que:

"Não fui capaz de entender nada. Devia tê-la avaliado não pelas suas palavras, mas pelos seus actos. Ela perfumava-me e dava-me luz! Eu nunca devia ter fugido! Devia era ter sido capaz de perceber toda a ternura escondida naquelas suas pobres manhas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era novo demais para a saber amar."



* * * * *

Não tardei a conhecer melhor essa flor.

J'appris bien vite à mieux connaître cette fleur.

No planeta do príncipezinho sempre tinham existido flores muito simples, guarnecidas com uma única fiada de pétalas. Sabiam muito bem qual era o lugar delas e não incomodavam ninguém.

Il y avait toujours eu, sur la planète du petit prince, des fleurs très simples, ornées d'un seul rang de pétales, et qui ne tenaient point de place, et qui ne dérangent personne.

Uma bela manhã despontavam na relva e, nessa mesma noite, apagavam-se.

Elles apparaissaient un matin dans l'herbe, et puis elles s'éteignaient le soir.

Mas aquela, aquela germinara de uma semente vinda sabia-se lá de onde

Mais celle-là avait germé un jour, d'une graine apportée d'on ne sait où,

e o príncipezinho pusera-se logo a vigiar atentamente aquele rebento que não se parecia nada com os outros rebentos.

et le petit prince avait surveillé de très près cette brindille qui ne ressemblait pas aux autres brindilles.

Talvez fosse uma nova espécie de embondeiro...

Ça pouvait être un nouveau genre de baobab.

Mas bem depressa o arbusto deixara de crescer para começar a preparar uma flor.

Mais l'arbuste cessa vite de croître, et commença de préparer une fleur.

O príncipezinho, que assistia ao despontar de um botão enorme, estava mesmo a ver que dali iria sair uma aparição miraculosa;

Le petit prince, qui assistait à l'installation d'un bouton énorme, sentait bien qu'il en sortirait une apparition miraculeuse,

mas a flor nunca mais acabava de se arranjar, de se pôr bonita, sempre trancada no seu quarto verde.

mais la fleur n'en finissait pas de se préparer à être belle, à l'abri de sa chambre verte.

Escolhia as cores com todo o cuidado.

Elle choisissait avec soin ses couleurs.

Vestia-se vagorosamente, assentando as pétalas uma a uma.

Elle s'habillait lentement, elle ajustait un à un ses pétales.

Não queria sair toda amarrotada, como as papoilas.

Elle ne voulait pas sortir toute fripée comme les coquelicots.

Só queria aparecer no máximo esplendor da sua beleza.

Elle ne voulait apparaître que dans le plein rayonnement de sa beauté.

Oh, sim! Ela era mesmo muito vaidosa!

Eh ! oui. Elle était très coquette !

Levara dias e dias a preparar-se.

Sa toilette mystérieuse avait donc duré des jours et des jours.

E uma bela manhã, precisamente ao nascer do Sol, fizera a sua aparição.

Et puis voici qu'un matin, justement à l'heure du lever du soleil, elle s'était montrée.

E ela, que demorara tanto tempo a arranjar-se, bocejou e disse:

Et elle, qui avait travaillé avec tant de précision, dit en bâillant :

- Ai! Ainda mal acordei... Peço-lhe que me perdoe...

– Ah ! Je me réveille à peine... Je vous demande pardon...

Estou toda despenteada...

Je suis encore toute décoiffée...

Mas o príncipezinho não pôde conter a sua admiração:

Le petit prince, alors, ne put contenir son admiration :

- Você é tão bonita!
– *Que vous êtes belle !*

- Lá isso é verdade... - respondeu a flor, com uma voz mansinha.
– *N'est-ce pas, répondit doucement la fleur.*

E nasci ao mesmo tempo que o Sol...
Et je suis née en même temps que le soleil...

O principezinho suspeitou logo que a modéstia não devia ser o seu forte; mas era tão enternecedora!
Le petit prince devina bien qu'elle n'était pas trop modeste, mais elle était si émouvante !

- Creio que está na hora do pequeno-almoço - disse, daí a pouco. - É capaz de ter a bondade de pensar na minha pessoa?
– *C'est l'heure, je crois, du petit déjeuner, avait-elle bientôt ajouté, auriez-vous la bonté de penser à moi...*

E o principezinho, todo atrapalhado, fora buscar um regador de água fresca para servir a flor.
Et le petit prince, tout confus, ayant été chercher un arrosoir d'eau fraîche, avait servi la fleur.

Depressa começara portanto a atormentá-lo com a sua vaidade, as suas susceptibilidades e os seus caprichos.
Ainsi l'avait-elle bien vite tourmenté par sa vanité un peu ombrageuse.

Um belo dia, por exemplo, estando a conversar com o principezinho acerca dos seus quatro espinhos, disse:
Un jour, par exemple, parlant de ses quatre épines, elle avait dit au petit prince :

- Se os tigres, com aquelas garras, pensam que me metem medo ...
Cá os espero!
– *Ils peuvent venir, les tigres, avec leurs griffes !*

- Mas no meu planeta não há tigres! - objectara o príncipezinho. - E, aliás, os tigres não comem erva...

– *Il n’y a pas de tigres sur ma planète, avait objecté le petit prince, et puis les tigres ne mangent pas l’herbe.*

- Eu não sou erva - respondera a flor, com uma voz meiguinha.

– *Je ne suis pas une herbe, avait doucement répondu la fleur.*

- Desculpe...

– *Pardonnez-moi...*

- De facto, dos tigres não tenho medo nenhum. Mas das correntes de ar...

– *Je ne crains rien des tigres, mais j’ai horreur des courants d’air.*

Por acaso não tem por aí um biombo?

Vous n’auriez pas un paravent ?

"Já é azar, para uma planta, ter medo das correntes de ar", pensara o príncipezinho.

« *Horreur des courants d’air... ce n’est pas de chance, pour une plante, avait remarqué le petit prince.*

"Mas que flor tão complicada!"

Cette fleur est bien compliquée... »

- À noite, quero que me cubra com uma redoma.

– *Le soir vous me mettez sous globe.*

É que faz tanto frio aqui... Há tão poucas comodidades ...

Il fait très froid chez vous. C’est mal installé.

Lá de onde eu venho."

Là d’où je viens...

Mas calara-se imediatamente.

Mais elle s’était interrompue.

Quando ali chegara, era uma semente.

Elle était venue sous forme de graine.

Evidentemente que não podia ter visto nada noutros mundos.

Elle n'avait rien pu connaître des autres mondes.

Humilhada por se ter deixado apanhar numa mentira tão ingénua, tossira duas ou três vezes para conseguir virar o bico ao prego:

Humiliée de s'être laissé surprendre à préparer un mensonge aussi naïf, elle avait toussé deux ou trois fois, pour mettre le petit prince dans son tort :

- Então, esse biombo?

– *Ce paravent ?...*

- Estava para o ir buscar, mas como você ainda não tinha acabado...

– *J'allais le chercher mais vous me parliez !*

A flor pôs-se a forçar a tosse. Mesmo assim, ele ainda havia de ficar com remorsos!

Alors elle avait forcé sa toux pour lui infliger quand même des remords.

Deste modo, apesar de toda a boa vontade do seu amor, o príncipezinho começara a desconfiar dela.

Ainsi le petit prince, malgré la bonne volonté de son amour, avait vite douté d'elle.

Tinha levado a sério meia dúzia de coisas insignificantes e saíra-se muito mal. Sentia-se muito infeliz.

Il avait pris au sérieux des mots sans importance, et était devenu très malheureux.

Um dia, confidenciou-me:

Un jour, il me confia :

"Nunca lhe devia ter dado ouvidos. Nunca se deve dar ouvidos às flores.

« J'aurais dû ne pas l'écouter, me confia-t-il un jour, il ne faut jamais écouter les fleurs.

Deve-se é olhar para elas e cheirá-las.

Il faut les regarder et les respirer.

A minha, perfumava-me o planeta todo, mas eu não era capaz de dar valor a isso.

La mienne embaumait ma planète, mais je ne savais pas m'en réjouir.

E aquela fanfarronice das garras, que me irritou tanto, devia era ter-me enternecido... "

Cette histoire de griffes, qui m'avait tellement agacé, eût dû m'attendrir... »

E também me contou que:

Il me confia encore :

"Não fui capaz de entender nada.

« Je n'ai alors rien su comprendre !

Devia tê-la avaliado não pelas suas palavras, mas pelos seus actos.

J'aurais dû la juger sur les actes et non sur les mots.

Ela perfumava-me e dava-me luz!

Elle m'embaumait et m'éclairait.

Eu nunca devia ter fugido!

Je n'aurais jamais dû m'enfuir !

Devia era ter sido capaz de perceber toda a ternura escondida naquelas suas pobres manhas.

J'aurais dû deviner sa tendresse derrière ses pauvres ruses.

As flores são tão contraditórias!

Les fleurs sont si contradictoires !

Mas eu era novo demais para a saber amar."

Mais j'étais trop jeune pour savoir l'aimer. »

CAPÍTULO 9 – CHAPITRE 9



Julgo que, para fugir, aproveitou uma migração de pássaros selvagens. No dia da partida, passou a manhã a arranjar o planeta, para deixar tudo em ordem. Varreu cuidadosamente por dentro os vulcões em actividade. Tinha dois vulcões em actividade. E davam imenso jeito, de manhãzinha, para aquecer o pequeno-almoço. Também tinha um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: "Nunca se sabe..." Portanto, também varreu o vulcão extinto. Bem limpinhos, os vulcões ardem devagar, de uma forma regular e não têm erupções. As erupções vulcânicas são como os incêndios nas chaminés. É claro que cá, na nossa terra, somos demasiado pequenos para limpar os nossos vulcões. Por isso é que eles nos causam uma data de aborrecimentos.



Com uma pontinha de melancolia, o príncipezinho também foi arrancar os últimos rebentos de embondeiro. Pensava nunca mais voltar. Nessa manhã, todas aquelas tarefas, tão familiares, lhe pareciam perfeitamente deliciosas. E quando estava a regar a flor pela última vez e se preparava para a cobrir com a redoma, descobriu que tinha uma grande vontade de chorar.

- Adeus - disse para a flor.

Mas ela não lhe respondeu.

- Adeus - repetiu o príncipezinho.

A flor tossiu. Mas não era por causa da constipação.

- Fui muito parva - acabou finalmente por dizer. - Desculpa. Vê se consegues ser feliz.

Ficou espantado por ela não se pôr com recriminações. E para ali se deixou ficar, totalmente desconcertado, de redoma no ar. Não conseguia compreender aquela mansidão, aquela calma.

- Porque é que estás tão admirado? É evidente que eu te amo - disse a flor. - Nunca o soubeste, por culpa minha. Mas isso, agora, já não tem qualquer importância. Olha que tu também foste tão parvo como eu. Agora, vê lá se consegues ser feliz... E deixa essa redoma em paz. Já não a quero.

- E o vento?

- Não estou tão constipada como isso... O fresco da noite há-de fazer-me bem. Sou uma flor!

- E os bichos?

- Duas ou três lagartas terei eu de suportar se quiser saber como são as borboletas. Parece que são tão bonitas! E, se não forem elas, quem é que se lembra de me vir cá visitar? Tu, tu hás-de estar bem longe. E dos bichos maiores, não tenho nada a recear. Afinal, para que quero eu as minhas garras?

E mais uma vez exibia ingenuamente os seus quatro espinhos. Depois, ainda disse:

- Não fiques para aqui a empatar, que me irritas! Não te resolveste ir embora? Pois então vai!...

Porque ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

* * * * *

Julgo que, para fugir, aproveitou uma migração de pássaros selvagens.

Je crois qu'il profita, pour son évacion, d'une migration d'oiseaux sauvages.

No dia da partida, passou a manhã a arranjar o planeta, para deixar tudo em ordem.

Au matin du départ il mit sa planète bien en ordre.

Varreu cuidadosamente por dentro os vulcões em actividade.

Il ramona soigneusement ses volcans en activité.

Tinha dois vulcões em actividade.

Il possédait deux volcans en activité.

E davam imenso jeito, de manhãzinha, para aquecer o pequeno-almoço.

Et c'était bien commode pour faire chauffer le petit déjeuner du matin.

Também tinha um vulcão extinto.

Il possédait aussi un volcan éteint.

Mas, como ele dizia: "Nunca se sabe... "

Mais, comme il disait, « On ne sait jamais ! »

Portanto, também varreu o vulcão extinto.

Il ramona donc également le volcan éteint.

Bem limpinhos, os vulcões ardem devagar, de uma forma regular e não têm erupções.

S'ils sont bien ramonés, les volcans brûlent doucement et régulièrement, sans éruptions.

As erupções vulcânicas são como os incêndios nas chaminés.

Les éruptions volcaniques sont comme des feux de cheminée.

É claro que cá, na nossa terra, somos demasiado pequenos para limpar os nossos vulcões.

Évidemment sur notre terre nous sommes beaucoup trop petits pour ramoner nos volcans.

Por isso é que eles nos causam uma data de aborrecimentos.

C'est pourquoi ils nous causent des tas d'ennuis.

Com uma pontinha de melancolia, o príncipezinho também foi arrancar os últimos rebentos de embondeiro.

Le petit prince arracha aussi, avec un peu de mélancolie, les dernières pousses de baobabs.

Pensava nunca mais voltar.

Il croyait ne jamais devoir revenir.

Nessa manhã, todas aquelas tarefas, tão familiares, lhe pareciam perfeitamente deliciosas.

Mais tous ces travaux familiers lui parurent, ce matin-là, extrêmement doux.

E quando estava a regar a flor pela última vez e se preparava para a cobrir com a redoma, descobriu que tinha uma grande vontade de chorar.

Et, quand il arrosa une dernière fois la fleur, et se prépara à la mettre à l'abri sous son globe, il se découvrit l'envie de pleurer.

- Adeus - disse para a flor.

- *Adieu, dit-il à la fleur.*

Mas ela não lhe respondeu.

Mais elle ne lui répondit pas.

- Adeus - repetiu o príncipezinho.

- *Adieu, répéta-t-il.*

A flor tossiu. Mas não era por causa da constipação.

La fleur toussa. Mais ce n'était pas à cause de son rhume.

- Fui muito parva - acabou finalmente por dizer.
– *J'ai été sottte, lui dit-elle enfin.*

Desculpa. Vê se consegues ser feliz.
Je te demande pardon. Tâche d'être heureux.

Ficou espantado por ela não se pôr com recriminações.
Il fut surpris par l'absence de reproches.

E para ali se deixou ficar, totalmente desconcertado, de redoma no ar.
Il restait là tout déconcerté, le globe en l'air.

Não conseguia compreender aquela mansidão, aquela calma.
Il ne comprenait pas cette douceur calme.

- Porque é que estás tão admirado? É evidente que eu te amo - disse a flor.
– *Mais oui, je t'aime, lui dit la fleur.*

Nunca o soubeste, por culpa minha.
Tu n'en as rien su, par ma faute.

Mas isso, agora, já não tem qualquer importância.
Cela n'a aucune importance.

Olha que tu também foste tão parvo como eu.
Mais tu as été aussi sot que moi.

Agora, vê lá se consegues ser feliz...
Tâche d'être heureux...

E deixa essa redoma em paz.
Laisse ce globe tranquille.

Já não a quero.
Je n'en veux plus.

- E o vento?
– *Mais le vent...*

- Não estou tão constipada como isso...
– *Je ne suis pas si enrhumée que ça...*

O fresco da noite há-de fazer-me bem. Sou uma flor!
L'air frais de la nuit me fera du bien. Je suis une fleur.

- E os bichos?
– *Mais les bêtes...*

- Duas ou três lagartas terei eu de suportar se quiser saber como são as borboletas.
– *Il faut bien que je supporte deux ou trois chenilles si je veux connaître les papillons.*

Parece que são tão bonitas!
Il paraît que c'est tellement beau.

E, se não forem elas, quem é que se lembra de me vir cá visitar?
Sinon qui me rendra visite ?

Tu, tu hás-de estar bem longe.
Tu seras loin, toi.

E dos bichos maiores, não tenho nada a recear.
Quant aux grosses bêtes, je ne crains rien.

Afinal, para que quero eu as minhas garras?
J'ai mes griffes.

E mais uma vez exhibia ingenuamente os seus quatro espinhos.
Et elle montrait naïvement ses quatre épines.

Depois, ainda disse:
Puis elle ajouta :

- Não fiques para aqui a empatar, que me irritas!
– *Ne traîne pas comme ça, c'est agaçant.*

Não te resolveste ir embora? Pois então vai!...
Tu as décidé de partir. Va-t'en.

Porque ela não queria que ele a visse chorar.
Car elle ne voulait pas qu'il la vît pleurer.

Era uma flor tão orgulhosa...
C'était une fleur tellement orgueilleuse...

CAPÍTULO 10 – CHAPITRE 10

Como se encontrava na zona dos asteróides 325, 326, 327, 328, 329, e 330, começou por ir visitá-los. Queria arranjar uma ocupação e instruir-se.

No primeiro vivia um rei. O rei, vestido de púrpura e arminho, encontrava-se refastelado num trono muito simples, mas majestoso.



- Ah! Cá temos um súbdito! - exclamou o rei, mal avistou o principezinho.

E o principezinho pensou com os seus botões:

"Como é que ele pode saber quem eu sou se nunca me tinha visto?"

Ainda não tinha aprendido que, para os reis, o mundo se encontra extremamente simplificado. Todos os homens são súbditos.

- Aproxima-te, para eu te ver melhor - disse-lhe o rei, todo orgulhoso por ser finalmente rei de alguém.

O príncipezinho bem olhou à sua volta, à procura de um sítio para se sentar. Mas o planeta estava todo ocupado pelo magnífico manto de arminho. Portanto, ficou de pé e, como estava cansado, bocejou.

- É contra a etiqueta bocejar à frente de um rei - disse-lhe o monarca. - Proíbo-te que bocejes!

- Não consigo - respondeu o príncipezinho, muito atrapalhado. - Fiz uma grande viagem e ainda não dormi...

- Então - disse-lhe o rei - ordeno-te que bocejes. Há anos que não vejo ninguém bocejar. Para mim, os bocejos são autênticas raridades. Anda! Boceja outra vez! Olha que isto é uma ordem!

- Assim fico intimidado... Já não consigo... - disse, corando, o príncipezinho.

- Então, ordeno-te que ora bocejes, ora...

Começara a gaguejar. Parecia vexado.

Porque o que importava sobretudo ao rei era que a sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava desobediências. Era um monarca absoluto. Mas como era muito bom, só dava ordens sensatas. Costumava dizer:

"Se eu ordenasse a um dos meus generais que se transformasse em gaivota e se ele não me obedecesse, a culpa não era do meu general. A culpa era minha."

- Posso-me sentar? - perguntou timidamente o príncipezinho.

- Ordeno-te que te sentes! - respondeu o rei, recolhendo majestosamente uma aba do seu manto de arminho.

Mas havia uma coisa que intrigava o príncipezinho. Aquele planeta era minúsculo. Sobre quem poderia ele reinar?

- Perdoe-me, Majestade - disse ele -, mas gostava de vos perguntar...

- Ordeno-te que me perguntes! - apressou-se a responder o rei.

- Majestade... sobre quem reinais vós?

- Sobre tudo - respondeu o rei, com uma grande simplicidade.

- Sobre tudo?

O rei fez um gesto discreto que abrangeu aquele planeta, todos os outros planetas e todas as estrelas.

- Sobre tudo isto? - perguntou o príncipezinho.

- Sobre tudo isto... - respondeu o rei.

Porque se tratava não só de um monarca absoluto como também de um monarca universal.

- E as estrelas obedecem a Vossa Majestade?

- Claro - disse o rei. - Obedecem imediatamente. Eu não tolero indisciplinas.

O príncipezinho ficou maravilhado com tal poder. Se o tivesse, poderia assistir não a quarenta e quatro, mas a setenta e dois, ou talvez mesmo a cem ou, sabe-se lá, talvez até a duzentos pores do Sol no mesmo dia, sem ter que estar sempre a andar com a cadeira para a frente e para trás! E como se sentia um bocadinho triste por se lembrar do seu planetazinho abandonado, atreveu-se a solicitar uma graça ao rei:

- Gostava tanto de ver um pôr do Sol... Fazei-me esse gosto... Ordenai ao Sol que se ponha...

- Se eu ordenasse a um dos meus generais que se pusesse a voar de flor em flor como as borboletas, ou que escrevesse uma tragédia, ou que se transformasse em gaivota e se o meu general não executasse a ordem recebida, de quem era a culpa: minha ou dele?

- Era vossa - respondeu firmemente o príncipezinho.

- Pois era. Só se pode exigir a uma pessoa o que essa pessoa pode dar - disse o rei. - A autoridade baseia-se, antes de mais, no bom senso. Se o rei ordenar ao seu povo que se deite ao mar, ele revolta-se. Eu, eu tenho o direito de exigir obediência porque as minhas ordens são sensatas.

- E então o meu pôr do Sol? - lembrou o príncipezinho que, uma vez que a tivesse feito, nunca desistia de uma pergunta.

- Calma, que o hás-de ter. Eu assim o exijo. Mas a minha ciência de governação recomenda-me que espere pelas condições mais favoráveis.

- E quando é isso? - tentou o príncipezinho informar-se.

- Ora bem... Ora bem... - respondeu o rei, pondo-se a consultar um grande calendário - Ora bem... deve ser lá para... lá para... lá para as sete e quarenta! E vais ver que sou cegamente obedecido.

O príncipezinho bocejou. Estava com pena de não poder ver o seu pôr do Sol, como dantes. E, para além disso, já se sentia um bocadinho farto.

- Não tenho mais nada a fazer aqui - disse, para o rei. - Vou-me embora outra vez.

- Não te vás embora - respondeu o rei, que se sentia muito orgulhoso por ter um súbdito. - Não te vás embora, que eu faço-te ministro!

- Ministro de quê?

- De... da Justiça!

- Mas não há ninguém para julgar!

- Nunca se sabe - disse-lhe o rei. - Ainda não percorri o meu reino todo. Estou muito velho e como aqui não há espaço para uma carruagem, tinha de ir a pé. Mas canso-me tanto!

Mas eu já dei a volta a tudo - disse o príncipezinho, debruçando-se para dar uma última espreitadela ao outro lado do planeta. - Lá em baixo também não há ninguém...

- Então julgas-te a ti próprio - respondeu o rei. - É o mais difícil de tudo. É bem mais difícil julgarmo-nos a nós próprios do que aos outros. Se te conseguires julgar a ti próprio, és um sábio dos autênticos.

- Mas eu posso julgar-me a mim próprio em qualquer sítio disse o príncipezinho. - Não preciso de ficar aqui.

- Bem... Bem .. - disse o rei. - Tenho a impressão de que há algures por aí uma velha ratazana. Às vezes oiço-a, de noite. Podes julgar essa ratazana. De tempos a tempos, condena-la à morte. Assim, a vida dela fica a depender da tua justiça. Mas depois agracia-la sempre. Para a poupar. Como só há uma...

- Mas eu não tenho gosto nenhum em passar o tempo a condenar à morte - respondeu o príncipezinho. - Acho que me vou mesmo embora.

- Não vás - disse o rei.

Tendo acabado os seus preparativos e não querendo magoar o velho monarca, o príncipezinho disse:

- Vossa Majestade: se desejais ser pontualmente obedecido, tendes agora uma boa oportunidade de dar uma ordem sensata. Ordenai, por

exemplo, que, daqui a um minuto, eu já aqui não esteja. Parece-me que as condições são as mais favoráveis...

Como o rei não respondesse, primeiro, o príncipezinho ficou hesitante; depois, deu um suspiro e foi-se embora.

- Faço-te meu embaixador! - apressou-se a gritar o rei.

E arvorava uns ares de grande autoridade.

"As pessoas grandes são mesmo muito esquisitas", foi o que príncipezinho foi a pensar durante a viagem.

* * * * *

Como se encontrava na zona dos asteróides 325, 326, 327, 328, 329, e 330, começou por ir visitá-los. Queria arranjar uma ocupação e instruir-se.

Il se trouvait dans la région des astéroïdes 325, 326, 327, 328, 329 et 330. Il commença donc par les visiter pour y chercher une occupation et pour s'instruire.

No primeiro vivia um rei.

La première était habitée par un roi.

O rei, vestido de púrpura e arminho, encontrava-se refastelado num trono muito simples, mas majestoso.

Le roi siégeait, habillé de pourpre et d'hermine, sur un trône très simple et cependant majestueux.

- Ah! Cá temos um súbdito! - exclamou o rei, mal avistou o príncipezinho.

- Ah ! Voilà un sujet, s'écria le roi quand il aperçut le petit prince.

E o príncipezinho pensou com os seus botões:

Et le petit prince se demanda :

"Como é que ele pode saber quem eu sou se nunca me tinha visto?"

« Comment peut-il me reconnaître puisqu'il ne m'a encore jamais vu ! »

Ainda não tinha aprendido que, para os reis, o mundo se encontra extremamente simplificado.

Il ne savait pas que, pour les rois, le monde est très simplifié.

Todos os homens são súbditos.

Tous les hommes sont des sujets.

- Aproxima-te, para eu te ver melhor - disse-lhe o rei, todo orgulhoso por ser finalmente rei de alguém.

– *Approche-toi que je te voie mieux, lui dit le roi qui était tout fier d’être roi pour quelqu’un.*

O principezinho bem olhou à sua volta, à procura de um sítio para se sentar. Mas o planeta estava todo ocupado pelo magnífico manto de arminho.

Le petit prince chercha des yeux où s’asseoir, mais la planète était toute encombrée par le magnifique manteau d’hermine.

Portanto, ficou de pé e, como estava cansado, bocejou.

Il resta donc debout, et, comme il était fatigué, il bâilla.

- É contra a etiqueta bocejar à frente de um rei - disse-lhe o monarca.

– *Il est contraire à l’étiquette de bâiller en présence d’un roi, lui dit le monarque.*

Proíbo-te que bocejes!

Je te l’interdis.

- Não consigo - respondeu o principezinho, muito atrapalhado.

– *Je ne peux pas m’en empêcher, répondit le petit prince tout confus.*

Fiz uma grande viagem e ainda não dormi...

J’ai fait un long voyage et je n’ai pas dormi...

- Então - disse-lhe o rei - ordeno-te que bocejes.

– *Alors, lui dit le roi, je t’ordonne de bâiller.*

Há anos que não vejo ninguém bocejar.

Je n’ai vu personne bâiller depuis des années.

Para mim, os bocejos são autênticas raridades.

Les bâillements sont pour moi des curiosités.

Anda! Boceja outra vez! Olha que isto é uma ordem!

Allons ! bâille encore. C'est un ordre.

- Assim fico intimidado... Já não consigo... - disse, corando, o príncipezinho.

– Ça m'intimide... je ne peux plus... fit le petit prince tout rougissant.

- Então, ordeno-te que ora bocejes, ora...

– Hum ! Hum ! répondit le roi. Alors je... je t'ordonne tantôt de bâiller et tantôt de...

Começara a gaguejar. Parecia vexado.

Il bredouillait un peu et paraissait vexé.

Porque o que importava sobretudo ao rei era que a sua autoridade fosse respeitada.

Car le roi tenait essentiellement à ce que son autorité fût respectée.

Não tolerava desobediências.

Il ne tolérait pas la désobéissance.

Era um monarca absoluto.

C'était un monarque absolu.

Mas como era muito bom, só dava ordens sensatas.

Mais, comme il était très bon, il donnait des ordres raisonnables.

Costumava dizer:

"Se eu ordenasse a um dos meus generais que se transformasse em gaivota e se ele não me obedecesse, a culpa não era do meu general.

« Si j'ordonnais, disait-il couramment, si j'ordonnais à un général de se changer en oiseau de mer, et si le général n'obéissait pas, ce ne serait pas la faute du général.

A culpa era minha."

Ce serait ma faute. »

- Posso-me sentar? - perguntou timidamente o príncipezinho.

– *Puis-je m’asseoir ? s’enquit timidement le petit prince.*

- Ordeno-te que te sentes! - respondeu o rei, recolhendo majestosamente uma aba do seu manto de arminho.

– *Je t’ordonne de t’asseoir, lui répondit le roi, qui ramena majestueusement un pan de son manteau d’hermine.*

Mas havia uma coisa que intrigava o príncipezinho.

Mais le petit prince s’étonnait.

Aquele planeta era minúsculo.

La planète était minuscule.

Sobre quem poderia ele reinar?

Sur quoi le roi pouvait-il bien régner ?

- Perdoe-me, Majestade - disse ele -, mas gostava de vos perguntar...

– *Sire, lui dit-il... je vous demande pardon de vous interroger...*

- Ordeno-te que me perguntes! - apressou-se a responder o rei.

– *Je t’ordonne de m’interroger, se hâta de dire le roi.*

- Majestade... sobre quem reinais vós?

– *Sire... sur quoi réglez-vous ?*

- Sobre tudo - respondeu o rei, com uma grande simplicidade.

– *Sur tout, répondit le roi, avec une grande simplicité.*

- Sobre tudo?

– *Sur tout ?*

O rei fez um gesto discreto que abrangeu aquele planeta, todos os outros planetas e todas as estrelas.

Le roi d’un geste discret désigna sa planète, les autres planètes et les étoiles.

- Sobre tudo isto? - perguntou o príncipezinho.

– *Sur tout ça ? dit le petit prince.*

- Sobre tudo isto... - respondeu o rei.

– *Sur tout ça... répondit le roi.*

Porque se tratava não só de um monarca absoluto como também de um monarca universal.

Car non seulement c'était un monarque absolu mais c'était un monarque universel.

- E as estrelas obedecem a Vossa Majestade?

– *Et les étoiles vous obéissent ?*

- Claro - disse o rei.

– *Bien sûr, lui dit le roi.*

Obedecem imediatamente.

Elles obéissent aussitôt.

Eu não tolero indisciplinas.

Je ne tolère pas l'indiscipline.

O príncipezinho ficou maravilhado com tal poder.

Un tel pouvoir émerveilla le petit prince.

Se o tivesse, poderia assistir não a quarenta e quatro, mas a setenta e dois, ou talvez mesmo a cem ou, sabe-se lá, talvez até a duzentos pores do Sol no mesmo dia, sem ter que estar sempre a andar com a cadeira para a frente e para trás!

S'il l'avait détenu lui-même, il aurait pu assister, non pas à quarante-quatre, mais à soixante-douze, ou même à cent, ou même à deux cents couchers de soleil dans la même journée, sans avoir jamais à tirer sa chaise !

E como se sentia um bocadinho triste por se lembrar do seu planetazinho abandonado, atreveu-se a solicitar uma graça ao rei:

Et comme il se sentait un peu triste à cause du souvenir de sa petite planète abandonnée, il s'enhardit à solliciter une grâce du roi :

- Gostava tanto de ver um pôr do Sol...

– *Je voudrais voir un coucher de soleil...*

Fazei-me esse gosto...

Faites-moi plaisir...

Ordenai ao Sol que se ponha...

Ordonnez au soleil de se coucher...

- Se eu ordenasse a um dos meus generais que se pusesse a voar de flor em flor como as borboletas, ou que escrevesse uma tragédia, ou que se transformasse em gaivota e se o meu general não executasse a ordem recebida, de quem era a culpa: minha ou dele?

– *Si j'ordonnais à un général de voler d'une fleur à l'autre à la façon d'un papillon, ou d'écrire une tragédie, ou de se changer en oiseau de mer, et si le général n'exécutait pas l'ordre reçu, qui, de lui ou de moi, serait dans son tort ?*

- Era vossa - respondeu firmemente o principezinho.

– *Ce serait vous, dit fermement le petit prince.*

- Pois era.

– *Exact.*

Só se pode exigir a uma pessoa o que essa pessoa pode dar - disse o rei.

Il faut exiger de chacun ce que chacun peut donner, reprit le roi.

A autoridade baseia-se, antes de mais, no bom senso.

L'autorité repose d'abord sur la raison.

Se o rei ordenar ao seu povo que se deite ao mar, ele revolta-se.

Si tu ordonnes à ton peuple d'aller se jeter à la mer, il fera la révolution.

Eu, eu tenho o direito de exigir obediência porque as minhas ordens são sensatas.

J'ai le droit d'exiger l'obéissance parce que mes ordres sont raisonnables.

- E então o meu pôr do Sol? - lembrou o príncipezinho que, uma vez que a tivesse feito, nunca desistia de uma pergunta.

– Alors mon coucher de soleil ? rappela le petit prince qui jamais n'oubliait une question une fois qu'il l'avait posée.

- Calma, que o hás-de ter.

– Ton coucher de soleil, tu l'auras.

Eu assim o exijo.

Je l'exigerai.

Mas a minha ciência de governação recomenda-me que espere pelas condições mais favoráveis.

Mais j'attendrai, dans ma science du gouvernement, que les conditions soient favorables.

- E quando é isso? - tentou o príncipezinho informar-se.

– Quand ça sera-t-il ? s'informa le petit prince.

- Ora bem... Ora bem... - respondeu o rei, pondo-se a consultar um grande calendário

– Hem ! hem ! lui répondit le roi, qui consulta d'abord un gros calendrier.

Ora bem... deve ser lá para... lá para... lá para as sete e quarenta!

Hem ! hem ! ce sera, vers... vers... ce sera ce soir vers sept heures quarante !

E vais ver que sou cegamente obedecido.

Et tu verras comme je suis bien obéi.

O príncipezinho bocejou.

Le petit prince bâilla.

Estava com pena de não poder ver o seu pôr do Sol, como dantes.
Il regrettait son coucher de soleil manqué.

E, para além disso, já se sentia um bocadinho farto.
Et puis il s'ennuyait déjà un peu :

- Não tenho mais nada a fazer aqui - disse, para o rei.
– *Je n'ai plus rien à faire ici, dit-il au roi.*

Vou-me embora outra vez.
Je vais repartir !

- Não te vás embora - respondeu o rei, que se sentia muito orgulhoso por ter um súbdito.
– *Ne pars pas, répondit le roi qui était si fier d'avoir un sujet.*

Não te vás embora, que eu faço-te ministro!
Ne pars pas, je te fais ministre !

- Ministro de quê?
– *Ministre de quoi ?*

- De... da Justiça!
– *De... de la justice !*

- Mas não há ninguém para julgar!
– *Mais il n'y a personne à juger !*

- Nunca se sabe - disse-lhe o rei.
– *On ne sait pas, lui dit le roi.*

Ainda não percorri o meu reino todo.
Je n'ai pas fait encore le tour de mon royaume.

Estou muito velho e como aqui não há espaço para uma carruagem, tinha de ir a pé. Mas canso-me tanto!
Je suis très vieux, je n'ai pas de place pour un carrosse, et ça me fatigue de marcher.

Mas eu já dei a volta a tudo - disse o príncipezinho, debruçando-se para dar uma última espreitadela ao outro lado do planeta.

– *Oh ! Mais j'ai déjà vu, dit le petit prince qui se pencha pour jeter encore un coup d'œil sur l'autre côté de la planète.*

Lá em baixo também não há ninguém...

Il n'y a personne là-bas non plus...

- Então julgas-te a ti próprio - respondeu o rei.

– *Tu te jugeras donc toi-même, lui répondit le roi.*

É o mais difícil de tudo.

C'est le plus difficile.

É bem mais difícil julgarmo-nos a nós próprios do que aos outros.

Il est bien plus difficile de se juger soi-même que de juger autrui.

Se te conseguires julgar a ti próprio, és um sábio dos autênticos.

Si tu réussis à bien te juger, c'est que tu es un véritable sage.

- Mas eu posso julgar-me a mim próprio em qualquer sítio disse o príncipezinho.

– *Moi, dit le petit prince, je puis me juger moi-même n'importe où.*

Não preciso de ficar aqui.

Je n'ai pas besoin d'habiter ici.

- Bem... Bem .. - disse o rei. Tenho a impressão de que há algures por aí uma velha ratazana.

– *Hem ! Hem ! dit le roi, je crois bien que sur ma planète il y a quelque part un vieux rat.*

Às vezes oiço-a, de noite.

Je l'entends la nuit.

Podes julgar essa ratazana.

Tu pourras juger ce vieux rat.

De tempos a tempos, condena-la à morte.

Tu le condamneras à mort de temps en temps.

Assim, a vida dela fica a depender da tua justiça.

Ainsi sa vie dépendra de ta justice.

Mas depois agracia-la sempre. Para a poupar.

Mais tu le gracieras chaque fois pour l'économiser.

Como só há uma...

Il n'y en a qu'un.

- Mas eu não tenho gosto nenhum em passar o tempo a condenar à morte - respondeu o príncipezinho. - Acho que me vou mesmo embora.

– Moi, répondit le petit prince, je n'aime pas condamner à mort, et je crois bien que je m'en vais.

- Não vás - disse o rei.

– Non, dit le roi.

Tendo acabado os seus preparativos e não querendo magoar o velho monarca, o príncipezinho disse:

Mais le petit prince, ayant achevé ses préparatifs, ne voulut point peiner le vieux monarque :

- Vossa Majestade: se desejais ser pontualmente obedecido, tendes agora uma boa oportunidade de dar uma ordem sensata.

– Si Votre Majesté désirait être obéie ponctuellement, elle pourrait me donner un ordre raisonnable.

Ordenai, por exemplo, que, daqui a um minuto, eu já aqui não esteja.

Elle pourrait m'ordonner, par exemple, de partir avant une minute.

Parece-me que as condições são as mais favoráveis...

Il me semble que les conditions sont favorables...

Como o rei não respondesse, primeiro, o príncipezinho ficou hesitante; depois, deu um suspiro e foi-se embora.

Le roi n'ayant rien répondu, le petit prince hésita d'abord, puis, avec un soupir, prit le départ.

- Faço-te meu embaixador! - apressou-se a gritar o rei.

– *Je te fais mon ambassadeur, se hâta alors de crier le roi.*

E arvorava uns ares de grande autoridade.

Il avait un grand air d'autorité.

"As pessoas grandes são mesmo muito esquisitas", foi o que príncipezinho foi a pensar durante a viagem.

« Les grandes personnes sont bien étranges », se dit le petit prince, en lui-même, durant son voyage.

CAPÍTULO 11 – CHAPITRE 11

No segundo planeta vivia um vaidoso.

- Ah! Ah! Cá temos um admirador! - exclamou o vaidoso, mal avistou ao longe o príncipezinho.



Porque, para os vaidosos, todos os outros homens são admiradores.

- Olá, bom dia! - disse o príncipezinho. - Mas que rico chapéu que o senhor tem!

- É para agradecer - respondeu o vaidoso. - É para agradecer, quando sou aclamado. Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

- Ah sim? - perguntou o príncipezinho, que não estava a entender nada.

- Bate com as mãos uma na outra - aconselhou então o vaidoso.

O príncipezinho bateu com as mãos uma na outra, E. modestamente, o vaidosa agradeceu, tirando o chapéu.

"Isto é bem mais divertido do que a visita ao rei", pensou o príncipezinho. E voltou a bater com as mãos uma na outra. O vaidoso voltou a agradecer, tirando o chapéu.

Cinco minutos depois, o príncipezinho já estava cansado daquele exercício tão monótono e perguntou:

- E para o chapéu cair, como é que se faz?

Mas o vaidoso não o ouviu. Os vaidosos nunca ouvem senão os elogios.

- Admiras-me mesmo muito? - perguntou o vaidoso ao príncipezinho.

- O que é que admirar significa?

- Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais bonito, mais bem vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta.

- Mas tu estás sozinho no teu planeta!

- Não faz mal! Faz-me esse gosto: admira-me!

- Admiro-te, pois - disse o príncipezinho, encolhendo levemente os ombros. - Mas para que é que isso te interessa?

E o príncipezinho foi-se embora.

"Não há dúvida de que as pessoas grandes são mesmo bastante esquisitas", foi o que foi muito simplesmente a pensar durante a viagem.

* * * * *

No segundo planeta vivia um vaidoso.

La seconde planète était habitée par un vaniteux :

- Ah! Ah! Cá temos um admirador! - exclamou o vaidoso, mal avistou ao longe o principezinho.

– Ah ! Ah ! Voilà la visite d'un admirateur ! s'écria de loin le vaniteux dès qu'il aperçut le petit prince.

Porque, para os vaidosos, todos os outros homens são admiradores.

Car, pour les vaniteux, les autres hommes sont des admirateurs.

- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

– Bonjour, dit le petit prince.

Mas que rico chapéu que o senhor tem!

Vous avez un drôle de chapeau.

- É para agradecer - respondeu o vaidoso.

– C'est pour saluer, lui répondit le vaniteux.

É para agradecer, quando sou aclamado.

C'est pour saluer quand on m'acclame.

Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

Malheureusement il ne passe jamais personne par ici.

- Ah sim? perguntou o principezinho, que não estava a entender nada.

– Ah oui ? dit le petit prince qui ne comprit pas.

- Bate com as mãos uma na outra - aconselhou então o vaidoso.

– Frappe tes mains l'une contre l'autre, conseilla donc le vaniteux.

O principezinho bateu com as mãos uma na outra.

Le petit prince frappa ses mains l'une contre l'autre.

E, modestamente, o vaidosa agradeceu, tirando o chapéu.

Le vaniteux salua modestement en soulevant son chapeau.

"Isto é bem mais divertido do que a visita ao rei", pensou o príncipezinho.

« Ça c'est plus amusant que la visite au roi », se dit en lui-même le petit prince.

E voltou a bater com as mãos uma na outra.

Et il recommença de frapper ses mains l'une contre l'autre.

O vaidoso voltou a agradecer, tirando o chapéu.

Le vaniteux recommença de saluer en soulevant son chapeau.

Cinco minutos depois, o príncipezinho já estava cansado daquele exercício tão monótono e perguntou:

Après cinq minutes d'exercice le petit prince se fatigua de la monotonie du jeu :

- E para o chapéu cair, como é que se faz?

– Et, pour que le chapeau tombe, demanda-t-il, que faut-il faire ?

Mas o vaidoso não o ouviu.

Mais le vaniteux ne l'entendit pas.

Os vaidosos nunca ouvem senão os elogios.

Les vaniteux n'entendent jamais que les louanges.

- Admiras-me mesmo muito? - perguntou o vaidoso ao príncipezinho.

– Est-ce que tu m'admires vraiment beaucoup ? demanda-t-il au petit prince.

- O que é que admirar significa?

– Qu'est-ce que signifie admirer ?

- Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais bonito, mais bem vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta.

– *Admirer signifie reconnaître que je suis l’homme le plus beau, le mieux habillé, le plus riche et le plus intelligent de la planète.*

- Mas tu estás sozinho no teu planeta!

– *Mais tu es seul sur ta planète !*

- Não faz mal! Faz-me esse gosto: admira-me!

– *Fais-moi ce plaisir. Admire-moi quand même !*

- Admiro-te, pois - disse o príncipezinho, encolhendo levemente os ombros. - Mas para que é que isso te interessa?

– *Je t’admire, dit le petit prince, en haussant un peu les épaules, mais en quoi cela peut-il bien t’intéresser ?*

E o príncipezinho foi-se embora.

Et le petit prince s’en fut.

"Não há dúvida de que as pessoas grandes são mesmo bastante esquisitas", foi o que foi muito simplesmente a pensar durante a viagem.

« *Les grandes personnes sont décidément bien bizarres* », se dit-il simplement en lui-même durant son voyage.

CAPÍTULO 12 – CHAPITRE 12

No planeta seguinte vivia um bêbedo. Foi uma visita muito curta, mas que mergulhou o príncipezinho numa grande melancolia.



- O que é que estás a fazer? - perguntou ele ao bêbedo que foi encontrar muito calado, diante de uma colecção de garrafas vazias e uma colecção de garrafas cheias.

- Estou a beber - respondeu o bêbedo, com um ar lúgubre.

- E porque é que estás a beber? - perguntou o príncipezinho.

- Para me esquecer - respondeu o bêbedo.

- Para te esqueceres de quê? - perguntou o príncipezinho, que já começava a ter pena dele.

- Para me esquecer de que tenho vergonha - confessou o bêbedo, baixando a cabeça.

- Vergonha de quê? - tentou informar-se o príncipezinho, cheio de vontade de o ajudar.

- Vergonha de beber! - concluiu o bêbedo, fechando-se definitivamente no seu silêncio.

E o príncipezinho foi-se embora, perplexo.

"Não há dúvida de que as pessoas grandes são mesmo muitíssimo esquisitas", foi o que ele foi a pensar, durante a viagem.

* * * * *

No planeta seguinte vivia um bêbedo.

La planète suivante était habitée par un buveur.

Foi uma visita muito curta, mas que mergulhou o príncipezinho numa grande melancolia.

Cette visite fut très courte, mais elle plongea le petit prince dans une grande mélancolie :

- O que é que estás a fazer? - perguntou ele ao bêbedo que foi encontrar muito calado, diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias.

– Que fais-tu là ? dit-il au buveur, qu’il trouva installé en silence devant une collection de bouteilles vides et une collection de bouteilles pleines.

- Estou a beber - respondeu o bêbedo, com um ar lúgubre.

– Je bois, répondit le buveur, d’un air lugubre.

- E porque é que estás a beber? - perguntou o príncipezinho.

– Pourquoi bois-tu ? lui demanda le petit prince.

- Para me esquecer - respondeu o bêbedo.

– Pour oublier, répondit le buveur.

- Para te esqueceres de quê? - perguntou o príncipezinho, que já começava a ter pena dele.

– Pour oublier quoi ? s’enquit le petit prince qui déjà le plaignait.

- Para me esquecer de que tenho vergonha - confessou o bêbedo, baixando a cabeça.

– Pour oublier que j’ai honte, avoua le buveur en baissant la tête.

- Vergonha de quê? - tentou informar-se o príncipezinho, cheio de vontade de o ajudar.

– Honte de quoi ? s’informa le petit prince qui désirait le secourir.

- Vergonha de beber! - concluiu o bêbedo, fechando-se definitivamente no seu silêncio.

– Honte de boire ! acheva le buveur qui s'enferma définitivement dans le silence.

E o príncipezinho foi-se embora, perplexo.

Et le petit prince s'en fut, perplexe.

"Não há dúvida de que as pessoas grandes são mesmo muitíssimo esquisitas", foi o que ele foi a pensar, durante a viagem.

« Les grandes personnes sont décidément très très bizarres », se disait-il en lui-même durant le voyage.

CAPÍTULO 13 – CHAPITRE 13

O quarto planeta era o do homem de negócios. Estava tão atarefado que nem sequer levantou a cabeça quando o príncipezinho chegou.



- Olá, bom dia! - disse-lhe este. - Tem o cigarro apagado!

- Três e dois, cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia! Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito. Não tenho tempo de o voltar a acender. Vinte e seis e cinco, trinta e um. Uf! Portanto, tudo isto soma quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um!

- Quinhentos milhões de quê?

- Ah? Ainda aí estás? Quinhentos milhões de... Olha que já nem sei... Tenho tanto que fazer! Eu, eu sou um homem sério, não perco o meu tempo com ninharias! Dois e cinco, sete...

- Quinhentos milhões de quê? - repetiu o principezinho que, uma vez que a fizesse, nunca em dias da sua vida desistia de uma pergunta.

O homem de negócios levantou a cabeça:

- Vivo neste planeta há cinquenta e quatro anos e ainda só fui incomodado três vezes. A primeira vez foi há vinte e dois anos: era um besouro caído sabe Deus de onde. Fazia tanto barulho que me enganei quatro vezes numa soma. A segunda vez foi há onze anos: era um ataque de reumatismo. Tenho falta de exercício. Não me sobra tempo para andar por aí a vadiar. É que eu, eu sou um homem sério. A terceira vez... é esta! Mas, ia eu dizendo, quinhentos milhões...

- Milhões de quê?

O homem de negócios percebeu que não havia esperança de que ele o deixasse em paz:

- Milhões daquelas coisitas que às vezes se vêem brilhar no céu

- Moscas?

- Não, nada disso, coisitas brilhantes!

- Abelhas?

- Não, nada disso. Coisitas douradas que dão a volta à cabeça dos párias e dos vagabundos.

- Ah! Estrelas!

- Isso mesmo! Estrelas!

- E o que é que fazes com quinhentos milhões de estrelas?

- Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil setecentos e trinta e uma. Eu, eu sou um homem sério e gosto que as coisas sejam ditas com rigor!

- E o que é que fazes com essas estrelas todas?

- O que é que eu faço com elas?

-Sim.

- Nada. Tenho-as.

- Tu tens as estrelas?

- Tenho.

- Mas eu conheço um rei que...

- Os reis não têm nada. "Reinam" sobre as coisas. É muito diferente.

- E para que é que te serve teres estrelas?

- Serve-me para ser rico.

- E para que é que te serve seres rico?

- Para comprar outras estrelas, se alguém as descobrir.

"Este", comentou o príncipezinho com os seus botões, "este só parece o meu bêbedo a raciocinar."

No entanto, ainda lhe fez mais perguntas:

- E como é que se pode ter as estrelas?

- De quem são elas? - ripostou, todo embirrento, o homem de negócios.

- Não sei. De ninguém.

- Então são minhas. Eu fui o primeiro a pensar nisso...

- E isso basta?

- Claro que basta! Se tu achares um diamante e ele não for de ninguém, passa a ser teu. Se tu achares uma ilha e ela não for de ninguém, passa a ser tua. Se tu fores o primeiro a ter uma ideia, tiras-lhe a patente: é tua. Pois eu tenho as estrelas porque, antes de mim, nunca ninguém se tinha lembrado de as ter.

- Lá isso é verdade! - disse o principezinho. - E o que é que fazes com elas?

- Administro-as. Conto-as e torno a contá-las - disse o homem de negócios. - É difícil. Mas eu sou um homem sério!

O principezinho ainda não estava satisfeito:

- Olha, mas eu, se tiver um lenço, posso pô-lo à volta do pescoço e levá-lo comigo. Eu, se tiver uma flor, posso apanhar a minha flor e levá-la comigo. Mas tu, tu não podes apanhar as tuas estrelas!

- Pois não, mas posso pô-las no banco.

- O que é que isso quer dizer?

- Quer dizer que pego num papelinho e escrevo o número das minhas estrelas. E depois guardo o papelinho numa gaveta e fecho-a à chave.

- E mais nada?

- Mais nada.

"Que é uma ideia divertida, lá isso é!", pensou o principezinho.

"E bastante poética. Duvido é que seja tão séria como isso..."

É que, para o principezinho, as coisas sérias eram muito diferentes daquilo que as coisas sérias são para as pessoas grandes. Ainda disse:

- Eu, cá por mim, tenho uma flor. Rego-a todos os dias. Tenho três vulcões. Limpo-os todas as semanas. Porque também limpo o que está extinto. Nunca se sabe... É útil para os meus vulcões e é útil para a minha flor que eu os tenha. Mas tu não és útil para as estrelas!

O homem de negócios ainda abriu a boca mas não foi capaz de encontrar resposta de jeito. O príncipezinho foi-se embora.

"As pessoas grandes são, de facto, extraordinárias", foi o que foi muito simplesmente a pensar durante a viagem.

* * * * *

O quarto planeta era o do homem de negócios.

La quatrième planète était celle du businessman.

Estava tão atarefado que nem sequer levantou a cabeça quando o príncipezinho chegou.

Cet homme était si occupé qu'il ne leva même pas la tête à l'arrivée du petit prince.

- Olá, bom dia! - disse-lhe este.

– *Bonjour, lui dit celui-ci.*

Tem o cigarro apagado!

Votre cigarette est éteinte.

- Três e dois, cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze.

– *Trois et deux font cinq. Cinq et sept douze. Douze et trois quinze.*

Bom dia! Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito.

Bonjour. Quinze et sept vingt-deux. Vingt-deux et six vingt-huit.

Não tenho tempo de o voltar a acender. Vinte e seis e cinco, trinta e um.

Pas le temps de la rallumer. Vingt-six et cinq trente et un.

Uf! Portanto, tudo isto soma quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um!

Ouf! Ça fait donc cinq cent un millions six cent vingt-deux mille sept cent trente et un.

- Quinhentos milhões de quê?

– *Cinq cents millions de quoi ?*

- Ah? Ainda aí estás?

– *Hein ? Tu es toujours là ?*

Quinhentos milhões de... Olha que já nem sei...

Cinq cent un millions de... je ne sais plus...

Tenho tanto que fazer!

J'ai tellement de travail !

Eu, eu sou um homem sério, não perco o meu tempo com ninharias!

Je suis sérieux, moi, je ne m'amuse pas à des balivernes !

Dois e cinco, sete...

Deux et cinq sept...

- Quinhentos milhões de quê? - repetiu o principezinho que, uma vez que a fizesse, nunca em dias da sua vida desistia de uma pergunta.

– Cinq cent un millions de quoi ? répéta le petit prince qui jamais de sa vie, n'avait renoncé à une question, une fois qu'il l'avait posée.

O homem de negócios levantou a cabeça:

Le businessman leva la tête :

- Vivo neste planeta há cinquenta e quatro anos e ainda só fui incomodado três vezes.

– Depuis cinquante-quatre ans que j'habite cette planète-ci, je n'ai été dérangé que trois fois.

A primeira vez foi há vinte e dois anos: era um besouro caído sabe Deus de onde.

La première fois ç'a été, il y a vingt-deux ans, par un hanneton qui était tombé Dieu sait d'où.

Fazia tanto barulho que me enganei quatro vezes numa soma.

Il répandait un bruit épouvantable, et j'ai fait quatre erreurs dans une addition.

A segunda vez foi há onze anos: era um ataque de reumatismo.

La seconde fois ç'a été, il y a onze ans, par une crise de rhumatisme.

Tenho falta de exercício.

Je manque d'exercice.

Não me sobra tempo para andar por aí a vadiar.

Je n'ai pas le temps de flâner.

É que eu, eu sou um homem sério.

Je suis sérieux, moi.

A terceira vez... é esta!

La troisième fois... la voici !

Mas, ia eu dizendo, quinhentos milhões...

Je disais donc cinq cent un millions...

- Milhões de quê?

– Millions de quoi ?

O homem de negócios percebeu que não havia esperança de que ele o deixasse em paz:

Le businessman comprit qu'il n'était point d'espoir de paix :

- Milhões daquelas coisitas que às vezes se vêem brilhar no céu.

– Millions de ces petites choses que l'on voit quelquefois dans le ciel.

- Moscas?

– Des mouches ?

- Não, nada disso, coisitas brilhantes!

– Mais non, des petites choses qui brillent.

- Abelhas?

– Des abeilles ?

- Não, nada disso. Coisitas douradas que dão a volta à cabeça dos párias e dos vagabundos.

– *Mais non. Des petites choses dorées qui font rêvasser les fainéants.*

- Ah! Estrelas!

– *Ah ! des étoiles ?*

- Isso mesmo! Estrelas!

– *C'est bien ça. Des étoiles.*

- E o que é que fazes com quinhentos milhões de estrelas?

– *Et que fais-tu de cinq cents millions d'étoiles ?*

- Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil setecentos e trinta e uma.

– *Cinq cent un millions six cent vingt-deux mille sept cent trente et un.*

Eu, eu sou um homem sério e gosto que as coisas sejam ditas com rigor!
Je suis sérieux, moi, je suis précis.

- E o que é que fazes com essas estrelas todas?

– *Et que fais-tu de ces étoiles ?*

- O que é que eu faço com elas?

– *Ce que j'en fais ?*

- Sim.

– *Oui.*

- Nada. Tenho-as.

– *Rien. Je les possède.*

- Tu tens as estrelas?

– *Tu possèdes les étoiles ?*

- Tenho.

– *Oui.*

- Mas eu conheço um rei que...

– *Mais j'ai déjà vu un roi qui...*

- Os reis não têm nada. "Reinam" sobre as coisas. É muito diferente.

– *Les rois ne possèdent pas. Ils « règnent » sur. C'est très différent.*

- E para que é que te serve teres estrelas?

– *Et à quoi cela te sert-il de posséder les étoiles ?*

- Serve-me para ser rico.

– *Ça me sert à être riche.*

- E para que é que te serve seres rico?

– *Et à quoi cela te sert-il d'être riche ?*

- Para comprar outras estrelas, se alguém as descobrir.

– *À acheter d'autres étoiles, si quelqu'un en trouve.*

"Este", comentou o principezinho com os seus botões, "este só parece o meu bêbedo a raciocinar."

« Celui-là, se dit en lui-même le petit prince, il raisonne un peu comme mon ivrogne. »

No entanto, ainda lhe fez mais perguntas:

Cependant il posa encore des questions :

- E como é que se pode ter as estrelas?

– *Comment peut-on posséder les étoiles ?*

- De quem são elas? - ripostou, todo embirrento, o homem de negócios.

– *À qui sont-elles ? riposta, grincheux, le businessman.*

- Não sei. De ninguém.

– *Je ne sais pas. À personne.*

- Então são minhas. Eu fui o primeiro a pensar nisso...

– *Alors elles sont à moi, car j’y ai pensé le premier.*

- E isso basta?

– *Ça suffit ?*

- Claro que basta!

– *Bien sûr.*

Se tu achares um diamante e ele não for de ninguém, passa a ser teu.

Quand tu trouves un diamant qui n’est à personne, il est à toi.

Se tu achares uma ilha e ela não for de ninguém, passa a ser tua.

Quand tu trouves une île qui n’est à personne, elle est à toi.

Se tu fores o primeiro a ter uma ideia, tiras-lhe a patente: é tua.

Quand tu as une idée le premier, tu la fais breveter : elle est à toi.

Pois eu tenho as estrelas porque, antes de mim, nunca ninguém se tinha lembrado de as ter.

Et moi je possède les étoiles, puisque jamais personne avant moi n’a songé à les posséder.

- Lá isso é verdade! - disse o príncipezinho.

– *Ça c’est vrai, dit le petit prince.*

E o que é que fazes com elas?

Et qu’en fais-tu ?

- Administro-as.

– *Je les gère.*

Conto-as e torno a contá-las - disse o homem de negócios.

Je les compte et je les recompte, dit le businessman.

É difícil. Mas eu sou um homem sério!

C’est difficile. Mais je suis un homme sérieux !

O principezinho ainda não estava satisfeito:

Le petit prince n'était pas satisfait encore.

- Olha, mas eu, se tiver um lenço, posso pô-lo à volta do pescoço e levá-lo comigo.

– Moi, si je possède un foulard, je puis le mettre autour de mon cou et l'emporter.

Eu, se tiver uma flor, posso apanhar a minha flor e levá-la comigo.

Moi, si je possède une fleur, je puis cueillir ma fleur et l'emporter.

Mas tu, tu não podes apanhar as tuas estrelas!

Mais tu ne peux pas cueillir les étoiles !

- Pois não, mas posso pô-las no banco.

– Non, mais je puis les placer en banque.

- O que é que isso quer dizer?

– Qu'est-ce que ça veut dire ?

- Quer dizer que pego num papelinho e escrevo o número das minhas estrelas.

– Ça veut dire que j'écris sur un petit papier le nombre de mes étoiles.

E depois guardo o papelinho numa gaveta e fecho-a à chave.

Et puis j'enferme à clef ce papier-là dans un tiroir.

- E mais nada?

– Et c'est tout ?

- Mais nada.

– Ça suffit !

"Que é uma ideia divertida, lá isso é!", pensou o principezinho.

« C'est amusant, pensa le petit prince.

"E bastante poética. Duvido é que seja tão séria como isso..."

C'est assez poétique. Mais ce n'est pas très sérieux. »

É que, para o príncipezinho, as coisas sérias eram muito diferentes daquilo que as coisas sérias são para as pessoas grandes. Ainda disse:

Le petit prince avait sur les choses sérieuses des idées très différentes des idées des grandes personnes.

- Eu, cá por mim, tenho uma flor. Rego-a todos os dias.

– Moi, dit-il encore, je possède une fleur que j'arrose tous les jours.

Tenho três vulcões. Limpo-os todas as semanas.

Je possède trois volcans que je ramone toutes les semaines.

Porque também limpo o que está extinto. Nunca se sabe...

Car je ramone aussi celui qui est éteint. On ne sait jamais.

É útil para os meus vulcões e é útil para a minha flor que eu os tenha.

C'est utile à mes volcans, et c'est utile à ma fleur, que je les possède.

Mas tu não és útil para as estrelas!

Mais tu n'es pas utile aux étoiles...

O homem de negócios ainda abriu a boca mas não foi capaz de encontrar resposta de jeito. O príncipezinho foi-se embora.

Le businessman ouvrit la bouche mais ne trouva rien à répondre, et le petit prince s'en fut.

"As pessoas grandes são, de facto, extraordinárias", foi o que foi muito simplesmente a pensar durante a viagem.

« Les grandes personnes sont décidément tout à fait extraordinaires », se disait-il simplement en lui-même durant le voyage.

CAPÍTULO 14 – CHAPITRE 14

O quinto planeta era extremamente curioso. Era o mais pequeno de todos. Só lá havia espaço, à justa, para um candeeiro e um acendedor de candeeiros. Por muitas voltas que desse à cabeça, o principezinho não conseguia perceber para que é que podiam servir, algures no espaço, num planeta que não tinha nem casas nem população, um candeeiro e um acendedor de candeeiros. Mas disse para consigo:



"Este homem é capaz de ser absurdo. Mas é bem menos absurdo do que o rei, do que o vaidoso, do que o homem de negócios e do que o bêbado. Ao menos o trabalho dele tem um sentido. Quando acende o candeeiro, é como se fizesse nascer mais uma estrela. Ou então mais uma flor. Quando apaga o candeeiro, é o mesmo que pôr a flor ou a estrela a dormir. É uma ocupação muito bonita. E porque é bonita, é útil."

Quando chegou ao planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor:

- Olá, bom dia! Porque é que apagaste mesmo agora o teu candeeiro?

- Obedeço a instruções - respondeu o acendedor. - Olá, bom dia!

- Instruções? O que é isso?

- São instruções de apagar o candeeiro. Boa noite!

E voltou a acendê-lo.

- Mas porque é que o voltaste a acender?

- São as instruções que tenho - respondeu o acendedor.

- Não percebo - disse o príncipezinho.

- Não há nada que perceber. Instruções são instruções. Bom dia!

E apagou o candeeiro.

Depois enxugou a testa com um lenço aos quadrados vermelhos.

- Tenho uma profissão terrível. Dantes, ainda vá lá... Apagava o candeeiro de manhã e acendia-o à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

- Mas as instruções mudaram?

- Não, não mudaram - disse o acendedor. - E essa é precisamente a minha desgraça! Imagina que, de ano para ano, o planeta gira cada vez mais depressa e as instruções nunca mudam!

- E depois? - perguntou o príncipezinho.

- Depois, agora, que ele dá uma volta num minuto, eu não tenho um segundo de descanso. Acendo-o e apago-o uma vez por minuto!

- Que engraçado! Então aqui os dias duram um minuto?

- Não vejo onde é que está a graça - respondeu o acendedor. - Nós dois, por exemplo, já aqui estamos a falar há um mês.

- Um mês?

- Exactamente, um mês. Ou seja, trinta minutos. Ou seja, trinta dias. Boa noite!

E voltou a acender o candeeiro.

O principezinho olhou para ele e sentiu que gostava daquele acendedor tão fiel às instruções que tinha. Lembrou-se dos pores do Sol que, dantes, ele próprio ia procurar, puxando a sua cadeira. Quis ajudar o amigo:

- Sabes... Sei de uma maneira de tu poderes descansar sempre que te apetecer...

- Está-me sempre a apetecer descansar - disse o acendedor. Porque se pode ser fiel e preguiçoso ao mesmo tempo.

O principezinho prosseguiu:

- O teu planeta é tão pequenino que, com três passadas, lhe dás a volta. Portanto, basta pores-te a andar devagarinho e ficas sempre ao sol. Assim, quando quiseres descansar, comesças a andar... e o dia dura tanto tempo quanto tu quiseres.

- Não me adianta lá grande coisa - disse o acendedor.

-Do que eu mais gosto na vida é de dormir!

- Já é pouca sorte. - disse o principezinho.

- Já é pouca sorte! - disse o acendedor. - Bom dia!

E apagou o candeeiro.

"Este", pensou o príncipezinho enquanto continuava a sua viagem, "este seria alvo do desprezo de todos os outros: do rei, do vaidoso, do bêbedo, do homem de negócios. E, no entanto,... é o único que eu não acho ridículo. Talvez por se interessar por mais alguma coisa para além de si próprio. "

Cheio de pena, deu um suspiro e ainda pensou:

"Este é o único que podia ser meu amigo. Mas o planeta dele mesmo muito pequeno. Não há lugar para dois... "

Mas o que o príncipezinho não ousava confessar a si próprio que, acima de tudo, tinha pena de não poder aproveitar os mil e quatrocentos pores do Sol em vinte e quatro horas daquele planeta abençoado!

* * * * *

O quinto planeta era extremamente curioso.

La cinquième planète était très curieuse.

Era o mais pequeno de todos.

C'était la plus petite de toutes.

Só lá havia espaço, à justa, para um candeeiro e um acendedor de candeeiros.

Il y avait là juste assez de place pour loger un réverbère et un allumeur de réverbères.

Por muitas voltas que desse à cabeça, o principezinho não conseguia perceber para que é que podiam servir, algures no espaço, num planeta que não tinha nem casas nem população, um candeeiro e um acendedor de candeeiros.

Le petit prince ne parvenait pas à s'expliquer à quoi pouvaient servir, quelque part dans le ciel, sur une planète sans maison, ni population, un réverbère et un allumeur de réverbères.

Mas disse para consigo:

Cependant il se dit en lui-même :

"Este homem é capaz de ser absurdo.

« Peut-être bien que cet homme est absurde.

Mas é bem menos absurdo do que o rei, do que o vaidoso, do que o homem de negócios e do que o bêbado.

Cependant il est moins absurde que le roi, que le vaniteux, que le businessman et que le buveur.

Ao menos o trabalho dele tem um sentido.

Au moins son travail a-t-il un sens.

Quando acende o candeeiro, é como se fizesse nascer mais uma estrela.
Ou então mais uma flor.

Quand il allume son réverbère, c'est comme s'il faisait naître une étoile de plus, ou une fleur.

Quando apaga o candeeiro, é o mesmo que pôr a flor ou a estrela a dormir.

Quand il éteint son réverbère, ça endort la fleur ou l'étoile.

É uma ocupação muito bonita.

C'est une occupation très jolie.

E porque é bonita, é útil.”

C'est véritablement utile puisque c'est joli. »

Quando chegou ao planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor:

Lorsqu'il aborde la planète il salua respectueusement l'allumeur :

- Olá, bom dia! Porque é que apagaste mesmo agora o teu candeeiro?

– Bonjour. Pourquoi viens-tu d'éteindre ton réverbère ?

- Obedeço a instruções - respondeu o acendedor. - Olá, bom dia!

– C'est la consigne, répondit l'allumeur. Bonjour.

- Instruções? O que é isso?

– Qu'est-ce que la consigne ?

- São instruções de apagar o candeeiro. Boa noite!

– C'est d'éteindre mon réverbère. Bonsoir.

E voltou a acendê-lo.

Et il le ralluma.

- Mas porque é que o voltaste a acender?

– Mais pourquoi viens-tu de le rallumer ?

- São as instruções que tenho - respondeu o acendedor.

– *C'est la consigne, répondit l'allumeur.*

- Não percebo - disse o príncipezinho.

– *Je ne comprends pas, dit le petit prince.*

- Não há nada que perceber.

– *Il n'y a rien à comprendre, dit l'allumeur.*

Instruções são instruções. Bom dia!

La consigne c'est la consigne. Bonjour.

E apagou o candeeiro.

Et il éteignit son réverbère.

Depois enxugou a testa com um lenço aos quadrados vermelhos.

Puis il s'épongea le front avec un mouchoir à carreaux rouges.

- Tenho uma profissão terrível.

– *Je fais là un métier terrible.*

Dantes, ainda vá lá...

C'était raisonnable autrefois.

Apagava o candeeiro de manhã e acendia-o à noite.

J'éteignais le matin et j'allumais le soir.

Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

J'avais le reste du jour pour me reposer, et le reste de la nuit pour dormir...

- Mas as instruções mudaram?

– *Et, depuis cette époque, la consigne a changé ?*

- Não, não mudaram - disse o acendedor.

– *La consigne n'a pas changé, dit l'allumeur.*

E essa é precisamente a minha desgraça!

C'est bien là le drame !

Imagina que, de ano para ano, o planeta gira cada vez mais depressa e as instruções nunca mudam!

La planète d'année en année a tourné de plus en plus vite, et la consigne n'a pas changé !

- E depois? - perguntou o príncipezinho.

– *Alors ? dit le petit prince.*

- Depois, agora, que ele dá uma volta num minuto, eu não tenho um segundo de descanso.

– *Alors maintenant qu'elle fait un tour par minute, je n'ai plus une seconde de repos.*

Acendo-o e apago-o uma vez por minuto!

J'allume et j'éteins une fois par minute !

- Que engraçado! Então aqui os dias duram um minuto?

– *Ça c'est drôle ! Les jours chez toi durent une minute !*

- Não vejo onde é que está a graça - respondeu o acendedor.

– *Ce n'est pas drôle du tout, dit l'allumeur.*

Nós dois, por exemplo, já aqui estamos a falar há um mês.

Ça fait déjà un mois que nous parlons ensemble.

- Um mês?

– *Un mois ?*

- Exactamente, um mês. Ou seja, trinta minutos.

– *Oui. Trente minutes.*

Ou seja, trinta dias. Boa noite!

Trente jours ! Bonsoir.

E voltou a acender o candeeiro.

Et il ralluma son réverbère.

O principezinho olhou para ele e sentiu que gostava daquele acendedor tão fiel às instruções que tinha.

Le petit prince le regarda et il aima cet allumeur qui était tellement fidèle à la consigne.

Lembrou-se dos pores do Sol que, dantes, ele próprio ia procurar, puxando a sua cadeira.

Il se souvint des couchers de soleil que lui-même allait autrefois chercher, en tirant sa chaise.

Quis ajudar o amigo:

Il voulut aider son ami :

- Sabes... Sei de uma maneira de tu poderes descansar sempre que te apetecer...

– Tu sais... je connais un moyen de te reposer quand tu voudras...

- Está-me sempre a apetecer descansar - disse o acendedor.

– Je veux toujours, dit l’allumeur.

Porque se pode ser fiel e preguiçoso ao mesmo tempo.

Car on peut être, à la fois, fidèle et paresseux.

O principezinho prosseguiu:

Le petit prince poursuivit :

- O teu planeta é tão pequenino que, com três passadas, lhe dás a volta.

– Ta planète est tellement petite que tu en fais le tour en trois enjambées.

Portanto, basta pores-te a andar devagarinho e ficas sempre ao sol.

Tu n’as qu’à marcher assez lentement pour rester toujours au soleil.

Assim, quando quiseses descansar, comesas a andar...
Quand tu voudras te reposer tu marcheras...

e o dia dura tanto tempo quanto tu quiseses.
et le jour durera aussi longtemps que tu voudras.

- Não me adianta lá grande coisa - disse o acendedor.
- *Ça ne m'avance pas à grand'chose, dit l'allumeur.*

Do que eu mais gosto na vida é de dormir!
Ce que j'aime dans la vie, c'est dormir.

- Já é pouca sorte. - disse o príncipezinho.
- *Ce n'est pas de chance, dit le petit prince.*

- Já é pouca sorte! - disse o acendedor. - Bom dia!
- *Ce n'est pas de chance, dit l'allumeur. Bonjour.*

E apagou o candeeiro.
Et il éteignit son réverbère.

"Este", pensou o príncipezinho enquanto continuava a sua viagem, "este seria alvo do desprezo de todos os outros: do rei, do vaidoso, do bêbedo, do homem de negócios.

« Celui-là, se dit le petit prince, tandis qu'il poursuivait plus loin son voyage, celui-là serait méprisé par tous les autres, par le roi, par le vaniteux, par le buveur, par le businessman.

E, no entanto,... é o único que eu não acho ridículo.
Cependant c'est le seul qui ne me paraisse pas ridicule.

Talvez por se interessar por mais alguma coisa para além de si próprio. "
C'est, peut-être, parce qu'il s'occupe d'autre chose que de soi-même. »

Cheio de pena, deu um suspiro e ainda pensou:
Il eut un soupir de regret et se dit encore :

"Este é o único que podia ser meu amigo.
« *Celui-là est le seul dont j'eusse pu faire mon ami.*

Mas o planeta dele mesmo muito pequeno.
Mais sa planète est vraiment trop petite.

Não há lugar para dois... "
Il n'y a pas de place pour deux... »

Mas o que o principezinho não ousava confessar a si próprio que, acima de tudo, tinha pena de não poder aproveitar os mil e quatrocentos pores do Sol em vinte e quatro horas daquele planeta abençoado!

Ce que le petit prince n'osait pas s'avouer, c'est qu'il regrettait cette planète bénie à cause, surtout, des mille quatre cent quarante couchers de soleil par vingt-quatre heures !

CAPÍTULO 15 – CHAPITRE 15

O sexto planeta era um planeta dez vezes maior. Vivia lá um senhor de idade que escrevia uns livros enormes.



- Olha! Cá temos um explorador! - exclamou ele, quando avistou o principezinho.

O principezinho sentou-se em cima da mesa para tomar folego. Já viajara tanto!

- De onde é que tu vens? - perguntou-lhe o senhor de idade.

- Que livro é este, tão grande? - perguntou o principezinho - O que é que o senhor está aqui a fazer?

- Sou geógrafo - respondeu o senhor de idade.

- E o que é um geógrafo?

- É um cientista que sabe onde ficam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

- Mas que interessante! - disse o príncipezinho. - Isto, sim, é uma profissão! - E pôs-se a olhar à volta. É que nunca tinha visto um planeta tão majestoso.

- É bem bonito, o seu planeta. Há cá mares?

- Não faço ideia - respondeu o geógrafo.

- Ah! -o príncipezinho sentiu-se muito desiludido. - E montanhas?

- Não faço ideia - respondeu o geógrafo.

- E cidades e rios e desertos?

- Também não faço ideia - respondeu o geógrafo.

- Mas o senhor é geógrafo!

- Pois sou - disse o geógrafo - mas não sou explorador. Tenho uma falta absoluta de exploradores. Porque não é o geógrafo que há-de ir à procura de cidades, de rios, de montanhas, de mares, de oceanos e de desertos. O geógrafo é importante demais para andar por aí a vadiar. Nunca sai do seu gabinete. Este serve-lhe é para receber os exploradores. Faz-lhes perguntas e toma nota do que eles dizem. E se o que um deles lhe conta lhe parece interessante, o geógrafo manda fazer um inquérito à sua moralidade.

- Mas porquê?

- Porque um explorador que mentisse desencadearia autênticas catástrofes nos livros de geografia. Assim como um explorador que bebesse demais.

- Mas porquê? - perguntou o príncipezinho.

- Porque os bêbedos vêm a dobrar e assim, por exemplo, o geógrafo assinalava a existência de duas montanhas quando, na realidade, só haveria uma.

- Conheço uma pessoa que havia de ser um péssimo explorador - disse então o príncipezinho.

- É bem possível. Mas, continuando: quando a moralidade do explorador parece boa, então, manda-se fazer um inquérito à descoberta dele.

- Vão lá ver se é verdade?

- Não, era complicado de mais. Exige-se é ao explorador que apresente provas. Por exemplo, se ele tiver descoberto uma montanha enorme, exige-se-lhe que apresente como prova uns calhaus enormes.

De repente, o geógrafo ficou todo excitado.

- Mas tu, tu vieste de muito longe! És um explorador! Anda, descreve-me o teu planeta!

E, tendo aberto o livro de registos, o geógrafo, pôs-se a afiar o lápis. As descobertas dos exploradores, primeiro, são anotadas a lápis. Só depois de o explorador apresentar as suas provas é que são passadas a tinta.

- Então, quando é que comesças? - perguntou o geógrafo.

- Oh! Lá, onde eu vivo, não há grande coisa. É um sítio muito pequenino. Tenho três vulcões. Dois vulcões em actividade e um vulcão extinto. Mas nunca se sabe...

- Pois não, nunca se sabe... - corroborou o geógrafo.

- Também tenho uma flor.

- As flores, não as assinalamos - disse o geógrafo.

- Porquê? É o mais bonito de tudo!

- Porque as flores são efémeras.

- E o que é que "efémero" quer dizer?

- As geografias - respondeu o geógrafo - são os livros mais preciosos que há. Nunca passam de moda. É raríssimo que uma montanha mude de lugar. É raríssimo que um mar se esvazie de água. Nós só escrevemos coisas eternas.

- Mas os vulcões extintos podem despertar - interrompeu o príncipezinho. - E o que é que "efémero" quer dizer?

- Para nós, os vulcões estarem extintos ou em actividade é exactamente a mesma coisa. Para nós, o que conta é a montanha. Essa não muda.

- Mas o que é que "efémero" quer dizer? - voltou a repetir o príncipezinho que, uma vez que a fizesse, nunca em dias da sua vida desistira de uma pergunta.

- Quer dizer que "se encontra ameaçado de desaparecimento a curto prazo".

- Então a minha flor está "ameaçada de desaparecimento a curto prazo"?

- Evidentemente!

"A minha flor é efémera", pensou o príncipezinho, "e só tem quatro espinhos para se defender do mundo inteiro. E eu deixei-a lá sozinha!"

Foi a primeira vez que se arrependeu de ter partido. Mas logo recobrou o ânimo:

- E agora o que é que me aconselha a visitar?

- O planeta Terra - respondeu o geógrafo. - É um planeta com boa reputação...

E o príncipezinho foi-se embora, sempre a pensar na sua flor.

* * * * *

O sexto planeta era um planeta dez vezes maior.

La sixième planète était une planète dix fois plus vaste.

Vivia lá um senhor de idade que escrevia uns livros enormes.

Elle était habitée par un vieux Monsieur qui écrivait d'énormes livres.

- Olha! Cá temos um explorador! - exclamou ele, quando avistou o principezinho.

- Tiens ! voilà un explorateur ! s'écria-t-il, quand il aperçut le petit prince.

O principezinho sentou-se em cima da mesa para tomar folego.

Le petit prince s'assit sur la table et souffla un peu.

Já viajara tanto!

Il avait déjà tant voyagé !

- De onde é que tu vens? - perguntou-lhe o senhor de idade.

- D'où viens-tu ? lui dit le vieux Monsieur.

- Que livro é este, tão grande? - perguntou o principezinho.

- Quel est ce gros livre ? dit le petit prince.

O que é que o senhor está aqui a fazer?

Que faites-vous ici ?

- Sou geógrafo - respondeu o senhor de idade.

- Je suis géographe, dit le vieux Monsieur.

- E o que é um geógrafo?

- Qu'est-ce qu'un géographe ?

- É um cientista que sabe onde ficam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

– *C'est un savant qui connaît où se trouvent les mers, les fleuves, les villes, les montagnes et les déserts.*

- Mas que interessante! - disse o príncipezinho.

– *Ça c'est bien intéressant, dit le petit prince.*

Isto, sim, é uma profissão!

Ça c'est enfin un véritable métier !

E pôs-se a olhar à volta.

Et il jeta un coup d'œil autour de lui sur la planète du géographe.

É que nunca tinha visto um planeta tão majestoso.

Il n'avait jamais vu encore une planète aussi majestueuse.

- É bem bonito, o seu planeta. Há cá mares?

– *Elle est bien belle, votre planète. Est-ce qu'il y a des océans ?*

- Não faço ideia - respondeu o geógrafo.

– *Je ne puis pas le savoir, dit le géographe.*

- Ah! -o príncipezinho sentiu-se muito desiludido. - E montanhas?

– *Ah ! (Le petit prince était déçu.) Et des montagnes ?*

- Não faço ideia - respondeu o geógrafo.

– *Je ne puis pas le savoir, dit le géographe.*

- E cidades e rios e desertos?

– *Et des villes et des fleuves et des déserts ?*

- Também não faço ideia - respondeu o geógrafo.

– *Je ne puis pas le savoir non plus, dit le géographe.*

- Mas o senhor é geógrafo!

– *Mais vous êtes géographe !*

- Pois sou - disse o geógrafo - mas não sou explorador.
- *C'est exact, dit le géographe, mais je ne suis pas explorateur.*

Tenho uma falta absoluta de exploradores.
Je manque absolument d'explorateurs.

Porque não é o geógrafo que há-de ir à procura de cidades, de rios, de montanhas, de mares, de oceanos e de desertos.
Ce n'est pas le géographe qui va faire le compte des villes, des fleuves, des montagnes, des mers, des océans et des déserts.

O geógrafo é importante demais para andar por aí a vadiar.
Le géographe est trop important pour flâner.

Nunca sai do seu gabinete.
Il ne quitte pas son bureau.

Este serve-lhe é para receber os exploradores.
Mais il y reçoit les explorateurs.

Faz-lhes perguntas e toma nota do que eles dizem.
Il les interroge, et il prend en note leurs souvenirs.

E se o que um deles lhe conta lhe parece interessante, o geógrafo manda fazer um inquérito à sua moralidade.
Et si les souvenirs de l'un d'entre eux lui paraissent intéressants, le géographe fait faire une enquête sur la moralité de l'explorateur.

- Mas porquê?
- *Pourquoi ça ?*

- Porque um explorador que mentisse desencadearia autênticas catástrofes nos livros de geografia.
– *Parce qu'un explorateur qui mentirait entraînerait des catastrophes dans les livres de géographie.*

Assim como um explorador que bebesse demais.
Et aussi un explorateur qui boirait trop.

- Mas porquê? - perguntou o príncipezinho.

– *Pourquoi ça ? fit le petit prince.*

- Porque os bêbedos vêem a dobrar e assim, por exemplo, o geógrafo assinalava a existência de duas montanhas quando, na realidade, só haveria uma.

– *Parce que les ivrognes voient double. Alors le géographe noterait deux montagnes, là où il n’y en a qu’une seule.*

- Conheço uma pessoa que havia de ser um péssimo explorador - disse então o príncipezinho.

– *Je connais quelqu’un, dit le petit prince, qui serait mauvais explorateur.*

- É bem possível.

– *C’est possible.*

Mas, continuando: quando a moralidade do explorador parece boa, então, manda-se fazer um inquérito à descoberta dele.

Donc, quand la moralité de l’explorateur paraît bonne, on fait une enquête sur sa découverte.

- Vão lá ver se é verdade?

– *On va voir ?*

- Não, era complicado de mais.

– *Non. C’est trop compliqué.*

Exige-se é ao explorador que apresente provas.

Mais on exige de l’explorateur qu’il fournisse des preuves.

Por exemplo, se ele tiver descoberto uma montanha enorme, exige-se-lhe que apresente como prova uns calhaus enormes.

S’il s’agit par exemple de la découverte d’une grosse montagne, on exige qu’il en rapporte de grosses pierres.

De repente, o geógrafo ficou todo excitado.

Le géographe soudain s’émut.

- Mas tu, tu vieste de muito longe! És um explorador!
– *Mais toi, tu viens de loin ! Tu es explorateur !*

Anda, descreve-me o teu planeta!
Tu vas me décrire ta planète !

E, tendo aberto o livro de registos, o geógrafo, pôs-se a afiar o lápis.
Et le géographe, ayant ouvert son registre, tailla son crayon.

As descobertas dos exploradores, primeiro, são anotadas a lápis.
On note d'abord au crayon les récits des explorateurs.

Só depois de o explorador apresentar as suas provas é que são passadas a tinta.
On attend, pour noter à l'encre, que l'explorateur ait fourni des preuves.

- Então, quando é que comesças? - perguntou o geógrafo.
– *Alors ? interrogea le géographe.*

- Oh! Lá, onde eu vivo, não há grande coisa. É um sítio muito pequenino.
– *Oh ! chez moi, dit le petit prince, ce n'est pas très intéressant, c'est tout petit.*

Tenho três vulcões.
J'ai trois volcans.

Dois vulcões em actividade e um vulcão extinto.
Deux volcans en activité, et un volcan éteint.

Mas nunca se sabe...
Mais on ne sait jamais.

- Pois não, nunca se sabe... - corroborou o geógrafo.
– *On ne sait jamais, dit le géographe.*

- Também tenho uma flor.
– *J'ai aussi une fleur.*

- As flores, não as assinalamos - disse o geógrafo.
– *Nous ne notons pas les fleurs, dit le géographe.*

- Porquê? É o mais bonito de tudo!
– *Pourquoi ça ! c'est le plus joli !*

- Porque as flores são efémeras.
– *Parce que les fleurs sont éphémères.*

- E o que é que "efémero" quer dizer?
– *Qu'est-ce que signifie : « éphémère » ?*

- As geografias - respondeu o geógrafo - são os livros mais preciosos que há.

– *Les géographies, dit le géographe, sont les livres les plus précieux de tous les livres.*

Nunca passam de moda.
Elles ne se démodent jamais.

É raríssimo que uma montanha mude de lugar.
Il est très rare qu'une montagne change de place.

É raríssimo que um mar se esvazie de água.
Il est très rare qu'un océan se vide de son eau.

Nós só escrevemos coisas eternas.
Nous écrivons des choses éternelles.

- Mas os vulcões extintos podem despertar - interrompeu o príncipezinho.

– *Mais les volcans éteints peuvent se réveiller, interrompit le petit prince.*

E o que é que "efémero" quer dizer?
Qu'est-ce que signifie « éphémère » ?

- Para nós, os vulcões estarem extintos ou em actividade é exactamente a mesma coisa.

– *Que les volcans soient éteints ou soient éveillés, ça revient au même pour nous autres, dit le géographe.*

Para nós, o que conta é a montanha.

Ce qui compte pour nous, c'est la montagne.

Essa não muda.

Elle ne change pas.

- Mas o que é que "efémero" quer dizer? - voltou a repetir o príncipezinho que, uma vez que a fizesse, nunca em dias da sua vida desistira de uma pergunta.

– *Mais qu'est-ce que signifie « éphémère » ? répéta le petit prince qui, de sa vie, n'avait renoncé à une question, une fois qu'il l'avait posée.*

- Quer dizer que "se encontra ameaçado de desaparecimento a curto prazo".

– *Ça signifie « qui est menacé de disparition prochaine ».*

- Então a minha flor está "ameaçada de desaparecimento a curto prazo"?

– *Ma fleur est menacée de disparition prochaine ?*

- Evidentemente!

– *Bien sûr.*

"A minha flor é efémera", pensou o príncipezinho, "e só tem quatro espinhos para se defender do mundo inteiro.

Ma fleur est éphémère, se dit le petit prince, et elle n'a que quatre épines pour se défendre contre le monde !

E eu deixei-a lá sozinha!"

Et je l'ai laissée toute seule chez moi !

Foi a primeira vez que se arrependeu de ter partido.

Ce fut là son premier mouvement de regret.

Mas logo recobrou o ânimo:

Mais il reprit courage :

- E agora o que é que me aconselha a visitar?

– *Que me conseillez-vous d’aller visiter ? demanda-t-il.*

- O planeta Terra - respondeu o geógrafo.

– *La planète Terre, lui répondit le géographe.*

É um planeta com boa reputação...

Elle a une bonne réputation...

E o príncipezinho foi-se embora, sempre a pensar na sua flor.

Et le petit prince s’en fut, songeant à sa fleur.

CAPÍTULO 16 – CHAPITRE 16

O sétimo planeta foi, portanto, a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer. Tem cento e onze reis (contando, claro está, com os reis pretos), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de bêbedos, trezentos e onze milhões de vaidosos, ou seja, aproximadamente, dois biliões de pessoas grandes.

Para ficarem com uma ideia das dimensões da Terra dir-vos-ei que, antes da invenção da electricidade, devia haver, no conjunto dos seis continentes, um autêntico exército de quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de candeeiros.

Vistos de longe, faziam um efeito magnífico. Os seus movimentos eram tão certinhos e tão bem regulados como os de um bailado. Primeiro, era a vez dos acendedores de candeeiros da Nova Zelândia e da Austrália. Depois de acenderem os candeeiros, iam-se deitar. E era a vez de entrarem na dança os acendedores de candeeiros da China e da Sibéria. Depois, também eles se eclipsavam para os bastidores. E então era a vez dos acendedores de candeeiros da Rússia e das Índias. Depois, a dos de África e da Europa. Depois, a dos da América do Sul. Depois, a dos da América do Norte. E nunca nenhum trocava a ordem de entrada em cena. Era um espectáculo grandioso.

Só o acendedor do único candeeiro do pólo Norte e o seu confrade do único candeeiro do pólo Sul tinham uma vida calma e regalada: não trabalhavam senão duas vezes por ano.

* * * * *

O sétimo planeta foi, portanto, a Terra.

La septième planète fut donc la Terre.

A Terra não é um planeta qualquer.

La Terre n'est pas une planète quelconque !

Tem cento e onze reis (contando, claro está, com os reis pretos),

On y compte cent onze rois (en n'oubliant pas, bien sûr, les rois nègres),

sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios,

sept mille géographes, neuf cent mille businessmen,

sete milhões e meio de bêbedos, trezentos e onze milhões de vaidosos,

sept millions et demi d'ivrognes, trois cent onze millions de vaniteux,

ou seja, aproximadamente, dois biliões de pessoas grandes.

c'est-à-dire environ deux milliards de grandes personnes.

Para ficarem com uma ideia das dimensões da Terra

Pour vous donner une idée des dimensions de la Terre

dir-vos-ei que, antes da invenção da electricidade, devia haver,

je vous dirai qu'avant l'invention de l'électricité on y devait entretenir,

no conjunto dos seis continentes, um autêntico exército de

sur l'ensemble des six continents, une véritable armée de

quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de
candeeiros.

quatre cent soixante-deux mille cinq cent onze allumeurs de réverbères.

Vistos de longe, faziam um efeito magnífico.

Vu d'un peu loin ça faisait un effet splendide.

Os seus movimentos eram tão certinhos e tão bem regulados como os de um bailado.

Les mouvements de cette armée étaient réglés comme ceux d'un ballet d'opéra.

Primeiro, era a vez dos acendedores de candeeiros da Nova Zelândia e da Austrália.

D'abord venait le tour des allumeurs de réverbères de Nouvelle-Zélande et d'Australie.

Depois de acenderem os candeeiros, iam-se deitar.

Puis ceux-ci, ayant allumé leurs lampions, s'en allaient dormir.

E era a vez de entrarem na dança os acendedores de candeeiros da China e da Sibéria.

Alors entraient à leur tour dans la danse les allumeurs de réverbères de Chine et de Sibérie.

Depois, também eles se eclipsavam para os bastidores.

Puis eux aussi s'escamotaient dans les coulisses.

E então era a vez dos acendedores de candeeiros da Rússia e das Índias.

Alors venait le tour des allumeurs de réverbères de Russie et des Indes.

Depois, a dos de África e da Europa.

Puis de ceux d'Afrique et d'Europe.

Depois, a dos da América do Sul.

Puis de ceux d'Amérique du Sud.

Depois, a dos da América do Norte.

Puis de ceux d'Amérique du Nord.

E nunca nenhum trocava a ordem de entrada em cena.

Et jamais ils ne se trompaient dans leur ordre d'entrée en scène.

Era um espectáculo grandioso.

C'était grandiose.

Só o acendedor do único candeeiro do pólo Norte
Seuls, l'allumeur de l'unique réverbère du pôle Nord,

e o seu confrade do único candeeiro do pólo Sul
et son confrère de l'unique réverbère du pôle Sud,

tinham uma vida calma e regalada:
menaient des vies d'oisiveté et de nonchalance :

não trabalhavam senão duas vezes por ano.
ils travaillaient deux fois par an.

CAPÍTULO 17 – CHAPITRE 17

Às vezes, quando se quer ter graça, dizem-se algumas mentiras. Devo confessar que não foi lá muito honesto falar-vos dos acendedores de candeeiros. Quem não conheça o planeta, arrisca a ficar com uma ideia errada dele. Na realidade, só muito pouco espaço da Terra é que é ocupado pelos homens. Se os dois biliões de habitantes da Terra se pusessem de pé, muito juntinhos uns ao lado dos outros, como num comício, cabiam todos, à vontade, numa praça de vinte milhas de comprimento por vinte milhas de largura. Bem amontoada, a Humanidade cabia inteirinha na mais pequena ilhota do Oceano Pacífico.

Claro que as pessoas grandes não vão acreditar. Elas pensam que ocupam muito espaço. Julgam-se tão grandes como embondeiros. Portanto, o melhor é vocês dizerem-lhes para fazerem as contas. As pessoas grandes adoram números e vão ficar todas contentes. Mas vocês, vocês que confiam em mim,. não percam tempo repetir tudo. Eu já fiz as contas...

Uma vez na Terra, o príncipezinho ficou muito admirado por não ver ninguém. Já estava com medo de se ter enganado de planeta, quando reparou num anel cor de luar a mexer na areia.

- Olá, boa noite! - lançou o príncipezinho para os ares, a ver o que aquilo dava.

- Olá, boa noite! - disse a serpente.

- Em que planeta é que eu vim cair? - perguntou o príncipezinho.

- Na Terra, em África - respondeu a serpente.



- Ah!... E então na Terra não há ninguém?

- Aquilo é o deserto. Nos desertos não há ninguém. A Terra é muito grande - disse a serpente.

O príncipezinho sentou-se numa pedra e levantou os olhos para o céu:

- Se calhar, as estrelas só estão iluminadas para que, um dia, cada um de nós possa encontrar a sua. Olha para o meu planeta. Está mesmo aqui por cima... Mas está tão longe!...

- O teu planeta é muito bonito - disse a serpente. - Mas o que é que tu vieste cá fazer?

- Foi por causa de uma flor - disse o príncipezinho.

- Ah! - disse a serpente.

E ambos se calaram.

- Onde é que estão os homens? - acabou finalmente por perguntar o príncipezinho. No deserto está-se um bocado sozinho...

- Também se está sozinho ao pé dos homens – disse a serpente.

O príncipezinho observou-a durante muito tempo e disse:

- Que bicho mais curioso que tu me saíste! Fininha como um dedo...



- Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei - disse a serpente.

O príncipezinho sorriu:

- Não és nada... Nem sequer tens patas... Nem sequer podes viajar...

- Mas posso levar-te mais longe do que um navio - disse a serpente.

Enroscou-se à volta do tornozelo do príncipezinho, como uma pulseira de ouro, e continuou:

- Quando toco em alguém, devolvo-o imediatamente à terra de onde veio. Mas tu és puro e vieste de uma estrela...

O príncipezinho não respondeu.

- Tenho dó de ti, assim, tão fraquinho, nesta Terra toda de granito. Um dia, se tiveres muitas saudades do teu planeta, eu posso ajudar-te. Posso...

- Oh! Escusas de continuar que eu já percebi tudo! - disse o príncipezinho. - Mas porque é que só falas por enigmas?

- Resolvo-os a todos - disse a serpente.

E ambos se calaram.

* * * * *

Às vezes, quando se quer ter graça, dizem-se algumas mentiras.
Quand on veut faire de l'esprit, il arrive que l'on mente un peu.

Devo confessar que não foi lá muito honesto falar-vos dos acendedores de candeeiros.

Je n'ai pas été très honnête en vous parlant des allumeurs de réverbères.

Quem não conheça o planeta, arrisca a ficar com uma ideia errada dele.
Je risque de donner une fausse idée de notre planète à ceux qui ne la connaissent pas.

Na realidade, só muito pouco espaço da Terra é que é ocupado pelos homens.

Les hommes occupent très peu de place sur la terre.

Se os dois biliões de habitantes da Terra se pusessem de pé,
Si les deux milliards d'habitants qui peuplent la terre se tenaient debout

muito juntinhos uns ao lado dos outros, como num comício,
et un peu serrés, comme pour un meeting,

cabiam todos, à vontade, numa praça de vinte milhas de comprimento por vinte milhas de largura.

ils logeraient aisément sur une place publique de vingt milles de long sur vingt milles de large.

Bem amontoada, a Humanidade cabia inteirinha na mais pequena ilhota do Oceano Pacífico.

On pourrait entasser l'humanité sur le moindre petit îlot du Pacifique.

Claro que as pessoas grandes não vão acreditar.
Les grandes personnes, bien sûr, ne vous croiront pas.

Elas pensam que ocupam muito espaço.
Elles s'imaginent tenir beaucoup de place.

Julgam-se tão grandes como embondeiros.

Elles se voient importantes comme des baobabs.

Portanto, o melhor é vocês dizerem-lhes para fazerem as contas.

Vous leur conseillerez donc de faire le calcul.

As pessoas grandes adoram números e vão ficar todas contentes.

Elles adorent les chiffres : ça leur plaira.

Mas vocês, vocês que confiam em mim, não percam tempo repetir tudo.
Eu já fiz as contas...

Mais ne perdez pas votre temps à ce pensum. C'est inutile. Vous avez confiance en moi.

Uma vez na Terra, o principezinho ficou muito admirado por não ver ninguém.

Le petit prince, une fois sur terre, fut donc bien surpris de ne voir personne.

Já estava com medo de se ter enganado de planeta, quando reparou num anel cor de luar a mexer na areia.

Il avait déjà peur de s'être trompé de planète, quand un anneau couleur de lune remua dans le sable.

- Olá, boa noite! - lançou o principezinho para os ares, a ver o que aquilo dava.

– Bonne nuit, fit le petit prince à tout hasard.

- Olá, boa noite! - disse a serpente.

– Bonne nuit, fit le serpent.

- Em que planeta é que eu vim cair? - perguntou o principezinho.

– Sur quelle planète suis-je tombé ? demanda le petit prince.

- Na Terra, em África - respondeu a serpente.

– Sur la Terre, en Afrique, répondit le serpent.

- Ah!... E então na Terra não há ninguém?
– *Ah !... Il n'y a donc personne sur la Terre ?*

- Aquilo é o deserto.
– *Ici c'est le désert.*

Nos desertos não há ninguém.
Il n'y a personne dans les déserts.

A Terra é muito grande - disse a serpente.
La Terre est grande, dit le serpent.

O príncipezinho sentou-se numa pedra e levantou os olhos para o céu:

Le petit prince s'assit sur une pierre et leva les yeux vers le ciel :

- Se calhar, as estrelas só estão iluminadas para que, um dia, cada um de nós possa encontrar a sua.

– *Je me demande, dit-il, si les étoiles sont éclairées afin que chacun puisse un jour retrouver la sienne.*

Olha para o meu planeta. Está mesmo aqui por cima...
Regarde ma planète. Elle est juste au-dessus de nous...

Mas está tão longe!...
Mais comme elle est loin !

- O teu planeta é muito bonito - disse a serpente.
– *Elle est belle, dit le serpent.*

Mas o que é que tu vieste cá fazer?
Que viens-tu faire ici ?

- Foi por causa de uma flor - disse o príncipezinho.
– *J'ai des difficultés avec une fleur, dit le petit prince.*

- Ah! - disse a serpente.
– *Ah ! fit le serpent.*

E ambos se calaram.

Et ils se turent.

- Onde é que estão os homens? - acabou finalmente por perguntar o príncipezinho.

– Où sont les hommes ? reprit enfin le petit prince.

No deserto está-se um bocado sozinho...

On est un peu seul dans le désert...

- Também se está sozinho ao pé dos homens – disse a serpente.

– On est seul aussi chez les hommes, dit le serpent.

O príncipezinho observou-a durante muito tempo e disse:

Le petit prince le regarda longtemps :

- Que bicho mais curioso que tu me saíste! Fininha como um dedo...

– Tu es une drôle de bête, lui dit-il enfin, mince comme un doigt...

- Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei - disse a serpente.

– Mais je suis plus puissant que le doigt d’un roi, dit le serpent.

O príncipezinho sorriu:

Le petit prince eut un sourire :

- Não és nada... Nem sequer tens patas...

– Tu n’es pas bien puissant... tu n’as même pas de pattes...

Nem sequer podes viajar...

tu ne peux même pas voyager...

- Mas posso levar-te mais longe do que um navio - disse a serpente.

– Je puis t’emporter plus loin qu’un navire, dit le serpent.

Enroscou-se à volta do tornozelo do príncipezinho, como uma pulseira de ouro, e continuou:

Il s’enroula autour de la cheville du petit prince, comme un bracelet d’or :

- Quando toco em alguém, devolvo-o imediatamente à terra de onde veio. Mas tu és puro e vieste de uma estrela...

– *Celui que je touche, je le rends à la terre dont il est sorti, dit-il encore. Mais tu es pur et tu viens d’une étoile...*

O principezinho não respondeu.

Le petit prince ne répondit rien.

- Tenho dó de ti, assim, tão fraquinho, nesta Terra toda de granito.

– *Tu me fais pitié, toi si faible, sur cette Terre de granit.*

Um dia, se tiveres muitas saudades do teu planeta, eu posso ajudar-te.

Je puis t’aider un jour si tu regrettes trop ta planète.

Posso...

Je puis...

- Oh! Escusas de continuar que eu já percebi tudo! - disse o principezinho.

– *Oh ! J’ai très bien compris, fit le petit prince,*

Mas porque é que só falas por enigmas?

mais pourquoi parles-tu toujours par énigmes ?

- Resolvo-os a todos - disse a serpente.

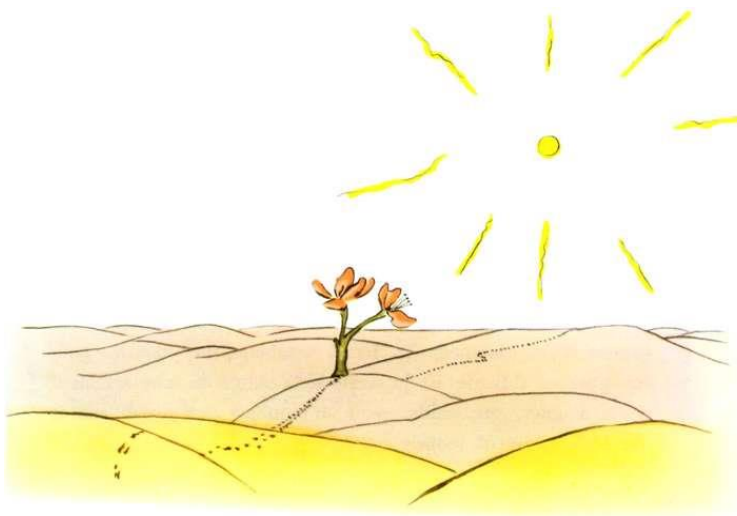
– *Je les résous toutes, dit le serpent.*

E ambos se calaram.

Et ils se turent.

CAPÍTULO 18 – CHAPITRE 18

O principezinho atravessou o deserto e a única coisa que encontrou foi uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzita de nada...



- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

- Olá, bom dia! - disse a flor.

- Onde é que os homens estão? - perguntou delicadamente o principezinho.

Uma vez, a flor tinha visto passar uma caravana.

- Os homens? Tenho a impressão que só há uns seis ou sete. Vi-os há uns anos. Mas nunca se pode saber onde é que estão. O vento empurra-os de um lado para o outro. Não têm raízes e isso faz-lhes muita falta.

- Adeus - disse o principezinho.

- Adeus - disse a flor.

* * * * *

O principezinho atravessou o deserto e a única coisa que encontrou foi uma flor.

Le petit prince traversa le désert et ne rencontra qu'une fleur.

Uma flor de três pétalas, uma florzita de nada...

Une fleur à trois pétales, une fleur de rien du tout...

- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

- *Bonjour, dit le petit prince.*

- Olá, bom dia! - disse a flor.

- *Bonjour, dit la fleur.*

- Onde é que os homens estão? - perguntou delicadamente o principezinho.

- *Où sont les hommes ? demanda poliment le petit prince.*

Uma vez, a flor tinha visto passar uma caravana.

La fleur, un jour, avait vu passer une caravane :

- Os homens? Tenho a impressão que só há uns seis ou sete.

- *Les hommes ? Il en existe, je crois, six ou sept.*

Vi-os há uns anos. Mas nunca se pode saber onde é que estão.

Je les ai aperçus il y a des années. Mais on ne sait jamais où les trouver.

O vento empurra-os de um lado para o outro.

Le vent les promène.

Não têm raízes e isso faz-lhes muita falta.

Ils manquent de racines, ça les gêne beaucoup.

- Adeus - disse o principezinho.

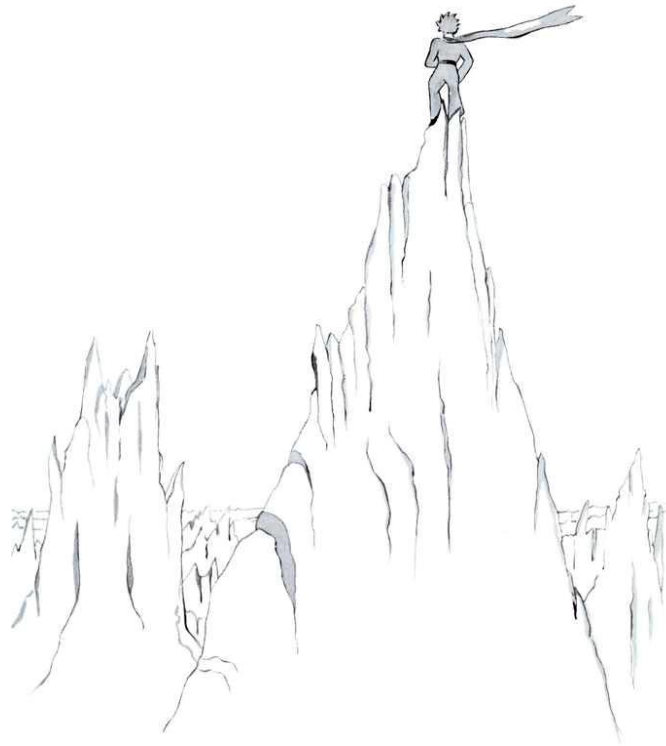
- *Adieu, fit le petit prince.*

- Adeus - disse a flor.

- *Adieu, dit la fleur.*

CAPÍTULO 19 – CHAPITRE 19

O príncipezinho subiu a uma montanha muito alta. As únicas montanhas que conhecia até então eram os seus três vulcões que mal lhe chegavam ao joelho. E servia-se do vulcão extinto como tamborete. Portanto, pensou: "Duma montanha tão alta como esta, com certeza que vejo o planeta todo e os homens todos..." Mas não viu senão picos rochosos e pontiagudos.



- Bom dia! - lançou ele para os ares, a ver o que aquilo dava.
- Bom dia... Bom dia... - respondeu o eco.
- Quem são vocês? - perguntou o príncipezinho.

- Quem são vocês... Quem são vocês... Quem são vocês... - respondeu o eco.

- Sejam meus amigos, que eu estou sozinho – disse o príncipezinho.

- Estou sozinho... Estou sozinho... Estou sozinho... - respondeu o eco.

"Que planeta mais esquisito!", pensou ele. "Todo seco, todo cheio de picos e todo salgado! E os homens têm cá uma falta de imaginação! Só sabem repetir o que se lhes diz... Ao menos eu, lá no meu planeta, tinha uma flor: e era ela sempre a primeira a falar... "

* * * * *

O príncipezinho subiu a uma montanha muito alta.

Le petit prince fit l'ascension d'une haute montagne.

As únicas montanhas que conhecia até então eram os seus três vulcões que mal lhe chegavam ao joelho.

Les seules montagnes qu'il eût jamais connues étaient les trois volcans qui lui arrivaient au genou.

E servia-se do vulcão extinto como tamborete.

Et il se servait du volcan éteint comme d'un tabouret.

Portanto, pensou: "Duma montanha tão alta como esta, com certeza que vejo o planeta todo e os homens todos..."

« D'une montagne haute comme celle-ci, se dit-il donc, j'apercevrai d'un coup toute la planète et tous les hommes... »

Mas não viu senão picos rochosos e pontiagudos.

Mais il n'aperçut rien que des aiguilles de roc bien aiguisées.

- Bom dia! - lançou ele para os ares, a ver o que aquilo dava.

- *Bonjour, dit-il à tout hasard.*

- Bom dia... Bom dia... - respondeu o eco.

- *Bonjour... Bonjour... Bonjour... répondit l'écho.*

- Quem são vocês? - perguntou o príncipezinho.

- *Qui êtes-vous ? dit le petit prince.*

- Quem são vocês... Quem são vocês... Quem são vocês... - respondeu o eco.

- *Qui êtes-vous... qui êtes-vous... qui êtes-vous... répondit l'écho.*

- Sejam meus amigos, que eu estou sozinho – disse o príncipezinho.

- *Soyez mes amis, je suis seul, dit-il.*

- Estou sozinho... Estou sozinho... Estou sozinho... - respondeu o eco.

– *Je suis seul... je suis seul... je suis seul... répondit l'écho.*

"Que planeta mais esquisito!", pensou ele.

« *Quelle drôle de planète ! pensa-t-il alors.*

"Todo seco, todo cheio de picos e todo salgado!

Elle est toute sèche, et toute pointue et toute salée.

E os homens têm cá uma falta de imaginação!

Et les hommes manquent d'imagination.

Só sabem repetir o que se lhes diz...

Ils répètent ce qu'on leur dit...

Ao menos eu, lá no meu planeta, tinha uma flor: e era ela sempre a primeira a falar... "

Chez moi j'avais une fleur : elle parlait toujours la première... »

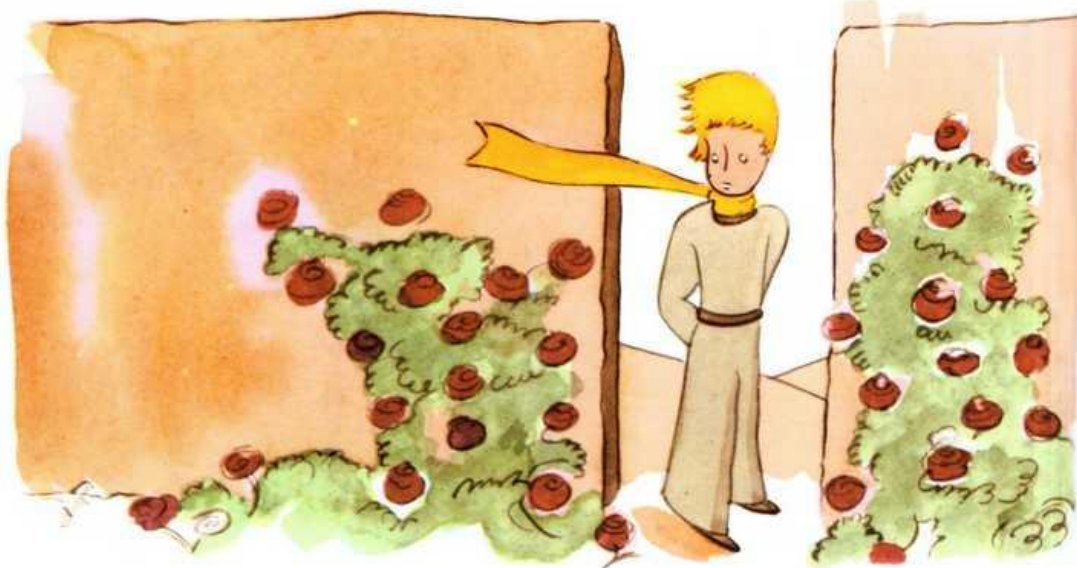
CAPÍTULO 20 – CHAPITRE 20

Mas aconteceu que o principezinho, depois de ter caminhado durante muito tempo e de só ter encontrado areia, rochas e neves, acabou por descobrir uma estrada. E todas as estradas vão dar aos homens.

- Olá, bom dia! - disse ele.

Era um jardim cheio de rosas.

- Olá, bom dia! - disseram as rosas.



O principezinho olhou para elas e todas elas se pareciam com a sua flor.

- Quem são vocês? - perguntou-lhes, estupefacto.

- Somos rosas - disseram as rosas.

- Ah! - exclamou o principezinho.

E sentiu-se muito infeliz. A flor dele tinha-lhe dito que era a única da sua espécie em todo o universo. E afinal ali tinha cinco mil, todas iguais, e só num jardim.



"Muito vexada ficaria ela se visse isto... ", pensou ele. "Nunca mais havia de parar de tossir e, só para escapar ao ridículo, punha-se a fazer de conta que estava a morrer. E eu lá tinha de fazer de conta que tratava dela porque, se não, para eu também ficar humilhado, era bem capaz de se deixar morrer mesmo a sério... "

E depois ainda pensou: "Julgava-me muito rico por ter uma flor única no mundo e, afinal só tenho uma rosa vulgar. Ela e os meus três vulcões que mal me chegam ao joelho - um dos quais, se calhar, extinto para todo o sempre - não fazem de mim um grande príncipe... " E, deitado na relva, desatou a chorar.

* * * * *

Mas aconteceu que o principezinho, depois de ter caminhado durante muito tempo e de só ter encontrado areia, rochas e neves, acabou por descobrir uma estrada.

Mais il arriva que le petit prince, ayant longtemps marché à travers les sables, les rocs et les neiges, découvrit enfin une route.

E todas as estradas vão dar aos homens.

Et les routes vont toutes chez les hommes.

- Olá, bom dia! - disse ele.

– *Bonjour, dit-il.*

Era um jardim cheio de rosas.

C'était un jardin fleuri de roses.

- Olá, bom dia! - disseram as rosas.

– *Bonjour, dirent les roses.*

O principezinho olhou para elas e todas elas se pareciam com a sua flor.

Le petit prince les regarda. Elles ressemblaient toutes à sa fleur.

- Quem são vocês? - perguntou-lhes, estupefacto.

– *Qui êtes-vous ? leur demanda-t-il, stupéfait.*

- Somos rosas - disseram as rosas.

– *Nous sommes des roses, dirent les roses.*

- Ah! - exclamou o principezinho.

– *Ah ! fit le petit prince...*

E sentiu-se muito infeliz.

Et il se sentit très malheureux.

A flor dele tinha-lhe dito que era a única da sua espécie em todo o universo.

Sa fleur lui avait raconté qu'elle était seule de son espèce dans l'univers.

E afinal ali tinha cinco mil, todas iguais, e só num jardim.

Et voici qu'il en était cinq mille, toutes semblables, dans un seul jardin !

"Muito vexada ficaria ela se visse isto... ", pensou ele.

« Elle serait bien vexée, se dit-il, si elle voyait ça...

"Nunca mais havia de parar de tossir e, só para escapar ao ridículo, punha-se a fazer de conta que estava a morrer.

elle tousserait énormément et ferait semblant de mourir pour échapper au ridicule.

E eu lá tinha de fazer de conta que tratava dela porque, se não,

Et je serais bien obligé de faire semblant de la soigner, car, sinon,

para eu também ficar humilhado, era bem capaz de se deixar morrer mesmo a sério... "

pour m'humilier moi aussi, elle se laisserait vraiment mourir... »

E depois ainda pensou:

Puis il se dit encore :

"Julgava-me muito rico por ter uma flor única no mundo e, afinal só tenho uma rosa vulgar.

« Je me croyais riche d'une fleur unique, et je ne possède qu'une rose ordinaire.

Ela e os meus três vulcões que mal me chegam ao joelho - um dos quais, se calhar, extinto para todo o sempre - não fazem de mim um grande príncipe... "

Ça et mes trois volcans qui m'arrivent au genou, et dont l'un, peut-être, est éteint pour toujours, ça ne fait pas de moi un bien grand prince... »

E, deitado na relva, desatou a chorar.

Et, couché dans l'herbe, il pleura.

CAPÍTULO 21 – CHAPITRE 21

Foi então que apareceu a raposa.



- Olá, bom dia! - disse a raposa.

- Olá, bom dia! - respondeu delicadamente o príncipezinho que se voltou mas não viu ninguém.

- Estou aqui- disse a voz - debaixo da macieira.

- Quem és tu? - perguntou o príncipezinho. - És bem bonita...

Sou uma raposa- disse a raposa.

- Anda brincar comigo - pediu-lhe o príncipezinho. – Estou tão triste...

- Não posso ir brincar contigo - disse a raposa. - Não estou presa...

- Ah! Então, desculpa! - disse o príncipezinho.

Mas pôs-se a pensar, a pensar, e acabou por perguntar:

- O que é que "estar preso" quer dizer?

- Vê-se logo que não és de cá - disse a raposa. - De que é que tu andas à procura?

- Ando à procura dos homens - disse o príncipezinho. – O que é que "estar preso" quer dizer?

- Os homens têm espingardas e passam o tempo a caçar - disse a raposa. - É uma grande maçada! E também fazem criação de galinhas! Aliás, na minha opinião, é a única coisa interessante que eles têm. Andas à procura de galinhas?

- Não - disse o príncipezinho. – Ando à procura de amigos. O que é que "estar preso" quer dizer?

- É uma coisa que toda a gente se esqueceu – disse a raposa. – Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.

- Laços?

- Sim, laços - disse a raposa. - Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me prenderes a ti, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...

- Parece-me que estou a começar a perceber - disse o príncipezinho.
- Sabes, há uma certa flor... Tenho a impressão que estou preso a ela...

- É bem possível - disse a raposa. - Vê-se cada coisa cá na Terra...

- Mas não é da Terra! - disse o príncipezinho.

A raposa pareceu ficar muito intrigada.

- Então, é noutro planeta?

- É.

- E nesse tal planeta há caçadores?



-Não.

- Começo a achar-lhe alguma graça... E galinhas?

-Não.

- Não há bela sem senão... - disse a raposa.

Mas a raposa voltou a insistir na sua ideia:

- Tenho uma vida terrivelmente monótona. Eu, caço galinhas e os homens, caçam-me a mim. As galinhas são todas iguais umas às outras e os homens são todos iguais uns aos outros, Por isso, às vezes, aborreço-me um bocado. Mas se tu me prenderes a ti, a minha vida fica cheia de Sol. Fico a conhecer uns passos diferentes de todos os outros passos. Os outros passos fazem-me fugir para debaixo da terra. Os teus hão-de chamar-me para fora da toca, como uma música. E depois olha! Estás a ver, ali adiante, aqueles campos de trigo? Eu não como pão e, por isso, o trigo não me serve para nada. Os campos de trigo não me fazem lembrar de nada. E é uma triste coisa! Mas os teus cabelos são da cor do ouro. Então, quando eu estiver presa a ti vai ser maravilhoso! Como o trigo é dourado, há-de fazer-me lembrar de ti. E hei-de gostar do barulho do vento a bater no trigo...

A raposa calou-se e ficou a olhar durante muito tempo para o príncipezinho.

- Por favor... Prende-me a ti! - acabou finalmente por dizer.

- Eu bem gostava - respondeu o príncipezinho - mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...

- Só conhecemos as coisas que prendemos a nós – disse a raposa. – Os homens, agora, já não têm tempo para conhecer nada. Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens já não têm amigos. Se queres um amigo, prende-me a ti!

- E o que é que é preciso fazer? – perguntou o príncipezinho.

- É preciso ter muita paciência. Primeiro, sentas-te um bocadinho afastado de mim, assim, em cima da relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas todos os dias te podes sentar um bocadinho mais perto...

O príncipezinho voltou no dia seguinte.

- Era melhor teres vindo à mesma hora - disse a raposa. Se vieres, por exemplo, às quatro horas, às três, já eu começo a ser feliz. E quanto mais perto for da hora, mais feliz me sentirei. Às quatro em ponto já hei-de estar toda agitada e inquieta: é o preço da felicidade! Mas se chegares a uma hora qualquer, eu nunca saberei a que horas é que hei-de começar a arranjar o meu coração, a vesti-lo, a pô-lo bonito... São precisos rituais.



- O que é um ritual? - perguntou o principezinho.

- Também é uma coisa de que toda a gente se esqueceu - respondeu a raposa. - É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias e uma hora, diferente das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, têm um ritual. À quinta-feira, vão ao baile com as raparigas da aldeia. Assim, a quinta-feira é um dia maravilhoso. Eu posso ir passear para as vinhas. Se os caçadores fossem ao baile num dia qualquer, os dias eram todos iguais uns aos outros e eu nunca tinha férias.

Foi assim que o principezinho prendeu a si a raposa. E quando chegou a hora da despedida:

- Ai! - exclamou a raposa – Ai que me vou pôr a chorar...

- A culpa é tua - disse o príncipezinho. - Eu bem não queria que te acontecesse mal nenhum, mas tu quiseste que eu te prendesse a mim...

- Pois quis - disse a raposa.

- Mas agora vais-te pôr a chorar! - disse o príncipezinho.

- Pois vou – disse a raposa.

- Então não ganhaste nada com isso!

- Ai isso é que ganhei! – disse a raposa. – Por causa da cor do trigo...

Depois acrescentou:

- Anda, vai ver outra vez as rosas. Vais perceber que a tua é única no mundo. Quando vieres ter comigo, dou-te um presente de despedida: conto-te um segredo.

O príncipezinho lá foi ver as rosas outra vez.

- Vocês não são nada parecidas com a minha rosa! Vocês ainda não são nada - disse-lhes ele. - Não há ninguém preso a vocês e vocês não estão presas a ninguém. Vocês são como a minha raposa era. Era uma raposa perfeitamente igual às outras cem mil raposas. Mas eu tornei-a minha amiga e, agora ela é única no mundo.

E as rosas ficaram bastante incomodadas.

- Vocês são bonitas, mas vazias - ainda lhes disse o príncipezinho. - Não se pode morrer por vocês. Claro que, para um transeunte qualquer, a minha rosa é perfeitamente igual a vocês. Mas, sozinha, vale mais do que vocês todas juntas, porque foi a ela que eu reguei. Porque foi a ela que eu pus debaixo de uma redoma. Porque foi a ela que eu abriguei com o biombo. Porque foi a ela que eu matei as lagartas (menos duas ou três, por causa das borboletas). Porque foi a ela que eu ouvi queixar-se, gabar-se e até, às vezes, calar-se. Porque ela é a minha rosa.

E então voltou para o pé da raposa e disse:

- Adeus...

- Adeus - disse a raposa. - Vou-te contar o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos...

- O essencial é invisível para os olhos – repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

- Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

- Os homens já se esqueceram desta verdade - disse a raposa. - Mas tu não te deves esquecer dela. Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que está preso a ti. Tu és responsável pela tua rosa...

- Sou responsável pela minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

* * * * *

Foi então que apareceu a raposa.
C'est alors qu'apparut le renard.

- Olá, bom dia! - disse a raposa.
– *Bonjour, dit le renard.*

- Olá, bom dia! - respondeu delicadamente o príncipezinho que se voltou mas não viu ninguém.
– *Bonjour, répondit poliment le petit prince, qui se retourna mais ne vit rien.*

- Estou aqui- disse a voz - debaixo da macieira.
– *Je suis là, dit la voix, sous le pommier.*

- Quem és tu? - perguntou o príncipezinho.
– *Qui es-tu ? dit le petit prince.*

És bem bonita...
Tu es bien joli...

Sou uma raposa- disse a raposa.
– *Je suis un renard, dit le renard.*

- Anda brincar comigo - pediu-lhe o príncipezinho.
– *Viens jouer avec moi, lui proposa le petit prince.*

Estou tão triste...
Je suis tellement triste...

- Não posso ir brincar contigo - disse a raposa.
– *Je ne puis pas jouer avec toi, dit le renard.*

Não estou presa...
Je ne suis pas apprivoisé.

- Ah! Então, desculpa! - disse o príncipezinho.

– *Ah ! pardon, fit le petit prince.*

Mas pôs-se a pensar, a pensar, e acabou por perguntar:

Mais, après réflexion, il ajoute :

- O que é que "estar preso" quer dizer?

– *Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?*

- Vê-se logo que não és de cá - disse a raposa.

– *Tu n'es pas d'ici, dit le renard,*

De que é que tu andas à procura?

que cherches-tu ?

- Ando à procura dos homens - disse o príncipezinho.

– *Je cherche les hommes, dit le petit prince.*

O que é que "estar preso" quer dizer?

Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

- Os homens têm espingardas e passam o tempo a caçar - disse a raposa.

– *Les hommes, dit le renard, ils ont des fusils et ils chassent.*

É uma grande maçada!

C'est bien gênant !

E também fazem criação de galinhas!

Ils élèvent aussi des poules.

Aliás, na minha opinião, é a única coisa interessante que eles têm.

C'est leur seul intérêt.

Andas à procura de galinhas?

Tu cherches des poules ?

- Não - disse o príncipezinho.
– *Non, dit le petit prince.*

Ando à procura de amigos.
Je cherche des amis.

O que é que "estar preso" quer dizer?
Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

- É uma coisa que toda a gente se esqueceu – disse a raposa.
– *C'est une chose trop oubliée, dit le renard.*

Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.
Ça signifie « créer des liens... »

- Laços?
– *Créer des liens ?*

- Sim, laços - disse a raposa.
– *Bien sûr, dit le renard.*

Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos.
Tu n'es encore pour moi qu'un petit garçon tout semblable à cent mille petits garçons.

E eu não preciso de ti.
Et je n'ai pas besoin de toi.

E tu também não precisas de mim.
Et tu n'as pas besoin de moi non plus.

Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas.
Je ne suis pour toi qu'un renard semblable à cent mille renards.

Mas, se tu me prenderes a ti, passamos a precisar um do outro.
Mais, si tu m'apprivoises, nous aurons besoin l'un de l'autre.

Passas a ser único no mundo para mim.

Tu seras pour moi unique au monde.

E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...

Je serai pour toi unique au monde...

- Parece-me que estou a começar a perceber - disse o príncipezinho.

– *Je commence à comprendre, dit le petit prince.*

Sabes, há uma certa flor...

Il y a une fleur...

Tenho a impressão que estou preso a ela...

je crois qu'elle m'a apprivoisé...

- É bem possível - disse a raposa.

– *C'est possible, dit le renard.*

Vê-se cada coisa cá na Terra...

On voit sur la Terre toutes sortes de choses...

- Mas não é da Terra! - disse o príncipezinho.

– *Oh ! ce n'est pas sur la Terre, dit le petit prince.*

A raposa pareceu ficar muito intrigada.

Le renard parut très intrigué :

- Então, é noutro planeta?

– *Sur une autre planète ?*

- É.

– *Oui.*

- E nesse tal planeta há caçadores?

– *Il y a des chasseurs, sur cette planète-là ?*

-Não.

– *Non.*

- Começo a achar-lhe alguma graça... E galinhas?

– *Ça, c'est intéressant ! Et des poules ?*

- Não.

– *Non.*

- Não há bela sem senão... - disse a raposa.

– *Rien n'est parfait, soupira le renard.*

Mas a raposa voltou a insistir na sua ideia:

Mais le renard revint à son idée :

- Tenho uma vida terrivelmente monótona.

– *Ma vie est monotone.*

Eu, caço galinhas e os homens, caçam-me a mim.

Je chasse les poules, les hommes me chassent.

As galinhas são todas iguais umas às outras e os homens são todos iguais uns aos outros.

Toutes les poules se ressemblent, et tous les hommes se ressemblent.

Por isso, às vezes, aborreço-me um bocado.

Je m'ennuie donc un peu.

Mas se tu me prenderes a ti, a minha vida fica cheia de Sol.

Mais, si tu m'apprivoises, ma vie sera comme ensoleillée.

Fico a conhecer uns passos diferentes de todos os outros passos.

Je connaîtrai un bruit de pas qui sera différent de tous les autres.

Os outros passos fazem-me fugir para debaixo da terra.

Les autres pas me font rentrer sous terre.

Os teus hã-de chamar-me para fora da toca, como uma música.

Le tien m'appellera hors du terrier, comme une musique.

E depois olha!
Et puis regarde !

Estás a ver, ali adiante, aqueles campos de trigo?
Tu vois, là-bas, les champs de blé ?

Eu não como pão e, por isso, o trigo não me serve para nada.
Je ne mange pas de pain. Le blé pour moi est inutile.

Os campos de trigo não me fazem lembrar de nada.
Les champs de blé ne me rappellent rien.

E é uma triste coisa!
Et ça, c'est triste !

Mas os teus cabelos são da cor do ouro.
Mais tu as des cheveux couleur d'or.

Então, quando eu estiver presa a ti vai ser maravilhoso!
Alors ce sera merveilleux quand tu m'auras apprivoisé !

Como o trigo é dourado, há-de fazer-me lembrar de ti.
Le blé, qui est doré, me fera souvenir de toi.

E hei-de gostar do barulho do vento a bater no trigo...
Et j'aimerai le bruit du vent dans le blé...

A raposa calou-se e ficou a olhar durante muito tempo para o príncipezinho.

Le renard se tut et regarda longtemps le petit prince :

- Por favor... Prende-me a ti! - acabou finalmente por dizer.

– *S'il te plaît... apprivoise-moi ! dit-il.*

- Eu bem gostava - respondeu o príncipezinho - mas não tenho muito tempo.

– *Je veux bien, répondit le petit prince, mais je n'ai pas beaucoup de temps.*

Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...

J'ai des amis à découvrir et beaucoup de choses à connaître.

- Só conhecemos as coisas que prendemos a nós – disse a raposa.

– *On ne connaît que les choses que l'on apprivoise, dit le renard.*

Os homens, agora, já não têm tempo para conhecer nada.

Les hommes n'ont plus le temps de rien connaître.

Compram as coisas já feitas nos vendedores.

Ils achètent des choses toutes faites chez les marchands.

Mas como não há vendedores de amigos, os homens já não têm amigos.

Mais comme il n'existe point de marchands d'amis, les hommes n'ont plus d'amis.

Se queres um amigo, prende-me a ti!

Si tu veux un ami, apprivoise-moi !

- E o que é que é preciso fazer? – perguntou o príncipezinho.

– *Que faut-il faire ? dit le petit prince.*

- É preciso ter muita paciência.

– *Il faut être très patient, répondit le renard.*

Primeiro, sentas-te um bocadinho afastado de mim, assim, em cima da relva.

Tu t'assoiras d'abord un peu loin de moi, comme ça, dans l'herbe.

Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada.

Je te regarderai du coin de l'œil et tu ne diras rien.

A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.

Le langage est source de malentendus.

Mas todos os dias te podes sentar um bocadinho mais perto...

Mais, chaque jour, tu pourras t'asseoir un peu plus près...

O principezinho voltou no dia seguinte.

Le lendemain revint le petit prince.

- Era melhor teres vindo à mesma hora - disse a raposa.

– *Il eût mieux valu revenir à la même heure, dit le renard.*

Se vieres, por exemplo, às quatro horas, às três, já eu começo a ser feliz.

Si tu viens, par exemple, à quatre heures de l'après-midi, dès trois heures je commencerai d'être heureux.

E quanto mais perto for da hora, mais feliz me sentirei.

Plus l'heure avancera, plus je me sentirai heureux.

Às quatro em ponto já hei-de estar toda agitada e inquieta:

À quatre heures, déjà, je m'agiterai et m'inquiéterai ;

é o preço da felicidade!

je découvrirai le prix du bonheur !

Mas se chegares a uma hora qualquer, eu nunca saberei a que horas é que hei-de começar a arranjar o meu coração, a vesti-lo, a pô-lo bonito...

Mais si tu viens n'importe quand, je ne saurai jamais à quelle heure m'habiller le cœur...

São precisos rituais.

Il faut des rites.

- O que é um ritual? - perguntou o principezinho.

– *Qu'est-ce qu'un rite ? dit le petit prince.*

- Também é uma coisa de que toda a gente se esqueceu - respondeu a raposa.

– *C'est aussi quelque chose de trop oublié, dit le renard.*

É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias e uma hora, diferente das outras horas.

C'est ce qui fait qu'un jour est différent des autres jours, une heure, des autres heures.

Os meus caçadores, por exemplo, têm um ritual.

Il y a un rite, par exemple, chez mes chasseurs.

À quinta-feira, vão ao baile com as raparigas da aldeia.

Ils dansent le jeudi avec les filles du village.

Assim, a quinta-feira é um dia maravilhoso.

Alors le jeudi est jour merveilleux !

Eu posso ir passear para as vinhas.

Je vais me promener jusqu'à la vigne.

Se os caçadores fossem ao baile num dia qualquer, os dias eram todos iguais uns aos outros e eu nunca tinha férias.

Si les chasseurs dansaient n'importe quand, les jours se ressembleraient tous, et je n'aurais point de vacances.

Foi assim que o príncipezinho prendeu a si a raposa.

Ainsi le petit prince apprivoisa le renard.

E quando chegou a hora da despedida:

Et quand l'heure du départ fut proche :

- Ai! - exclamou a raposa – Ai que me vou pôr a chorar...

– Ah ! dit le renard... Je pleurerai.

- A culpa é tua - disse o príncipezinho. Eu bem não queria que te acontecesse mal nenhum, mas tu quiseste que eu te prendesse a mim...

– C'est ta faute, dit le petit prince, je ne te souhaitais point de mal, mais tu as voulu que je t'apprivoise...

- Pois quis - disse a raposa.

– Bien sûr, dit le renard.

- Mas agora vais-te pôr a chorar! - disse o príncipezinho.

– Mais tu vas pleurer ! dit le petit prince.

- Pois vou – disse a raposa.

– *Bien sûr, dit le renard.*

- Então não ganhaste nada com isso!

– *Alors tu n’y gagnes rien !*

- Ai isso é que ganhei! – disse a raposa. – Por causa da cor do trigo...

– *J’y gagne, dit le renard, à cause de la couleur du blé.*

Depois acrescentou:

Puis il ajouta :

- Anda, vai ver outra vez as rosas.

– *Va revoir les roses.*

Vais perceber que a tua é única no mundo.

Tu comprendras que la tienne est unique au monde.

Quando vieres ter comigo, dou-te um presente de despedida: conto-te um segredo.

Tu reviendras me dire adieu, et je te ferai cadeau d’un secret.

O principezinho lá foi ver as rosas outra vez.

Le petit prince s’en fut revoir les roses.

- Vocês não são nada parecidas com a minha rosa! Vocês ainda não são nada - disse-lhes ele.

– *Vous n’êtes pas du tout semblables à ma rose, vous n’êtes rien encore, leur dit-il.*

Não há ninguém preso a vocês e vocês não estão presas a ninguém.

Personne ne vous a apprivoisées et vous n’avez apprivoisé personne.

Vocês são como a minha raposa era.

Vous êtes comme était mon renard.

Era uma raposa perfeitamente igual às outras cem mil raposas.
Ce n'était qu'un renard semblable à cent mille autres.

Mas eu tornei-a minha amiga e, agora ela é única no mundo.
Mais j'en ai fait mon ami, et il est maintenant unique au monde.

E as rosas ficaram bastante incomodadas.
Et les roses étaient bien gênées.

- Vocês são bonitas, mas vazias - ainda lhes disse o príncipezinho. –
– *Vous êtes belles, mais vous êtes vides, leur dit-il encore.*

Não se pode morrer por vocês.
On ne peut pas mourir pour vous.

Claro que, para um transeunte qualquer, a minha rosa é perfeitamente igual a vocês.
Bien sûr, ma rose à moi, un passant ordinaire croirait qu'elle vous ressemble.

Mas, sozinha, vale mais do que vocês todas juntas, porque foi a ela que eu reguei.
Mais à elle seule elle est plus importante que vous toutes, puisque c'est elle que j'ai arrosée.

Porque foi a ela que eu pus debaixo de uma redoma.
Puisque c'est elle que j'ai mise sous globe.

Porque foi a ela que eu abriguei com o biombo.
Puisque c'est elle que j'ai abritée par le paravent.

Porque foi a ela que eu matei as lagartas (menos duas ou três, por causa das borboletas).
Puisque c'est elle dont j'ai tué les chenilles (sauf les deux ou trois pour les papillons).

Porque foi a ela que eu ouvi queixar-se, gabar-se e até, às vezes, calar-se.
Puisque c'est elle que j'ai écoutée se plaindre, ou se vanter, ou même quelquefois se taire.

Porque ela é a minha rosa.
Puisque c'est ma rose.

E então voltou para o pé da raposa e disse:
Et il revint vers le renard :

- Adeus...
– *Adieu, dit-il...*

- Adeus - disse a raposa. - Vou-te contar o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos...

– *Adieu, dit le renard. Voici mon secret. Il est très simple : on ne voit bien qu'avec le cœur. L'essentiel est invisible pour les yeux.*

- O essencial é invisível para os olhos – repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

– *L'essentiel est invisible pour les yeux, répéta le petit prince, afin de se souvenir.*

- Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

– *C'est le temps que tu as perdu pour ta rose qui fait ta rose si importante.*

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

– *C'est le temps que j'ai perdu pour ma rose... fit le petit prince, afin de se souvenir.*

- Os homens já se esqueceram desta verdade - disse a raposa.

– *Les hommes ont oublié cette vérité, dit le renard.*

Mas tu não te deves esquecer dela.

Mais tu ne dois pas l'oublier.

Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que está preso a ti.

Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé.

Tu és responsável pela tua rosa...

Tu es responsable de ta rose...

- Sou responsável pela minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

– Je suis responsable de ma rose... répéta le petit prince, afin de se souvenir.

CAPÍTULO 22 – CHAPITRE 22

- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

- Olá, bom dia! - disse o agulheiro.

- O que é que estás aqui a fazer? - perguntou o principezinho.

- Faço pacotes de passageiros. Cada pacote leva mil - disse o agulheiro. - Faço a expedição dos comboios que os transportam, umas vezes para a direita, outras vezes, para a esquerda...

E um rápido todo iluminado, a rugir como um trovão, fez estremecer a cabina do agulheiro.

- A pressa com que eles vão! - exclamou o principezinho.

- De que é que eles andam à procura?

- Nem o próprio maquinista sabe - disse o agulheiro.

E, em sentido inverso, passou outro rápido, a rugir.

- Já estão de volta? - perguntou o principezinho.

- Não são os mesmos - respondeu o agulheiro. - É uma troca.

- Mas eles não estavam bem lá onde estavam?

- Nunca se está bem onde se está – disse o agulheiro.

E rugiu o trovão de outro rápido iluminado.

- Estes andam atrás dos outros? - perguntou o príncipezinho.

- Não, não andam atrás de nada - disse o agulheiro. - Vão lá dentro a dormir e a abrir a boca. Só as crianças é que vão de nariz esborrachado contra os vidros...

- Só as crianças é que sabem do que andam à procura - disse o príncipezinho. - São capazes de perder tempo com uma boneca de trapos que, por isso, passa a ser muito importante para elas. Se alguém lha tira, desatam a chorar...

- Que sorte que as crianças têm! - disse o agulheiro.

* * * * *

- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

– *Bonjour, dit le petit prince.*

- Olá, bom dia! - disse o agulheiro.

– *Bonjour, dit l'aiguilleur.*

- O que é que estás aqui a fazer? - perguntou o principezinho.

– *Que fais-tu ici ? dit le petit prince.*

- Faço pacotes de passageiros. Cada pacote leva mil - disse o agulheiro.

– *Je trie les voyageurs, par paquets de mille, dit l'aiguilleur.*

Faço a expedição dos comboios que os transportam, umas vezes para a direita, outras vezes, para a esquerda...

J'expédie les trains qui les emportent, tantôt vers la droite, tantôt vers la gauche.

E um rápido todo iluminado, a rugir como um trovão, fez estremecer a cabina do agulheiro.

Et un rapide illuminé, grondant comme le tonnerre, fit trembler la cabine d'aiguillage.

- A pressa com que eles vão! - exclamou o principezinho.

– *Ils sont bien pressés, dit le petit prince.*

De que é que eles andam à procura?

Que cherchent-ils ?

- Nem o próprio maquinista sabe - disse o agulheiro.

– *L'homme de la locomotive l'ignore lui-même, dit l'aiguilleur.*

E, em sentido inverso, passou outro rápido, a rugir.

Et gronda, en sens inverse, un second rapide illuminé.

- Já estão de volta? - perguntou o principezinho.

– *Ils reviennent déjà ? demanda le petit prince...*

- Não são os mesmos - respondeu o agulheiro. - É uma troca.
– *Ce ne sont pas les mêmes, dit l'aiguilleur. C'est un échange.*

- Mas eles não estavam bem lá onde estavam?
– *Ils n'étaient pas contents, là où ils étaient ?*

- Nunca se está bem onde se está – disse o agulheiro.
– *On n'est jamais content là où l'on est, dit l'aiguilleur.*

E rugiu o trovão de outro rápido iluminado.
Et gronda le tonnerre d'un troisième rapide illuminé.

- Estes andam atrás dos outros? - perguntou o príncipezinho.
– *Ils poursuivent les premiers voyageurs? demanda le petit prince.*

- Não, não andam atrás de nada - disse o agulheiro.
– *Ils ne poursuivent rien du tout, dit l'aiguilleur.*

Vão lá dentro a dormir e a abrir a boca.
Ils dorment là-dedans, ou bien ils bâillent.

Só as crianças é que vão de nariz esborrachado contra os vidros...
Les enfants seuls écrasent leur nez contre les vitres.

- Só as crianças é que sabem do que andam à procura - disse o príncipezinho.
– *Les enfants seuls savent ce qu'ils cherchent, fit le petit prince.*

São capazes de perder tempo com uma boneca de trapos que, por isso, passa a ser muito importante para elas. Se alguém lha tira, desatam a chorar...

Ils perdent du temps pour une poupée de chiffons, et elle devient très importante, et si on la leur enlève, ils pleurent...

- Que sorte que as crianças têm! - disse o agulheiro.
– *Ils ont de la chance, dit l'aiguilleur.*

CAPÍTULO 23 – CHAPITRE 23

- Olá, bom dia! - disse o principezinho.

- Olá, bom dia! - disse o vendedor.

Era um vendedor de comprimidos para tirar a sede. Toma-se um por semana e deixa-se de ter necessidade de beber.

- Porque é que andas a vender isso? - perguntou o principezinho.

- Porque é uma grande economia de tempo - respondeu o vendedor.
- Os cálculos foram-feitos por peritos. Pouparam-se cinquenta e três minutos por semana.

- E o que é que se faz com esses cinquenta e três minutos?

- Faz-se o que se quiser...

“Eu”, pensou o principezinho, “eu cá se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, punha-me era a andar muito de mansinho à procura de uma fonte...”



* * * * *

- Olá, bom dia! - disse o príncipezinho.

– *Bonjour, dit le petit prince.*

- Olá, bom dia! - disse o vendedor.

– *Bonjour, dit le marchand.*

Era um vendedor de comprimidos para tirar a sede.

C’était un marchand de pilules perfectionnées qui apaisent la soif.

Toma-se um por semana e deixa-se de ter necessidade de beber.

On en avale une par semaine et l’on n’éprouve plus le besoin de boire.

- Porque é que andas a vender isso? - perguntou o príncipezinho.

– *Pourquoi vends-tu ça ? dit le petit prince.*

- Porque é uma grande economia de tempo - respondeu o vendedor.

– *C’est une grosse économie de temps, dit le marchand.*

Os cálculos foram-feitos por peritos.

Les experts ont fait des calculs.

Poupam-se cinquenta e três minutos por semana.

On épargne cinquante-trois minutes par semaine.

- E o que é que se faz com essas cinquenta e três minutos?

– *Et que fait-on de ces cinquante-trois minutes ?*

- Faz-se o que se quiser...

– *On en fait ce que l’on veut...*

“Eu”, pensou o príncipezinho, “eu cá se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, punha-me era a andar muito de mansinho à procura de uma fonte...”

« *Moi, se dit le petit prince, si j’avais cinquante-trois minutes à dépenser, je marcherais tout doucement vers une fontaine... »*

CAPÍTULO 24 – CHAPITRE 24

Íamos no oitavo dia da minha avaria no deserto e, enquanto o principezinho me contava a história do vendedor, eu tinha bebido a última gota da minha provisão de água.

- Ah! - disse eu para o principezinho. - É bem bonito, isso que tu me contas! Mas eu é que ainda não consertei o meu avião e já não tenho nada que beber! Olha que eu é que havia de ficar bem contente se me pudesse pôr a andar muito de mansinho à procura de uma fonte!

- A minha amiga raposa... - começou ele.

- Ó meu rico menino, agora já não se trata de raposas, nem de meias raposas...

- Porquê?

- Porque vamos morrer de sede...

Não percebeu o meu raciocínio e respondeu:

- É bom ter um amigo, mesmo quando se está para morrer. Eu cá estou bem contente por ter tido uma amiga raposa...

"Não tem a noção do perigo", pensei eu. "Nunca tem fome nem sede. Basta-lhe um bocadinho de Sol... "

Mas o principezinho olhou para mim e respondeu aos meus pensamentos:

- Também eu tenho sede... Vamos à procura de um poço...

Fiz um gesto de impotência: é perfeitamente absurdo uma pessoa pôr-se assim, às cegas, à procura de um poço na imensidão do deserto. - Mas lá nos pusemos em marcha.

Depois de termos caminhado horas e horas em silêncio, fez-se de noite e as estrelas começaram a brilhar. Via-as como em sonhos porque estava com uma ponta de febre por causa da sede.

As palavras do príncipezinho bailavam-me na memória.

- Então tu também tens sede? - perguntei eu.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse simplesmente:

- A água também pode ser boa para o coração...

Não percebi a resposta dele, mas calei-me... Já sabia que não valia a pena desatar a fazer-lhe mais perguntas.

O príncipezinho estava cansado. Sentou-se. Eu sentei-me ao seu lado. Primeiro, ficou uma data de tempo calado, mas depois disse:

- As estrelas são bonitas por causa de uma flor que não se vê...

Eu respondi "Claro!" e pus-me a observar, calado, as pregas da areia ao luar.

- O deserto é bonito - disse o príncipezinho.

E era verdade. Sempre gostei do deserto. Uma pessoa senta-se numa duna. Não vê nada. Não ouve nada. E, no entanto, há qualquer coisa a brilhar em silêncio.

- O que torna o deserto bonito - disse o príncipezinho – é haver um poço escondido em qualquer parte...

De repente, e para grande espanto meu, percebi o que era aquele brilho misterioso da areia. Quando era pequeno, vivia numa casa antiga e dizia-se que havia um tesouro lá escondido. Claro que nunca ninguém o conseguiu descobrir e talvez nunca ninguém se tivesse sequer dado ao trabalho de o procurar. Mas o facto é que ele encantava a casa toda. A minha casa tinha um segredo escondido no fundo do coração...

- Tens razão - disse eu para o príncipezinho. - Casas, estrelas ou desertos, é tudo a mesma coisa: o que lhes dá beleza nunca se vê!

- Fico bem contente por teres a mesma opinião que a minha raposa...

Ao ver que o príncipezinho estava cheio de sono, peguei-lhe ao colo e voltei a deitar-me ao caminho. Sentia-me comovido. Parecia-me que levava ao colo um tesouro muito frágil. Parecia-me mesmo que não havia nada mais frágil à face da Terra. Contemplava, à luz do luar, aquele rostinho pálido, aqueles olhos fechados, aquelas mechas de cabelo a tremer ao vento e pensava:

“O que eu estou a ver não é senão uma casca. O mais importante é invisível...”

Ao ver desenhar-se-lhe nos lábios entreabertos um vago sorriso, ainda pensei: "O que me comove tanto neste príncipezinho adormecido é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que, mesmo a dormir, brilha dentro dele como a chama de uma vela." E ele pareceu-me ainda mais frágil. Porque, às velas, é preciso protegê-las: mal lhes dá o vento, apagam-se.

E, sempre assim a andar, acabei por descobrir o poço ao nascer do dia.

* * * * *

Íamos no oitavo dia da minha avaria no deserto e, enquanto o principezinho me contava a história do vendedor, eu tinha bebido a última gota da minha provisão de água.

Nous en étions au huitième jour de ma panne dans le désert, et j'avais écouté l'histoire du marchand en buvant la dernière goutte de ma provision d'eau :

- Ah! - disse eu para o principezinho. É bem bonito, isso que tu me contas!

– Ah ! dis-je au petit prince, ils sont bien jolis, tes souvenirs,

Mas eu é que ainda não consertei o meu avião e já não tenho nada que beber!

mais je n'ai pas encore réparé mon avion, je n'ai plus rien à boire,

Olha que eu é que havia de ficar bem contente se me pudesse pôr a andar muito de mansinho à procura de uma fonte!

et je serais heureux, moi aussi, si je pouvais marcher tout doucement vers une fontaine !

- A minha amiga raposa... - começou ele.

– Mon ami le renard, me dit-il...

- Ó meu rico menino, agora já não se trata de raposas, nem de meias raposas...

– Mon petit bonhomme, il ne s'agit plus du renard !

- Porquê?

– Pourquoi ?

- Porque vamos morrer de sede...

– Parce qu'on va mourir de soif...

Não percebeu o meu raciocínio e respondeu:

Il ne comprit pas mon raisonnement, il me répondit :

- É bom ter um amigo, mesmo quando se está para morrer.
– *C'est bien d'avoir eu un ami, même si l'on va mourir.*

Eu cá estou bem contente por ter tido uma amiga raposa...
Moi, je suis bien content d'avoir eu un ami renard...

"Não tem a noção do perigo", pensei eu.
« *Il ne mesure pas le danger, me dis-je.*

"Nunca tem fome nem sede.
Il n'a jamais ni faim ni soif.

Basta-lhe um bocadinho de Sol... "
Un peu de soleil lui suffit... »

Mas o principezinho olhou para mim e respondeu aos meus pensamentos:

Mais il me regarda et répondit à ma pensée :

- Também eu tenho sede... Vamos à procura de um poço...
– *J'ai soif aussi... cherchons un puits...*

Fiz um gesto de impotência: é perfeitamente absurdo uma pessoa pôr-se assim, às cegas, à procura de um poço na imensidão do deserto.

J'eus un geste de lassitude : il est absurde de chercher un puits, au hasard, dans l'immensité du désert.

Mas lá nos pusemos em marcha.
Cependant nous nous mêmes en marche.

Depois de termos caminhado horas e horas em silêncio, fez-se de noite e as estrelas começaram a brilhar.

Quand nous eûmes marché, des heures, en silence, la nuit tomba, et les étoiles commencèrent de s'éclairer.

Via-as como em sonhos porque estava com uma ponta de febre por causa da sede.

Je les apercevais comme en rêve, ayant un peu de fièvre, à cause de ma soif.

As palavras do principezinho bailavam-me na memória.

Les mots du petit prince dansaient dans ma mémoire :

- Então tu também tens sede? - perguntei eu.

– Tu as donc soif, toi aussi ? lui demandai-je.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse simplesmente:

Mais il ne répondit pas à ma question. Il me dit simplement :

- A água também pode ser boa para o coração...

– L'eau peut aussi être bonne pour le cœur...

Não percebi a resposta dele, mas calei-me...

Je ne compris pas sa réponse mais je me tus...

Já sabia que não valia a pena desatar a fazer-lhe mais perguntas.

Je savais bien qu'il ne fallait pas l'interroger.

O principezinho estava cansado.

Il était fatigué.

Sentou-se. Eu sentei-me ao seu lado.

Il s'assit. Je m'assis auprès de lui.

Primeiro, ficou uma data de tempo calado, mas depois disse:

Et, après un silence, il dit encore :

- As estrelas são bonitas por causa de uma flor que não se vê...

– Les étoiles sont belles, à cause d'une fleur que l'on ne voit pas...

Eu respondi "Claro!" e pus-me a observar, calado, as pregas da areia ao luar.

Je répondis « bien sûr » et je regardai, sans parler, les plis du sable sous la lune.

- O deserto é bonito - disse o príncipezinho.

– *Le désert est beau, ajouta-t-il...*

E era verdade. Sempre gostei do deserto.

Et c'était vrai. J'ai toujours aimé le désert.

Uma pessoa senta-se numa duna.

On s'assoit sur une dune de sable.

Não vê nada. Não ouve nada.

On ne voit rien. On n'entend rien.

E, no entanto, há qualquer coisa a brilhar em silêncio.

Et cependant quelque chose rayonne en silence...

- O que torna o deserto bonito - disse o príncipezinho – é haver um poço escondido em qualquer parte...

– *Ce qui embellit le désert, dit le petit prince, c'est qu'il cache un puits quelque part...*

De repente, e para grande espanto meu, percebi o que era aquele brilho misterioso da areia.

Je fus surpris de comprendre soudain ce mystérieux rayonnement du sable.

Quando era pequeno, vivia numa casa antiga e dizia-se que havia um tesouro lá escondido.

Lorsque j'étais petit garçon j'habitais une maison ancienne, et la légende racontait qu'un trésor y était enfoui.

Claro que nunca ninguém o conseguiu descobrir e talvez nunca ninguém se tivesse sequer dado ao trabalho de o procurar.

Bien sûr, jamais personne n'a su le découvrir, ni peut-être même ne l'a cherché.

Mas o facto é que ele encantava a casa toda.

Mais il enchantait toute cette maison.

A minha casa tinha um segredo escondido no fundo do coração...

Ma maison cachait un secret au fond de son cœur...

- Tens razão - disse eu para o principezinho. - Casas, estrelas ou desertos, é tudo a mesma coisa: o que lhes dá beleza nunca se vê!

– Oui, dis-je au petit prince, qu'il s'agisse de la maison, des étoiles ou du désert, ce qui fait leur beauté est invisible !

- Fico bem contente por teres a mesma opinião que a minha raposa...

– Je suis content, dit-il, que tu sois d'accord avec mon renard.

Ao ver que o principezinho estava cheio de sono, peguei-lhe ao colo e voltei a deitar-me ao caminho.

Comme le petit prince s'endormait, je le pris dans mes bras, et me remis en route.

Sentia-me comovido.

J'étais ému.

Parecia-me que levava ao colo um tesouro muito frágil.

Il me semblait porter un trésor fragile.

Parecia-me mesmo que não havia nada mais frágil à face da Terra.

Il me semblait même qu'il n'y eût rien de plus fragile sur la Terre.

Contemplava, à luz do luar, aquele rostinho pálido, aqueles olhos fechados, aquelas mechas de cabelo a tremer ao vento e pensava:

Je regardais, à la lumière de la lune, ce front pâle, ces yeux clos, ces mèches de cheveux qui tremblaient au vent, et je me disais :

“O que eu estou a ver não é senão uma casca. O mais importante é invisível...”

« *Ce que je vois là n'est qu'une écorce. Le plus important est invisible... »*

Ao ver desenhar-se-lhe nos lábios entreabertos um vago sorriso, ainda pensei:

Comme ses lèvres entr'ouvertes ébauchaient un demi-sourire je me dis encore :

"O que me comove tanto neste príncipezinho adormecido é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que, mesmo a dormir, brilha dentro dele como a chama de uma vela."

« *Ce qui m'émeut si fort de ce petit prince endormi, c'est sa fidélité pour une fleur, c'est l'image d'une rose qui rayonne en lui comme la flamme d'une lampe, même quand il dort... »*

E ele pareceu-me ainda mais frágil.

Et je le devinai plus fragile encore.

Porque, às velas, é preciso protegê-las: mal lhes dá o vento, apagam-se.

Il faut bien protéger les lampes : un coup de vent peut les éteindre...

E, sempre assim a andar, acabei por descobrir o poço ao nascer do dia.

Et, marchant ainsi, je découvris le puits au lever du jour.

CAPÍTULO 25 – CHAPITRE 25

- Os homens - disse o principezinho - bem se encafuam dentro dos comboios, mas já não sabem do que andam à procura. Portanto, não fazem senão andar à roda...

E ainda comentou:

- É que não vale mesmo a pena!

O poço onde nós chegámos não parecia nada um poço saariano. Os poços saarianos são simples buracos cavados na areia. Aquele era um poço de aldeia. Mas não havia ali aldeia nenhuma, tudo aquilo só me parecia um sonho.

- Que estranho! - disse eu para o principezinho. Está tudo tão bem preparado! A roldana, o balde, a corda...

Riu, pegou na corda e fez girar a roldana. E a roldana gemeu como geme um velho catavento depois de um longo sono do vento.

- Estás a ouvir? - perguntou o principezinho. - Acordámos o poço e ele pôs-se a cantar...

Eu não queria que ele fizesse esforços.

- Deixa cá ver isso - disse-lhe eu. - É pesado demais para ti.

Icei lentamente o balde até à borda. Poisei-o em cima dela, bem direitinho. Nos meus ouvidos ainda cantava o canto da roldana e, na água, ainda a tremer, eu via tremer o Sol.



- Tenho sede desta água - disse o principezinho. - Dá-me de beber...

E então percebi do que é que ele tinha andado à procura.

Levei-lhe o balde à boca e ele bebeu, de olhos fechados. Tão boa! Aquela água era muito mais do que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços. Era boa para o coração, como uma prenda. Como quando eu era pequeno eram as luzes da árvore de Natal, a música da Missa do Galo e a mansidão dos sorrisos que davam o brilho todo à prenda de Natal que eu recebia.

- Os homens da tua terra - disse o principezinho - plantam cinco mil rosas no mesmo jardim... E, mesmo assim, não descobrem aquilo de que andam à procura...

- Pois não descobrem... - respondi eu.

- Mas podiam descobrir aquilo de que andam à procura numa única rosa ou num único gole de água.

- Pois era - respondi eu.

E o príncipezinho acrescentou:

- Mas os olhos são cegos. Deve-se é procurar com o coração.

Eu também bebera. Sentia-me bem a respirar. Ao nascer do dia a areia é da cor do mel. Também essa cor de mel me fazia feliz. Porque é que havia de sofrer...

- Não te esqueças da tua promessa! - disse-me mansamente o príncipezinho, que se viera sentar outra vez ao pé de mim.

- Qual promessa?

- Não te lembras? A do açaimo para a minha ovelha... É que eu sou responsável por aquela flor!

Tirei os meus esboços da algibeira. O príncipezinho olhou para eles e disse, a rir:

- Olha que os teus embondeiros têm um certo ar de couves...

-Oh!

E eu que estava tão orgulhoso dos meus embondeiros!

- E a tua raposa... repara-me bem nestas orelhas... só parecem cornos... E depois são compridas demais...

E voltou a rir.

- Estás a ser injusto, ó rapazinho! Eu só sabia fazer jibóias fechadas e jibóias abertas!

- Também não tem importância nenhuma - disse ele. -As crianças sabem.

E eu lá me pus a garatujar um açaimo. Quando lho entreguei tinha um nó na garganta.

- Não me contas nada do que andas para aí a magicar...

Mas ele não respondeu. Apenas disse:

- Sabes, quando eu caí na Terra... Faz amanhã um ano...

Depois de um breve silêncio continuou:

- Caí muito perto daqui...

E corou.

Sem, saber porquê, senti de novo uma estranha tristeza. Mas lembrei-me de lhe perguntar:

- Então, quando eu te conheci, há oito dias, de manhã, não era por acaso que andavas assim a passear, sozinho, a mil e uma milhas de qualquer sítio habitado?! Andavas à procura do sítio onde caíste, não era?

O principezinho tornou a corar.

E embora não estivesse muito seguro do que ia dizer, ainda acrescentei:

- Se calhar, é por causa de já ter passado um ano...

O principezinho corou mais uma vez. Nunca dava resposta nenhuma, mas quando as pessoas coram é o mesmo que dizer que sim, não é?

- Ah! - disse-lhe eu. - Tenho medo...

Mas ele respondeu:

- Já é tempo de te voltares a deitar ao trabalho. Anda, vai lá ter com a tua máquina! Eu espero aqui por ti. Volta amanhã à tardinha.

Mas eu não consegui ficar descansado. Lembrava-me da raposa. Quando nos deixamos prender a alguém, arriscamo-nos a chorar de vez em quando...

* * * * *

- Os homens - disse o príncipezinho - bem se encafuam dentro dos comboios, mas já não sabem do que andam à procura.

– *Les hommes, dit le petit prince, ils s'enfourment dans les rapides, mais ils ne savent plus ce qu'ils cherchent.*

Portanto, não fazem senão andar à roda...

Alors ils s'agitent et tournent en rond...

E ainda comentou:

Et il ajouta :

- É que não vale mesmo a pena!

– *Ce n'est pas la peine...*

O poço onde nós chegámos não parecia nada um poço saariano.

Le puits que nous avons atteint ne ressemblait pas aux puits sahariens.

Os poços saarianos são simples buracos cavados na areia.

Les puits sahariens sont de simples trous creusés dans le sable.

Aquele era um poço de aldeia.

Celui-là ressemblait à un puits de village.

Mas não havia ali aldeia nenhuma, tudo aquilo só me parecia um sonho.

Mais il n'y avait là aucun village, et je croyais rêver.

- Que estranho! - disse eu para o príncipezinho. Está tudo tão bem preparado! A roldana, o balde, a corda...

– *C'est étrange, dis-je au petit prince, tout est prêt : la poulie, le seau et la corde...*

Riu, pegou na corda e fez girar a roldana.

Il rit, toucha la corde, fit jouer la poulie.

E a roldana gemeu como geme um velho catavento depois de um longo sono do vento.

Et la poulie gémit comme gémit une vieille girouette quand le vent a longtemps dormi.

- Estás a ouvir? - perguntou o príncipezinho. - Acordámos o poço e ele pôs-se a cantar...

– Tu entends, dit le petit prince, nous réveillons ce puits et il chante...

Eu não queria que ele fizesse esforços.

Je ne voulais pas qu’il fit un effort :

- Deixa cá ver isso - disse-lhe eu. - É pesado demais para ti.

– Laisse-moi faire, lui dis-je, c’est trop lourd pour toi.

Icei lentamente o balde até à borda.

Lentement je hissai le seau jusqu’à la margelle.

Poisei-o em cima dela, bem direitinho.

Je l’y installai bien d’aplomb.

Nos meus ouvidos ainda cantava o canto da roldana e, na água, ainda a tremer, eu via tremer o Sol.

Dans mes oreilles durait le chant de la poulie et, dans l’eau qui tremblait encore, je voyais trembler le soleil.

– Tenho sede desta água – disse o príncipezinho. - Dá-me de beber...

– J’ai soif de cette eau-là, dit le petit prince, donne-moi à boire...

E então percebi do que é que ele tinha andado à procura.

Et je compris ce qu’il avait cherché !

Levei-lhe o balde à boca e ele bebeu, de olhos fechados.

Je soulevai le seau jusqu’à ses lèvres. Il but, les yeux fermés.

Tão boa! Aquela água era muito mais do que um alimento.

C'était doux comme une fête. Cette eau était bien autre chose qu'un aliment.

Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços.

Elle était née de la marche sous les étoiles, du chant de la poulie, de l'effort de mes bras.

Era boa para o coração, como uma prenda.

Elle était bonne pour le cœur, comme un cadeau.

Como quando eu era pequeno eram as luzes da árvore de Natal, a música da Missa do Galo e a mansidão dos sorrisos que davam o brilho todo à prenda de Natal que eu recebia.

Lorsque j'étais petit garçon, la lumière de l'arbre de Noël, la musique de la messe de minuit, la douceur des sourires faisaient ainsi tout le rayonnement du cadeau de Noël que je recevais.

- Os homens da tua terra - disse o principezinho - plantam cinco mil rosas no mesmo jardim...

– Les hommes de chez toi, dit le petit prince, cultivent cinq mille roses dans un même jardin...

E, mesmo assim, não descobrem aquilo de que andam à procura...

et ils n'y trouvent pas ce qu'ils cherchent...

- Pois não descobrem... - respondi eu.

– Ils ne le trouvent pas, répondis-je...

- Mas podiam descobrir aquilo de que andam à procura numa única rosa ou num único gole de água.

– Et cependant ce qu'ils cherchent pourrait être trouvé dans une seule rose ou un peu d'eau...

- Pois era - respondi eu.

– Bien sûr, répondis-je.

E o príncipezinho acrescentou:

Et le petit prince ajoute :

- Mas os olhos são cegos. Deve-se é procurar com o coração.

– *Mais les yeux sont aveugles. Il faut chercher avec le cœur.*

Eu também beberei. Sentia-me bem a respirar.

J'avais bu. Je respirais bien.

Ao nascer do dia a areia é da cor do mel.

Le sable, au lever du jour, est couleur de miel.

Também essa cor de mel me fazia feliz.

J'étais heureux aussi de cette couleur de miel.

Porque é que havia de sofrer...

Pourquoi fallait-il que j'eusse de la peine...

- Não te esqueças da tua promessa! - disse-me mansamente o príncipezinho, que se viera sentar outra vez ao pé de mim.

– *Il faut que tu tiennes ta promesse, me dit doucement le petit prince, qui, de nouveau, s'était assis auprès de moi.*

- Qual promessa?

– *Quelle promesse ?*

- Não te lembras? A do açaimo para a minha ovelha... É que eu sou responsável por aquela flor!

– *Tu sais... une muselière pour mon mouton... je suis responsable de cette fleur !*

Tirei os meus esboços da algibeira.

Je sortis de ma poche mes ébauches de dessin.

O príncipezinho olhou para eles e disse, a rir:

Le petit prince les aperçut et dit en riant :

- Olha que os teus embondeiros têm um certo ar de couves...

– *Tes baobabs, ils ressemblent un peu à des choux...*

- Oh!

– *Oh !*

E eu que estava tão orgulhoso dos meus embondeiros!

Moi qui étais si fier des baobabs !

- E a tua raposa... repara-me bem nestas orelhas... só parecem cornos... E depois são compridas demais...

– *Ton renard... ses oreilles... elles ressemblent un peu à des cornes... et elles sont trop longues !*

E voltou a rir.

Et il rit encore.

- Estás a ser injusto, ó rapazinho! Eu só sabia fazer jibóias fechadas e jibóias abertas!

– *Tu es injuste, petit bonhomme, je ne savais rien dessiner que les boas fermés et les boas ouverts.*

- Também não tem importância nenhuma - disse ele. -As crianças sabem.

– *Oh ! ça ira, dit-il, les enfants savent.*

E eu lá me pus a garatujar um açaimo.

Je crayonnai donc une muselière.

Quando lho entreguei tinha um nó na garganta.

Et j'eus le cœur serré en la lui donnant :

- Não me contas nada do que andas para aí a magicar...

– *Tu as des projets que j'ignore...*

Mas ele não respondeu. Apenas disse:

Mais il ne me répondit pas. Il me dit :

- Sabes, quando eu caí na Terra... Faz amanhã um ano...
– *Tu sais, ma chute sur la Terre... c'en sera demain l'anniversaire...*

Depois de um breve silêncio continuou:
Puis, après un silence il dit encore :

- Caí muito perto daqui...
– *J'étais tombé tout près d'ici...*

E corou.
Et il rougit.

Sem, saber porquê, senti de novo uma estranha tristeza.
Et de nouveau, sans comprendre pourquoi, j'éprouvai un chagrin bizarre.

Mas lembrei-me de lhe perguntar:
Cependant une question me vint :

- Então, quando eu te conheci, há oito dias, de manhã, não era por acaso que andavas assim a passear, sozinho, a mil e uma milhas de qualquer sítio habitado?!
– *Alors ce n'est pas par hasard que, le matin où je t'ai connu, il y a huit jours, tu te promenais comme ça, tout seul, à mille milles de toutes les régions habitées !*

Andavas à procura do sítio onde caíste, não era?
Tu retournais vers le point de ta chute ?

O principezinho tornou a corar.
Le petit prince rougit encore.

E embora não estivesse muito seguro do que ia dizer, ainda acrescentei:
Et j'ajoutai, en hésitant :

- Se calhar, é por causa de já ter passado um ano...
– À cause, peut-être, de l'anniversaire ?...

O principezinho corou mais uma vez.
Le petit prince rougit de nouveau.

Nunca dava resposta nenhuma, mas quando as pessoas coram é o mesmo que dizer que sim, não é?

Il ne répondait jamais aux questions, mais, quand on rougit, ça signifie « oui », n'est-ce pas ?

- Ah! - disse-lhe eu. - Tenho medo...
– Ah ! lui dis-je, j'ai peur...

Mas ele respondeu:
Mais il me répondit :

- Já é tempo de te voltares a deitar ao trabalho.
– Tu dois maintenant travailler.

Anda, vai lá ter com a tua máquina!
Tu dois repartir vers ta machine.

Eu espero aqui por ti.
Je t'attends ici.

Volta amanhã à tardinha.
Reviens demain soir...

Mas eu não consegui ficar descansado.
Mais je n'étais pas rassuré.

Lembrava-me da raposa.
Je me souvenais du renard.

Quando nos deixamos prender a alguém, arriscamo-nos a chorar de vez em quando...

On risque de pleurer un peu si l'on s'est laissé apprivoiser...

CAPÍTULO 26 – CHAPITRE 26

Ao lado do poço, havia um velho muro em ruínas. No dia seguinte, à tardinha, ao voltar do trabalho, ainda vinha longe quando avistei o príncipezinho sentado lá em cima, com as pernas a baloiçar. E ouvi a voz dele:

- Então, não te lembras? Não é bem aqui...

Devia haver mais alguém, porque ele replicou:

- Sim! Sim! É hoje, de certeza! Mas não é bem aqui...

Continuei a caminhar em direcção às ruínas. Ainda não via nem ouvia ninguém. Mas o príncipezinho voltou a replicar:

-... Claro! Basta veres onde é que o rasto das minhas passadas começa e esperas por mim. Eu vou lá ter esta noite.

Eu encontrava-me a vinte metros das ruínas e ainda não via nada.

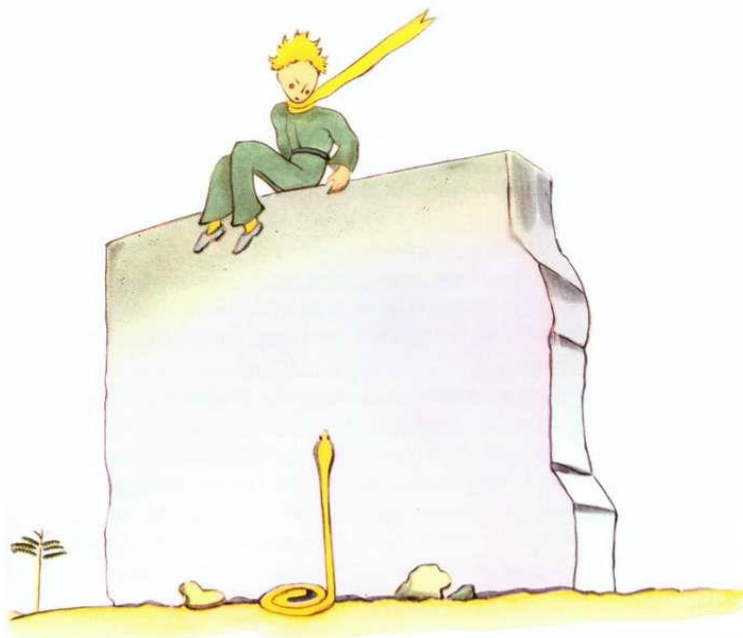
Após um silêncio, o príncipezinho disse:

- Tens um veneno bom? De certeza que não me vais fazer sofrer durante muito tempo?

Estaquei, com a garganta apertada, mas ainda sem perceber nada.

- Anda, agora vai-te embora que eu quero descer - disse ele. Então, foi a minha vez de olhar para a parte debaixo das ruínas: dei um salto! O que ali estava, de cabeça esticada para o príncipezinho, era uma daquelas serpentes amarelas que não demoram trinta segundos a executar uma pessoa!

Desatei a correr, procurando a pistola no bolso. Mas, ao ouvir-me, a serpente deslizou suavemente para a areia, como um jacto de água a morrer, escapando-se depois por entre as pedras sem grandes pressas e com um leve ruído metálico.



Cheguei às ruínas mesmo a tempo de apanhar o meu pequeno príncipe no ar, branco como a neve.

- Mas o que vem a ser isto? Agora pões-te a falar com serpentes?

Desenrolara-lhe o seu eterno cachecol de ouro. Molhara-lhe as têmporas e dera-lhe de beber. E agora já não tinha coragem de lhe perguntar nada. Ele olhou para mim com um ar muito sério e deitou-me os braços ao pescoço. Sentia-lhe o coração bater como o de um passarinho ferido de morte por um tiro de espingarda. Disse-me:

- Estou muito contente por teres achado o que faltava à tua máquina. Agora já podes voltar para casa...

- Como é que sabes?

Eu vinha precisamente anunciar-lhe que, contra todas as expectativas, sempre acabara por conseguir reparar o avião.

Não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

- Também eu vou voltar hoje para casa...

E depois, com uma grande melancolia:

- É bem mais longe... É bem mais difícil...

Eu sentia de facto que se estava a passar qualquer coisa de extraordinário. Tinha-o nos meus braços, como um bebé, mas parecia-me senti-lo deslizar verticalmente para um abismo sem que eu pudesse fazer nada para o impedir...

Estava com um olhar muito sério, perdido lá muito ao longe.

- Tenho a tua ovelha. E tenho a caixa para a ovelha. E tenho o açaimo...

E sorriu com uma grande melancolia.

Fiquei muito tempo à espera. Sentia que, a pouco e pouco, ele começava a reanimar-se:

- Então! Isso é que foi ter medo!

Voltei a sentir-me gelado pela sensação do irreparável. E tive consciência de que me era insuportável pensar que nunca mais ouviria aquele riso. Para mim, era como uma fonte no meio do deserto.

- Quero ouvir-te rir mais uma vez, meu rapazinho!

Mas ele disse:

- Esta noite vai fazer um ano. A minha estrela há-de estar precisamente por cima do lugar onde eu caí no ano passado...

- Ora ouve lá: essa história da serpente e de tu ires ter com ela e da estrela é tudo um sonho mau, não é?

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse:

- O que é importante, não se vê...

- Pois não...

- É como com a flor. Quando se ama uma flor que está plantada numa estrela, é bom olhar para o céu, à noite. É que todas as estrelas ficam floridas...

- Pois ficam...

- E é como com a água. A que tu me deste de beber era como uma música, por causa da roldana e da corda... Lembras-te?.. Era tão boa!

- Pois era...

- Depois, à noite, pões-te a olhar para as estrelas. A minha é pequenina demais para se ver daqui. Mas é melhor assim: para ti, a minha estrela vai ser uma estrela qualquer. Assim gostas de olhar para as estrelas todas... Todas elas serão tuas amigas. E agora vou dar-te uma prenda!

E voltou a rir.

- Ah, meu menino, meu menino, como eu gosto de ouvir esse teu riso!

- É precisamente a minha prenda... É como com a água...

- O que é que isso quer dizer?

- As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para os viajantes, as estrelas são guias. Para outros, não passam de luzinhas. Para outros, os cientistas, são problemas. Para o meu homem de negócios, eram ouro. Mas todas essas estrelas estão caladas. Tu, tu vais ter estrelas como mais ninguém...

- O que é que isso quer dizer?

- À noite, pões-te a olhar para o céu e, como eu moro numa delas, como eu me estou a rir numa delas, para ti, é como se todas as estrelas se rissem! Vais ser a única pessoa no mundo que tem estrelas capazes de rir!

E voltou a rir.

- E quando te tiveres consolado (porque acabamos sempre por nos consolar), hás-de sentir-te muito contente por me teres conhecido. Hás-de ser sempre meu amigo. Vai-te apetecer rir comigo. E, às vezes, sem mais nem menos, vai-te dar para abrir a janela, só porque é bom... E os teus amigos hão-de ficar de boca aberta quando te ouvirem rir a olhar para o céu. Mas tu dizes-lhes: "Pois é! As estrelas sempre me deram vontade de rir!" E eles ficam a pensar que tu estás maluco. Rica partida que eu te vou pregar, não é?

E voltou a rir.

- É como se, em vez de estrelas, eu te desse quinhentos milhões de guizinhos capazes de rir!

E voltou a rir. Depois, fez-se sério e disse:

- Esta noite... Vê lá se percebes... Não venhas comigo.

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!

- Mas há-de parecer que me dói muito... Há-de parecer que estou a morrer. Tem de ser assim. Não venhas ver uma coisa dessas que não vale a pena.

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!

Mas ele estava preocupado:

- Se digo isto, também é por causa da serpente. Não quero que ela te morda. As serpentes são más. São capazes de morder as pessoas só por gosto...

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!

Mas houve qualquer coisa que o fez ficar mais sossegado:

- Também é verdade que elas já não têm veneno para a segunda mordidela...

À noite, não dei por ele se ir embora. Escapou-se de ao pé de mim, sem fazer barulho nenhum. Quando consegui apanhá-lo, ia a andar com uma passada rápida e decidida. Só disse:

- Ah! Estás aí...

E deu-me a mão. Mas continuava preocupado:

- Fizeste mal. Vais ter pena. Vai parecer que eu estou morto e não é verdade...

Eu continuava calado.



- Percebes? .. É que é muito longe e eu não posso levar este corpo...
É pesado de mais...

Eu continuava calado.

- Mas é como uma velha casca abandonada. As cascas velhas não são uma coisa triste...

Eu continuava calado.

Começou a perder coragem. Mas fez mais um esforço:

- Vai ser bom, sabes? Eu também vou olhar para as estrelas. E todas as estrelas vão ser poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me vão dar de beber...

Eu continuava calado.

- Vai ser tão divertido! Tu vais ter quinhentos milhões de guizinhos e eu, quinhentos milhões de fontes...

E também ele se calou porque estava a chorar...

- É aqui ... Deixa-me dar um passo sozinho.

E sentou-se, porque estava com medo.



E ainda acrescentou:

- É por causa da minha flor, percebes? Eu sou responsável por ela. E ela é tão fraca! E tão ingénua! Só tem quatro espinhos que não valem nada para se proteger do mundo inteiro...

Também eu me senti porque já não me aguentava de pé. O príncipezinho disse:

- Pronto... É tudo...

Ainda hesitou durante um bocadinho, mas sempre acabou por se levantar. Deu um passo. Eu, eu não consegui sequer fazer um gesto.

Foi só um clarão amarelo no seu tornozelo. Ficou parado por um instante. Não gritou. Caiu de mansinho, como caem as árvores. Nem sequer fez barulho, por causa da areia.



* * * * *

Ao lado do poço, havia um velho muro em ruínas.

Il y avait, à côté du puits, une ruine de vieux mur de pierre.

No dia seguinte, à tardinha, ao voltar do trabalho, ainda vinha longe quando avistei o príncipezinho sentado lá em cima, com as pernas a baloiçar.

Lorsque je revins de mon travail, le lendemain soir, j'aperçus de loin mon petit prince assis là-haut, les jambes pendantes.

E ouvi a voz dele:

Et je l'entendis qui parlait :

- Então, não te lembras? Não é bem aqui...

- Tu ne t'en souviens donc pas ? disait-il. Ce n'est pas tout à fait ici !

Devia haver mais alguém, porque ele replicou:

Une autre voix lui répondit sans doute, puisqu'il répliqua :

- Sim! Sim! É hoje, de certeza! Mas não é bem aqui...

- Si ! Si ! c'est bien le jour, mais ce n'est pas ici l'endroit...

Continuei a caminhar em direcção às ruínas.

Je poursuivis ma marche vers le mur.

Ainda não via nem ouvia ninguém.

Je ne voyais ni n'entendais toujours personne.

Mas o príncipezinho voltou a replicar:

Pourtant le petit prince répliqua de nouveau :

- ... Claro! Basta veres onde é que o rasto das minhas passadas começa e esperas por mim.

- ... Bien sûr. Tu verras où commence ma trace dans le sable. Tu n'as qu'à m'y attendre.

Eu vou lá ter esta noite.

J'y serai cette nuit.

Eu encontrava-me a vinte metros das ruínas e ainda não via nada.

J'étais à vingt mètres du mur et je ne voyais toujours rien.

Após um silêncio, o príncipezinho disse:

Le petit prince dit encore, après un silence :

- Tens um veneno bom?

– *Tu as du bon venin ?*

De certeza que não me vais fazer sofrer durante muito tempo?

Tu es sûr de ne pas me faire souffrir longtemps ?

Estaquei, com a garganta apertada, mas ainda sem perceber nada.

Je fis halte, le cœur serré, mais je ne comprenais toujours pas.

- Anda, agora vai-te embora que eu quero descer - disse ele.

– *Maintenant va-t'en, dit-il... je veux redescendre !*

Então, foi a minha vez de olhar para a parte debaixo das ruínas: dei um salto!

Alors j'abaissai moi-même les yeux vers le pied du mur, et je fis un bond !

O que ali estava, de cabeça esticada para o príncipezinho, era uma daquelas serpentes amarelas que não demoram trinta segundos a executar uma pessoa!

Il était là, dressé vers le petit prince, un de ces serpents jaunes qui vous exécutent en trente secondes.

Desatei a correr, procurando a pistola no bolso.

Tout en fouillant ma poche pour en tirer mon revolver, je pris le pas de course,

Mas, ao ouvir-me, a serpente deslizou suavemente para a areia, como um jacto de água a morrer,
mais, au bruit que je fis, le serpent se laissa doucement couler dans le sable, comme un jet d'eau qui meurt,

escapando-se depois por entre as pedras sem grandes pressas e com um leve ruído metálico.
et, sans trop se presser, se faufila entre les pierres avec un léger bruit de métal.

Cheguei às ruínas mesmo a tempo de apanhar o meu pequeno príncipe no ar, branco como a neve.

Je parvins au mur juste à temps pour y recevoir dans les bras mon petit bonhomme de prince, pâle comme la neige.

- Mas o que vem a ser isto?

- *Quelle est cette histoire-là !*

Agora pões-te a falar com serpentes?

Tu parles maintenant avec les serpents !

Desenrolara-lhe o seu eterno cachecol de ouro.

J'avais défait son éternel cache-nez d'or.

Molhara-lhe as têmporas e dera-lhe de beber.

Je lui avais mouillé les tempes et l'avais fait boire.

E agora já não tinha coragem de lhe perguntar nada.

Et maintenant je n'osais plus rien lui demander.

Ele olhou para mim com um ar muito sério e deitou-me os braços ao pescoço.

Il me regarda gravement et m'entoura le cou de ses bras.

Sentia-lhe o coração bater como o de um passarinho ferido de morte por um tiro de espingarda.

Je sentais battre son cœur comme celui d'un oiseau qui meurt, quand on l'a tiré à la carabine.

Disse-me:

Il me dit :

- Estou muito contente por teres achado o que faltava à tua máquina.

– Je suis content que tu aies trouvé ce qui manquait à ta machine.

Agora já podes voltar para casa...

Tu vas pouvoir rentrer chez toi...

- Como é que sabes?

– Comment sais-tu !

Eu vinha precisamente anunciar-lhe que, contra todas as expectativas, sempre acabara por conseguir reparar o avião.

Je venais justement lui annoncer que, contre toute espérance, j'avais réussi mon travail !

Não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

Il ne répondit rien à ma question, mais il ajouta :

- Também eu vou voltar hoje para casa...

– Moi aussi, aujourd'hui, je rentre chez moi...

E depois, com uma grande melancolia:

Puis, mélancolique :

- É bem mais longe... É bem mais difícil...

– C'est bien plus loin... c'est bien plus difficile...

Eu sentia de facto que se estava a passar qualquer coisa de extraordinário.

Je sentais bien qu'il se passait quelque chose d'extraordinaire.

Tinha-o nos meus braços, como um bebé,

Je le serrais dans les bras comme un petit enfant,

mas parecia-me senti-lo deslizar verticalmente para um abismo
et cependant il me semblait qu'il coulait verticalement dans un abîme

sem que eu pudesse fazer nada para o impedir...
sans que je pusse rien pour le retenir...

Estava com um olhar muito sério, perdido lá muito ao longe.
Il avait le regard sérieux, perdu très loin :

- Tenho a tua ovelha. E tenho a caixa para a ovelha.
– *J'ai ton mouton. Et j'ai la caisse pour le mouton.*

E tenho o açaimo...
Et j'ai la muselière...

E sorriu com uma grande melancolia.
Et il sourit avec mélancolie.

Fiquei muito tempo à espera.
J'attendis longtemps.

Sentia que, a pouco e pouco, ele começava a reanimar-se:
Je sentais qu'il se réchauffait peu à peu :

- Então! Isso é que foi ter medo!
– *Petit bonhomme, tu as eu peur...*

Voltei a sentir-me gelado pela sensação do irreparável.
De nouveau je me sentis glacé par le sentiment de l'irréparable.

E tive consciência de que me era insuportável pensar que nunca mais
ouviria aquele riso.
*Et je compris que je ne supportais pas l'idée de ne plus jamais entendre
ce rire.*

Para mim, era como uma fonte no meio do deserto.
C'était pour moi comme une fontaine dans le désert.

- Quero ouvir-te rir mais uma vez, meu rapazinho!
– *Petit bonhomme, je veux encore t’entendre rire...*

Mas ele disse:
Mais il me dit :

- Esta noite vai fazer um ano.
– *Cette nuit, ça fera un an.*

A minha estrela há-de estar precisamente por cima do lugar onde eu caí no ano passado...
Mon étoile se trouvera juste au-dessus de l’endroit où je suis tombé l’année dernière...

- Ora ouve lá: essa história da serpente e de tu ires ter com ela e da estrela é tudo um sonho mau, não é?
– *Petit bonhomme, n’est-ce pas que c’est un mauvais rêve cette histoire de serpent et de rendez-vous et d’étoile...*

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse:
Mais il ne répondit pas à ma question. Il me dit :

- O que é importante, não se vê...
– *Ce qui est important, ça ne se voit pas...*

- Pois não...
– *Bien sûr...*

- É como com a flor.
– *C’est comme pour la fleur.*

Quando se ama uma flor que está plantada numa estrela, é bom olhar para o céu, à noite.
Si tu aimes une fleur qui se trouve dans une étoile, c’est doux, la nuit, de regarder le ciel.

É que todas as estrelas ficam floridas...
Toutes les étoiles sont fleuries.

- Pois ficam...

– *Bien sûr...*

- E é como com a água.

– *C'est comme pour l'eau.*

A que tu me deste de beber era como uma música, por causa da roldana e da corda...

Celle que tu m'as donnée à boire était comme une musique, à cause de la poulie et de la corde...

Lembras-te?.. Era tão boa!

tu te rappelles... elle était bonne.

- Pois era...

– *Bien sûr...*

- Depois, à noite, pões-te a olhar para as estrelas.

– *Tu regarderas, la nuit, les étoiles.*

A minha é pequenina demais para se ver daqui.

C'est trop petit chez moi pour que je te montre où se trouve la mienne.

Mas é melhor assim: para ti, a minha estrela vai ser uma estrela qualquer.

C'est mieux comme ça. Mon étoile, ça sera pour toi une des étoiles.

Assim gostas de olhar para as estrelas todas...

Alors, toutes les étoiles, tu aimeras les regarder...

Todas elas serão tuas amigas.

Elles seront toutes tes amies.

E agora vou dar-te uma prenda!

Et puis je vais te faire un cadeau...

E voltou a rir.

Il rit encore.

- Ah, meu menino, meu menino, como eu gosto de ouvir esse teu riso!

– *Ah ! petit bonhomme, petit bonhomme j'aime entendre ce rire !*

- É precisamente a minha prenda... É como com a água...

– *Justement ce sera mon cadeau... ce sera comme pour l'eau...*

- O que é que isso quer dizer?

– *Que veux-tu dire ?*

- As pessoas têm estrelas que não são as mesmas.

– *Les gens ont des étoiles qui ne sont pas les mêmes.*

Para os viajantes, as estrelas são guias.

Pour les uns, qui voyagent, les étoiles sont des guides.

Para outros, não passam de luzinhas.

Pour d'autres elles ne sont rien que de petites lumières.

Para outros, os cientistas, são problemas.

Pour d'autres, qui sont savants, elles sont des problèmes.

Para o meu homem de negócios, eram ouro.

Pour mon businessman elles étaient de l'or.

Mas todas essas estrelas estão caladas.

Mais toutes ces étoiles-là se taisent.

Tu, tu vais ter estrelas como mais ninguém...

Toi, tu auras des étoiles comme personne n'en a...

- O que é que isso quer dizer?

– *Que veux-tu dire ?*

- À noite, pões-te a olhar para o céu e, como eu moro numa delas, como eu me estou a rir numa delas, para ti, é como se todas as estrelas se rissem!

- Quand tu regarderas le ciel, la nuit, puisque j'habiterai dans l'une d'elles, puisque je rirai dans l'une d'elles, alors ce sera pour toi comme si riaient toutes les étoiles.

Vais ser a única pessoa no mundo que tem estrelas capazes de rir!
Tu auras, toi, des étoiles qui savent rire !

E voltou a rir.
Et il rit encore.

- E quando te tiveres consolado (porque acabamos sempre por nos consolar), há-de sentir-te muito contente por me teres conhecido.

- Et quand tu seras consolé (on se console toujours) tu seras content de m'avoir connu.

Hás-de ser sempre meu amigo.
Tu seras toujours mon ami.

Vai-te apetecer rir comigo.
Tu auras envie de rire avec moi.

E, às vezes, sem mais nem menos, vai-te dar para abrir a janela, só porque é bom...

Et tu ouvriras parfois ta fenêtre, comme ça, pour le plaisir...

E os teus amigos hão-de ficar de boca aberta quando te ouvirem rir a olhar para o céu.

Et tes amis seront bien étonnés de te voir rire en regardant le ciel.

Mas tu dizes-lhes: "Pois é! As estrelas sempre me deram vontade de rir!"
Alors tu leur diras : « Oui, les étoiles, ça me fait toujours rire ! »

E eles ficam a pensar que tu estás maluco.
Et ils te croiront fou.

Rica partida que eu te vou pregar, não é?

Je t'aurai joué un bien vilain tour...

E voltou a rir.

Et il rit encore.

- É como se, em vez de estrelas, eu te desse quinhentos milhões de guizinhos capazes de rir!

– Ce sera comme si je t'avais donné, au lieu d'étoiles, des tas de petits grelots qui savent rire...

E voltou a rir. Depois, fez-se sério e disse:

Et il rit encore. Puis il redevint sérieux :

- Esta noite... Vê lá se percebes... Não venhas comigo.

– Cette nuit... tu sais... ne viens pas.

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!

– Je ne te quitterai pas.

- Mas há-de parecer que me dói muito...

– J'aurai l'air d'avoir mal...

Há-de parecer que estou a morrer.

j'aurai un peu l'air de mourir.

Tem de ser assim.

C'est comme ça.

Não venhas ver uma coisa dessas que não vale a pena.

Ne viens pas voir ça, ce n'est pas la peine...

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!

– Je ne te quitterai pas.

Mas ele estava preocupado:

Mais il était soucieux.

- Se digo isto, também é por causa da serpente.
– *Je te dis ça... c'est à cause aussi du serpent.*

Não quero que ela te morda.
Il ne faut pas qu'il te morde...

As serpentes são más.
Les serpents, c'est méchant.

São capazes de morder as pessoas só por gosto...
Ça peut mordre pour le plaisir...

- Vou! Vou! Não te quero abandonar!
– *Je ne te quitterai pas.*

Mas houve qualquer coisa que o fez ficar mais sossegado:
Mais quelque chose le rassura :

- Também é verdade que elas já não têm veneno para a segunda mordidela...
– *C'est vrai qu'ils n'ont plus de venin pour la seconde morsure...*

À noite, não dei por ele se ir embora.
Cette nuit-là je ne le vis pas se mettre en route.

Escapou-se de ao pé de mim, sem fazer barulho nenhum.
Il s'était évadé sans bruit.

Quando consegui apanhá-lo, ia a andar com uma passada rápida e decidida.
Quand je réussis à le rejoindre il marchait décidé, d'un pas rapide.

Só disse:
Il me dit seulement :

- Ah! Estás aí...
– *Ah ! tu es là...*

E deu-me a mão. Mas continuava preocupado:
Et il me prit par la main. Mais il se tourmenta encore :

- Fizeste mal. Vais ter pena.
– *Tu as eu tort. Tu auras de la peine.*

Vai parecer que eu estou morto e não é verdade...
J'aurai l'air d'être mort et ce ne sera pas vrai...

Eu continuava calado.
Moi je me taisais.

- Percebes? ..
– *Tu comprends.*

É que é muito longe e eu não posso levar este corpo...
C'est trop loin. Je ne peux pas emporter ce corps-là.

É pesado de mais...
C'est trop lourd.

Eu continuava calado.
Moi je me taisais.

- Mas é como uma velha casca abandonada.
– *Mais ce sera comme une vieille écorce abandonnée.*

As cascas velhas não são uma coisa triste...
Ce n'est pas triste les vieilles écorces...

Eu continuava calado.
Moi je me taisais.

Começou a perder coragem.
Il se découragea un peu.

Mas fez mais um esforço:
Mais il fit encore un effort :

- Vai ser bom, sabes?
– *Ce sera gentil, tu sais.*

Eu também vou olhar para as estrelas.
Moi aussi je regarderai les étoiles.

E todas as estrelas vão ser poços com uma roldana enferrujada.
Toutes les étoiles seront des puits avec une poulie rouillée.

Todas as estrelas me vão dar de beber...
Toutes les étoiles me verseront à boire...

Eu continuava calado.
Moi je me taisais.

- Vai ser tão divertido!
– *Ce sera tellement amusant !*

Tu vais ter quinhentos milhões de guizinhos e eu, quinhentos milhões de fontes...
Tu auras cinq cents millions de grelots, j'aurai cinq cents millions de fontaines...

E também ele se calou porque estava a chorar...
Et il se tut aussi, parce qu'il pleurait...

- É aqui ... Deixa-me dar um passo sozinho.
– *C'est là. Laisse-moi faire un pas tout seul.*

E sentou-se, porque estava com medo.
Et il s'assit parce qu'il avait peur.

E ainda acrescentou:
Il dit encore :

- É por causa da minha flor, percebes? Eu sou responsável por ela.
– *Tu sais... ma fleur... j'en suis responsable !*

E ela é tão fraca!

Et elle est tellement faible !

E tão ingénua!

Et elle est tellement naïve.

Só tem quatro espinhos que não valem nada para se proteger do mundo inteiro...

Elle a quatre épines de rien du tout pour la protéger contre le monde...

Também eu me sentei porque já não me aguentava de pé.

Moi je m'assis parce que je ne pouvais plus me tenir debout.

O principezinho disse:

Il dit :

- Pronto... É tudo...

– *Voilà... C'est tout...*

Ainda hesitou durante um bocadinho, mas sempre acabou por se levantar.

Il hésita encore un peu, puis il se releva.

Deu um passo.

Il fit un pas.

Eu, eu não consegui sequer fazer um gesto.

Moi je ne pouvais pas bouger.

Foi só um clarão amarelo no seu tornozelo.

Il n'y eut rien qu'un éclair jaune près de sa cheville.

Ficou parado por um instante.

Il demeura un instant immobile.

Não gritou.

Il ne cria pas.

Caiu de mansinho, como caem as árvores.

Il tomba doucement comme tombe un arbre.

Nem sequer fez barulho, por causa da areia.

Ça ne fit même pas de bruit, à cause du sable.

CAPÍTULO 27 – CHAPITRE 27

E agora, claro, já lá vão seis anos... Nunca contei esta história a ninguém. Os meus colegas, quando me viram, tiveram uma grande alegria por me tornarem a ver vivo. Eu estava triste, mas ia-lhes dizendo: "É do cansaço... "

Agora já me sinto um bocado mais consolado. Ou seja... não completamente. Mas tenho a certeza de que o príncipezinho voltou lá para o seu planeta porque, ao nascer do dia, não encontrei o seu corpo. Afinal, não era um corpo tão pesado como isso... E depois, à noite, gosto de ouvir as estrelas. São quinhentos milhões de guizinhos...

Mas aconteceu uma coisa incrível. Imaginem que me esqueci de pôr uma correia no açaimo que desenhei para o príncipezinho! Ele nunca o pode ter posto na ovelha! E fico a pensar: "O que é que se terá passado lá no planeta dele? Se calhar, a ovelha comeu a flor... "

Mas, outras vezes, também penso: " Claro que não! O príncipezinho põe a flor todas as noites debaixo da redoma e, de dia, não tira os olhos da ovelha... " E sinto-me feliz. E todas as estrelas se põem a rir de mansinho.

Mas, outras vezes, também penso: "Nada mais natural do que uma distracção. É só o que é preciso... Se calhar, uma bela noite, o príncipezinho esqueceu-se da redoma de vidro... ou então a ovelha escapou-se-lhe durante a noite, sem fazer barulho nenhum... " E todos os guizinhos se transformam em lágrimas...

Que grande mistério! Vão ver que, para vocês, que gostam tanto do príncipezinho como eu, nada no Universo fica na mesma se, algures, não se sabe bem onde, uma ovelha tiver comido uma rosa...

Ora olhem para o céu e pensem: " A ovelha terá ou não terá comido a flor?" Vão ver como tudo fica diferente...

E nenhuma pessoa grande há-de alguma vez perceber como isso é importante!

* * * * *

E agora, claro, já lá vão seis anos...
Et maintenant, bien sûr, ça fait six ans déjà...

Nunca contei esta história a ninguém.
Je n'ai jamais encore raconté cette histoire.

Os meus colegas, quando me viram, tiveram uma grande alegria por me tornarem a ver vivo.
Les camarades qui m'ont revu ont été bien contents de me revoir vivant.

Eu estava triste, mas ia-lhes dizendo: "É do cansaço... "
J'étais triste mais je leur disais : « C'est la fatigue... »

Agora já me sinto um bocado mais consolado.
Maintenant je me suis un peu consolé.

Ou seja... não completamente.
C'est-à-dire... pas tout à fait.

Mas tenho a certeza de que o principezinho voltou lá para o seu planeta porque, ao nascer do dia, não encontrei o seu corpo.
Mais je sais bien qu'il est revenu à sa planète, car, au lever du jour, je n'ai pas retrouvé son corps.

Afinal, não era um corpo tão pesado como isso...
Ce n'était pas un corps tellement lourd...

E depois, à noite, gosto de ouvir as estrelas.
Et j'aime la nuit écouter les étoiles.

São quinhentos milhões de guizinhos...
C'est comme cinq cent millions de grelots...

Mas aconteceu uma coisa incrível.
Mais voilà qu'il se passe quelque chose d'extraordinaire.

Imaginem que me esqueci de pôr uma correia no açaimo que desenhei para o principezinho!

La muselière que j'ai dessinée pour le petit prince, j'ai oublié d'y ajouter la courroie de cuir !

Ele nunca o pode ter posto na ovelha!

Il n'aura jamais pu l'attacher au mouton.

E fico a pensar: "O que é que se terá passado lá no planeta dele?"

Alors je me demande : « Que s'est-il passé sur sa planète ?

Se calhar, a ovelha comeu a flor... "

Peut-être bien que le mouton a mangé la fleur... »

Mas, outras vezes, também penso:

Tantôt je me dis :

" Claro que não!

« Sûrement non !

O principezinho põe a flor todas as noites debaixo da redoma e, de dia, não tira os olhos da ovelha... "

Le petit prince enferme sa fleur toutes les nuits sous son globe de verre, et il surveille bien son mouton... »

E sinto-me feliz.

Alors je suis heureux.

E todas as estrelas se põem a rir de mansinho.

Et toutes les étoiles rient doucement.

Mas, outras vezes, também penso:

Tantôt je me dis :

"Nada mais natural do que uma distração. É só o que é preciso...

« On est distrait une fois ou l'autre, et ça suffit !

Se calhar, uma bela noite, o principezinho esqueceu-se da redoma de vidro... ou então a ovelha escapou-se-lhe durante a noite, sem fazer barulho nenhum... "

Il a oublié, un soir, le globe de verre, ou bien le mouton est sorti sans bruit pendant la nuit... »

E todos os guizinhos se transformam em lágrimas...

Alors les grelots se changent tous en larmes !...

Que grande mistério!

C'est là un bien grand mystère.

Vão ver que, para vocês, que gostam tanto do principezinho como eu,

Pour vous qui aimez aussi le petit prince, comme pour moi,

nada no Universo fica na mesma se, algures, não se sabe bem onde, uma ovelha tiver comido uma rosa...

rien de l'univers n'est semblable si quelque part, on ne sait où, un mouton que nous ne connaissons pas a, oui ou non, mangé une rose...

Ora olhem para o céu e pensem:

Regardez le ciel. Demandez-vous :

" A ovelha terá ou não terá comido a flor?"

le mouton oui ou non a-t-il mangé la fleur ?

Vão ver como tudo fica diferente...

Et vous verrez comme tout change...

E nenhuma pessoa grande há-de alguma vez perceber como isso é importante!

Et aucune grande personne ne comprendra jamais que ça a tellement d'importance !

CAPÍTULO 28 – CHAPITRE 28

Para mim, esta é a mais bela e mais triste paisagem do mundo. É a mesma paisagem da página anterior, mas eu voltei a desenhá-la para vocês a verem melhor. Foi aqui que o principezinho fez a sua aparição na Terra e, depois, desapareceu.

Fixem bem esta paisagem para a poderem reconhecer se um dia fizerem uma viagem a África e forem ao deserto. Se passarem por este sítio, suplico-vos: não tenham pressa, fiquem um bocadinho à espera mesmo por baixo da estrela! Se vier um menino ler convosco, um menino que se está sempre a rir, com cabelos cor de ouro e que nunca responde quando se lhe faz uma pergunta, já sabem quem ele é. E então, por favor, sejam simpáticos! Não me deixem assim triste: escrevam-me depressa a dizer que ele voltou...



* * * * *

Para mim, esta é a mais bela e mais triste paisagem do mundo.

Ça c'est, pour moi, le plus beau et le plus triste paysage du monde.

É a mesma paisagem da página anterior, mas eu voltei a desenhá-la para vocês a verem melhor.

C'est le même paysage que celui de la page précédente, mais je l'ai dessiné une fois encore pour bien vous le montrer.

Foi aqui que o príncipezinho fez a sua aparição na Terra e, depois, desapareceu.

C'est ici que le petit prince a apparu sur terre, puis disparu.

Fixem bem esta paisagem para a poderem reconhecer se um dia fizerem uma viagem a África e forem ao deserto.

Regardez attentivement ce paysage afin d'être sûrs de le reconnaître, si vous voyagez un jour en Afrique, dans le désert.

Se passarem por este sítio, suplico-vos: não tenham pressa, fiquem um bocadinho à espera mesmo por baixo da estrela!

Et, s'il vous arrive de passer par là, je vous en supplie, ne vous pressez pas, attendez un peu juste sous l'étoile !

Se vier um menino ler convosco, um menino que se está sempre a rir, com cabelos cor de ouro e que nunca responde quando se lhe faz uma pergunta, já sabem quem ele é.

Si alors un enfant vient à vous, s'il rit, s'il a des cheveux d'or, s'il ne répond pas quand on l'interroge, vous devinerez bien qui il est.

E então, por favor, sejam simpáticos!

Alors soyez gentils !

Não me deixem assim triste: escrevam-me depressa a dizer que ele voltou...

Ne me laissez pas tellement triste : écrivez-moi vite qu'il est revenu...